

# AS LACUNAS DE ÓRION

escritos com a experiência na Educação Social

Mariana Horlle

rever sobre a experiên  
nos enche de perguntas  
que fazer com isso.  
está no papel, mais real ainda  
narrar suas experiências, acabar  
a os fatos, ou a existênci  
lação.

TURNO MANHÃ

G3

G1

EDUCADOR(A):  
TURNO TARDE

SASE MENINO CRI  
UNIDADE VILA  
ATENDIME

do livro  
Turmas corporis  
cipis is pacis

3.56 a R\$ 37  
4. Obituário d  
12.06 a R\$ 41  
18. dedução d  
06/95 4.564.5

CONT

7. 06 R\$ 1.751.81 89  
8. 05 1.751.82 89  
9. 04 1.751.83 89





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA: FILOSOFIAS DA DIFERENÇA E EDUCAÇÃO

Mariana Hörlle

As lacunas de Órion  
escritos com a experiência na Educação Social

Porto Alegre, 2020

### CIP - Catalogação na Publicação

Horlle, Mariana  
As Lacunas de Órion: escritos com a experiência na  
Educação Social / Mariana Horlle. -- 2020.  
187 f.  
Orientador: Máximo Daniel Lamela Adó.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de  
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. ficção. 2. escrita. 3. documentário. 4.  
experiência. 5. formação docente. I. Adó, Máximo  
Daniel Lamela, orient. II. Título.

Mariana Hörlle

As lacunas de Órion:  
escritos com a experiência na Educação Social

Dissertação apresentada  
ao Programa de Pós-  
Graduação em Educação da  
Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul como requisito  
para obtenção do título de  
mestra em Educação

**Orientador:** Prof. Dr. Máximo  
Daniel Lamela Adó

Linha de pesquisa: Filosofias  
da Diferença e Educação

Defendido em 29 de outubro de 2020.

---

Prof. Dr. Máximo Daniel Lamela Adó (orientador)

---

Prof. Dr. Leandro Rogério Pinheiro (UFRGS)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Angélica Vier Munhoz (UNIVATES)

---

Prof. Dr. Ricardo Burg Ceccim (UFRGS)



## **AGRADECIMENTOS**

Somos seres interdependentes, e este trabalho não poderia ser realizado sem o apoio de muitas pessoas. E a elas agradeço.

Aos meus pais, André e Maria Helena, que foram incansáveis na minha educação, que me proporcionaram experiências com a arte desde muito jovem e me apoiaram na minha decisão de ser artista. Ao meu pai, que me ensinou a lutar com honestidade e à minha mãe, que me fez perceber que a educação está também no doméstico.

À Natacha, que me mostrou que é preciso ocupar espaços e afirmar que o amor é, sim, revolucionário. Minha companheira de vida e luta, obrigada pela dedicação e olhar atento e pelas conversas ao pé do ouvido.

Ao meu orientador, Máximo, que me apresentou suas leituras e dividiu seu amor pela literatura, me incentivando a escrever com paixão, apoiando minhas ideias e contribuindo para uma pesquisa autoral, incentivando minha autonomia dentro do grupo de pesquisa.

Às mulheres do Atedpo: Marcela, parceira desde o primeiro dia de PPE, companheira de cevas, dona dos gatos mais queridos (Miguel e Antônio) e cuja escrita me inspirou a construir esse trabalho. Daisy, que me ensinou o valor do coletivo, dividiu histórias da Educação Social, e me mostrou que escrever junto é possível. Steph, companheira meditadora que, com seu olhar fotográfico, me apresentou Virgínia e a delicadeza dos detalhes. OM TARE TUTTARE TAM SOHA. Duda, dona do rubor mais meigo, que me ensinou a pensar nos meus começos e a olhar com doçura e com firmeza, para as questões que me movem. Bruna, rainha das frases de efeito, que me mostrou a preciosidade da vida, o valor do trabalho e me incentivou a ser mais audaciosa na escrita. Aline, que me mostrou a potência do olhar feminino e a perceber que é preciso escrever o que a pele sente. Eu sozinha ando bem, mas com vocês ando melhor!

Aos meninos do Atedpo: Robson, pelas conversas sobre viagens no tempo e aventuras (im)possíveis. Um Samuel Beckett Diego, pelo olhar aos imponderáveis e ao improviso. Luiz, pelo fôlego de leitura e escrita.

À UFRGS, que me proporcionou os melhores anos da vida. Ao PPGEDU e à CAPES pelo financiamento e a possibilidade de pesquisar um assunto tão querido para mim.

À banca de qualificação, Prof<sup>a</sup> Angélica Munhoz, Prof<sup>a</sup> Sônia Matos e Prof. Leandro Ribeiro, pela leitura atenciosa e pelos apontamentos.

À banca de defesa, Prof<sup>a</sup> Angélica Munhoz, Prof. Leandro Ribeiro, Prof. Ricardo Ceccim, pela pronta disponibilidade de ler este trabalho e pelo carinho demonstrado no momento do convite.

Aos meus alunos, que me ensinam todos os dias a existir, resistir e a lutar para serem ouvidos. Escrevo este trabalho na esperança que não seja mais necessário falar sobre a fome. Que vocês também possam estar aqui, dentro de uma Universidade pública, gratuita e de qualidade, mostrando o valor da cultura popular e a importância de uma pluralidade de ideias no espaço acadêmico.

Ao Bartô, Pema e Tucupi, que são a alegria dos meus dias.



Dizem que o Brasil já foi bom. Mas eu não sou da época do Brasil bom... Hoje eu fui me olhar no espelho. Fiquei horrorizada. O meu rosto é quase igual ao de minha saudosa mãe. E estou bem dente. Magra. Pudera! O medo de morrer de fome!

Quarto de despejo, Carolina Maria de Jesus



## **RESUMO**

A formação docente passa pelo estudo teórico, pela prática, mas também passa pela experiência. Experiência é aquilo que nos arrebatamos, em um sentido muito mais amplo do que algo que acontece. A experiência é dotada de sentido. Transformar a experiência em palavras é trazer sentido para ela. A dissertação traz as experiências na Educação Social para pensar a docência em espaços de educação, não necessariamente um espaço escolar. Incluindo cartas, documentos, cenas cotidianas, faz um relato da vida na periferia e da relação professor, aluno e instituição. Uma escrita-documentário, onde a ficção adiciona narrativas, tensionando a noção de real ou verdadeiro. A escrita ficcional como uma lente de aumento às dificuldades do fazer docente, bem como às possibilidades de criação, uma forma de operar o pensamento em educação.

**Palavras-chave:** ficção; escrita; documentário; experiência; formação docente.



## RÉSUMÉ

La formation des enseignants implique l'étude théorique, la pratique, mais aussi l'expérience. L'expérience est ce qui nous éloigne, dans un sens beaucoup plus large que quelque chose qui arrive. L'expérience est dotée de sens. Transformer l'expérience en mots, c'est lui donner un sens. Cette Mémoire apporte les expériences en éducation sociale pour réfléchir à l'enseignement dans les espaces d'éducation, pas nécessairement un espace scolaire. Comprenant des lettres, des scènes de tous les jours, il rend compte de la vie à la périphérie et de la relation entre enseignant, élève et institution. Une écriture documentaire, où la fiction ajoute des récits, mettant en tension la notion de réel ou de vrai. L'écriture de fiction comme loupe des difficultés d'enseignement, ainsi que des possibilités de création, une manière d'opérer la pensée dans l'éducation.

**Mots-clés :** fiction ; l'écriture ; documentaire ; expérience ; formation des enseignants.



## SUMÁRIO

PRÓLOGO	03
Fala de Paulo Lima	05
Chegada em Órion	17
Mapa	21
Carta para Bárbara	23
Características desejáveis para o educador social	27
Diário e157	28
ADMINISTRATIVO	29
Carta para Espertirina	31
Mapa Menino Cristão	35
Planejamento	36
Controle de Atendimentos	37
Carta do Presidente da Menino Cristão	38
Ata administrativa	39
Carta da Gestora da Vila Órion	42
1.	44
2.	47
Diário e157	48
Gastos do Mês	49
REFEITÓRIO	51
Carta para Espertirina (II)	53
Folder Seja um Patrocinador	56
Transcrição de áudio	57
Gastos do mês	59
Carta para Margarida	60
3.	64
Advertência disciplinar	66
4.	67
Diário e157	70
PÁTIO, QUADRA DE ESPORTES E EDUCAÇÃO AMBIENTAL	73
CARTA do Presidente da Menino Cristão	75
Ata da reunião pedagógica	76
Carta para Nise	79
Diário e157	85

Gastos do mês	86
5.	87
Linguarudo	89
Advertência disciplinar	90
Carta para Antonieta	92
Bilhete	95
Carta do Presidente da Menino Cristão	96
6.	98
Diário e157	100
Carta para Carolina	101
Carta para Carolina (II)	104
SALAS DE AULA	105
Carta para Nísia	107
7.	110
Diário e157	114
8.	115
Carta para Dawa Drolma	118
Gastos do mês	120
RUA	121
Gastos do mês	123
Carta de demissão	124
Carta para Mariana	125
9.	130
Diário e157	133
EPÍLOGO	135
minha boca tapada com a máscara	137
Dona Neide	140
Notas de rodapé de um texto invisível	145
Precisamos falar sobre a fome	147
Órion e a escrita ficcional	150
Escrita documentário	153
A literatura é o que nos torna humanos	157
Músicas periféricas	160
Imagens	161
ESCRITO COM	162



# PRÓLOGO



Obrigada pela compreensão de todos, aí. A minha vida não tá fácil, eu assumi uma luta que, como a Daniela falou, é difícil, mas eu não deixei de ser um rapaz comum. Que eu preciso trabalhar e continuar levando sustento para a minha família e tudo mais...

Bom, eu queria iniciar falando uma coisa, manos. Agora a gente tá falando sobre a pandemia, né? **Mas antes da pandemia, eu acho que o povão já vivia um pandemônio, né.** Então a gente tem a pandemia e o pandemônio. Qual que é a caminhada? É... Se você tem uma pandemia, um vírus, né, que ele não é classista, que ele não é racista, que ele pega todo mundo: gente branca, gente preta, pobre, rico, o trabalhador, todo mundo... aí surge essa ideia de que é todo mundo contra a pandemia. E, realmente, tem que ser todo mundo contra a pandemia mesmo. A gente tem que lutar pra acabar com essa coisa de pandemia, poder sair desse momento escuro e viver algo... viver algo melhor, né. Mas e o pandemônio, tá ligado?

Há um mês atrás, há um mês e meio atrás alguém chegou na casa da minha sogra, deu um tiro na cabeça do meu cunhado, no braço da minha esposa, tudo isso na frente da minha filha de dois anos de idade. Isso é um pandemônio, mano. **Só que o pandemônio ele é o que? Ele é classista, né. Ele é racista, ele pega uma parte só né. Então, ninguém tá nem aí pro pandemônio, não é isso? O pandemônio é deles, a pandemia é de todo mundo, então todo mundo contra a pandemia.** Então, eu posso ser duro, eu posso ser grosso na coisa, no jeito que eu vou falar, **mas pra mim a pandemia ela foi o... uma brecha pra mim poder falar do meu pandemônio. Porque a pandemia ela me pegou também, mas intensificando o pandemônio, certo?** Então eu gostaria de dizer isso. A vida dos entregadores hoje, na rua, ela, ela tá... o sofrimento deles tá sendo intensificado pela pandemia, né. Ou seja, o pandemônio tá sendo intensificado pela pandemia, certo? Por isso que os entregadores antifascistas nascem.

Qual é a ideia dos entregadores antifascistas? É um movimento de empoderamento do trabalhador. No que que a gente acredita? **A gente acredita que política é uma ferramenta. De transformação. E que o trabalhador tem que se apoderar dessa ferramenta chamada política pra se empoderar.** Então nós somos um movimento de empoderamento do trabalhador. Essa que é a nossa fita, certo? Qual que é o objetivo dos

entregadores antifascistas? **Conseguir fazer com que os aplicativos garantam o café da manhã, almoço, janta, lanche da tarde e lanche da madrugada, certo? Tem gente que acha que isso aí é pouco. Tem gente que ainda acha que isso é pouco.**

Pra mim, representa um rastro de vínculo empregatício, que, no futuro, alguns advogados, alguns juristas vão conseguir palpar pra conseguir fazer esses aplicativos garantirem o vínculo empregatício. Por que esses aplicativos têm que reconhecer o vínculo empregatício?

Porque se a gente for pegar o neoliberalismo... eu não sou o cara mais inteligente do mundo pra ficar falando essas coisas, mas eu levo uma e falo, certo? Ó: o neoliberalismo é um desdobramento do capitalismo. A uberização é um desdobramento da revolução industrial. O que que aconteceu na revolução industrial? Chegou uma nova tecnologia. A máquina. Que era pra fazer o trabalhador produzir mais, o patrão ficar feliz e liberar o trabalhador pra ficar mais tempo com a família dele. Com a nenezinha dele e com a esposa dele, né? Não foi isso o que aconteceu. O patrão percebeu que a máquina fazia o serviço de dez, então o que que ele fez? Mandou nove embora e ficou só com um. A revolução industrial não tinha como ser barrada. Porque não tem essa de falar que uma tecnologia nova chegou e a gente não vai utilizar, mas ela foi feita de modo irresponsável. Hoje nós temos a uberização. A uberização também tá sendo feita de modo irresponsável. Como que a gente faz pra regrar isso? Vamo assinar a carteira da rapaziada, mano. Vamo mostrar que a gente não quer só sair crescendo aí, virar unicórnio e ir na televisão falando que é isso, que é aquilo, que crescemos rápido. Se cês cresceram rápido, é porque cês saíram pisando na cabeça dos outros. Na minha, na dos companheiro e na das companheira. É por isso que cês cresceu tão rápido, por nenhum outro motivo. Porque o valor de mercado de vocês tá estabelecido em cima do não-vínculo empregatício. O dia que nós peão, trabalhador, operário, fizer vocês reconhecer o vínculo empregatício, que que vai acontecer? O valor de mercado de vocês vai cair, certo? Cês acham que eu vou ficar triste? Eu não vou ficar triste.

**Porque eu acho que a coisa que mais deu errado nesse mundo aqui foi o capitalismo. A gente tem racismo, fascismo, homofobia, mas pra mim é galhos, tudo são galhos. O Bolsonaro é um fruto. Então você tem uma raiz egoísta, um tronco capitalista, galhos que são fascismo,**

**homofobia, racismo, e frutos que são Bolsonaro, Hitlers, Mussolinis, Pinochets, parará, parará e parará, certo? Eu não vou ficar batendo no fruto e eu também não vou ficar batendo no galho, respeitando os que batem no fruto e respeitando os que batem no galho. Mas eu acredito que a gente tem que bater logo no tronco. É isso que eu acredito, certo? Sem ficar rodeando muito.** Desculpe o jeito que eu falo que o meu jeito que eu falo é assim mesmo, eu posso tá errado em umas coisas, certo nas outras, mas eu saio falando, certo? **Então qual que é a fita? Vamo bater o machado no tronco e vamo derrubar.** E eu não tô colocando o comunismo como solução do capitalismo. Eu só tô dizendo que esse capitalismo deu errado, mano. E não deu errado só pra mim que sou peão, pro meus companheiros, pro meus parceiros, pra minha família. Deu errado pra todo mundo. Deu errado até pro ricão, que ele acha que ele é o Batman. Porque é engraçado, né. Os ricos gostam do Batman e o pobre gosta do Coringa, né?

Então, qual que é a fita do Batman? O Batman tem o Bruce Wayne. Cês perceberam que o dinheiro do Bruce Wayne não acaba? Não acaba, mano. Gasta, gasta, gasta e não acaba. Ele compra Gotham City inteira e não acaba. Os ricos acha que é o Batman, compra a capa do Batman, veste a capa do Batman. Não existe Bruce Wayne. Por de baixo do Batman é um endividado. O Bruce Wayne não é endividado. É assim que eu falo pra vocês que o capitalismo deu errado. Pra mim, pros peão, pra vocês também. Você aí que tá achando que comprou o amor da sua esposa, você comprou só a presença dela. Porque amor não compra. **E o capitalismo odeia tudo o que ele não consegue comprar.** Amor, amizade, verdade, sinceridade, companheirismo... o capitalismo odeia. E tenta desmerecer tudo aquilo que ele não consegue comprar. Porque o sonho do rico é comprar o mundo inteiro, certo? O rico acha que o mundo é o parque de diversão dele, não é? Cês não pode comprar o mundo inteiro. Cês não pode comprar o respeito dos seus filhos, cês não pode comprar o amor da sua esposa, cês não pode comprar a amizade dos teus amigo, entendeu? É por isso que deu errado, mano. É por isso que deu errado.

Vamo falar da pandemia? Lógico que a gente tem que falar da pandemia, até porque... até porque a maioria que tá começando a morrer agora é nós também né. É louco isso, né, mano? O lugar mais longe que eu

fui, o lugar mais longe que eu fui na minha vida foi na Bahia, visitar meus vô. Nunca fui pra Itália, nunca fui pra China, né? E o pessoal do meu bairro eu também não vejo ir pra Itália, não vejo ir pra China, não vejo ir pra Europa. Não foi nós que trouxe esse vírus pra cá. Também não tô colocando na conta. O vírus tá começando a pegar nós de uma forma... cabulosa, mano. Duma forma cabulosa. É mais favelado, é mais pobre, é mais peão que tá sofrendo. É um monte de entregador que tá na rua aí, exposto no vírus, certo? E ainda sim ó, é aquilo né. A pandemia intensifica o pandemônio. As pessoa olha pra nós, as pessoa já olhava pra nós estranho. Agora nos olha assim: será? Será que esse cara tá infectado, trazendo a minha comida? A gente parece um vírus ambulante andando por aí, na percepção da sociedade, né. Então, bom, mano, eu acho que é isso aí. A gente tem que lutar pela... pra lutar contra a pandemia, se unir e tal, tal, tal. Mas e o pandemônio, né? **E o pandemônio, como é que a gente vai fazer com o pandemônio quando a pandemia passar? A gente vai fingir que não aconteceu nada? As criança vai continuar caindo dos elevador? As criança vai ficar tomando tiro na favela? O pandemônio, nada. O pandemônio não tem problema nenhum, o problema mesmo é a pandemia.**

Desculpa aí, mano, se eu sou bruto e posso parecer insensível com a coisa, mas é que às vez é difícil ficar fingindo algumas coisas, certo? Pra mim é um pouco difícil, morô? Então os entregadores antifascistas nascem com essa pretensão de empoderar o trabalhador, morô? Nós acredita que entregador é todo mundo. Se você entrega sua força de trabalho, você é um entregador. E eu posso parecer pretensioso no que eu tô falando aqui agora, mas a ideia é que um dia a classe trabalhadora no plano geral se una, morô? **Se una, pra gente bater o machado nesse tronco aí, derrubar essa árvore, ficar sempre vigilante pra não deixar ela crescer de novo. E um dia tentar descobrir como é que a gente vai arrancar essa raiz do egoísmo, né?** Que é difícil, né? Mas tentar encontrar soluções, morô? É nisso que eu acredito, mano. Mudar o mundo... não dá pra mudar o mundo sozinho, quem quer mudar o mundo sozinho é Hitler, Mussolini, Bolsonaro, certo? Nós tem que mudar o mundo junto. Então o que é que eu faço?

Não vou sair por aí tentando convencer os outros porque eu já disse que eu não tenho poder de convencer ninguém. Quem me convenceu a ser quem eu sou é a vida, quem convenceu você a ser quem você é, é a

vida. Eu só tô falando a minha verdade. Se a minha verdade se conectar com o coração de vocês, nós vai se unir e vai gritar essa verdade e vai sair gritando por aí essa verdade. E cada vez mais conectando pessoas, morô? Através dessa verdade. E aí através dessa verdade a gente conseguir mudar o mundo, certo? Pra ser entregador antifascista, uma das coisas que você tem que fazer é abdicar dessa ideia de querer ser rico. Não é voto de pobreza, nós não quer ser rico. Nós quer viver melhor. **Pra viver melhor, todo mundo tem que viver melhor, morô? O companheiro que tá do lado, o companheiro que tá desse lado, o companheiro que tá atrás, o companheiro que tá na frente, todo mundo tem que viver melhor. Porque senão não dá pra viver melhor. Que cê vive melhor sabendo que seu companheiro tá sofrendo?**

Tá ali, ó... Não, tem que... Todo mundo na mesma batida, certo? Então, pra ser entregador antifascista já tem que tirar esse sentimento no coração de ser... de querer ser rico, o vencedor. Eu tenho um problema com o vencedor, morô, mano? Eu falo que eu tenho um problema com .... é louco, né mano. O pessoal, os cara que não gosta de mim me chama de comunista e os cara que gosta de mim me chama de comunista. Tô quase acreditando que eu sou comunista mesmo, na coisa, certo? Porque de tanto que eu sou chamado de comunista... eu não falo que eu sou comunista porque eu nunca li o Capital do Carlinho Marx, eu não tenho como falar que eu sou uma coisa que eu não entendo. Mas a fita é o seguinte, ó, a caminhada é o seguinte: é... peraí, perdi o raciocínio.

A caminhada é da seguinte forma, ó: esse negócio do vencedor e do perdedor, pra mim é ó... quando eu falo que eu não quero ser um vencedor, os cara acha que eu sou um perdedor. É igual quando os cara falam mal do capitalismo os cara fala: ah, então o comunismo é a solução? Não, não precisa ser o comunismo. Eu gosto do comunismo, né. O comunismo tem a ideia de empoderar o trabalhador. Como é que o Galo não vai gostar do comunismo? Não tem como o Galo não gostar do comunismo, né? Se é um movimento de empoderar o trabalhador. Mas os cara acha que quando eu falo mal do capitalismo eu tô colocando o comunismo como a solução. Não, só tô falando mal do capitalismo. Deu errado. Pra mim, pra você, pra todo mundo. Pra todo mundo, certo? É igual quando eu falo mal do vencedor. Os cara acha que eu tô querendo ser perdedor. Não é isso, eu tô... nós tá

acima ó, do vencedor e do perdedor. É tão louco que nós é que não tem nem o nome, não consigo nem achar um nome pra isso. O que que é estar acima do vencedor e do perdedor? É um bagulho tão grande que eu não consigo viver isso sozinho, eu precisei chamar os companheiro pra viver junto comigo. Nós vai descobrir o nome qualquer hora. O que que é isso que tá acima do vencedor e do perdedor? Esse negócio de vencer pra mim não tá com nada, mano. Vencer o que, mano? Vencer quem, mano? Vencer o que?

Tinha um monte de movimento da hora aí, ó, que tinha uma verdade no coração e tava aí na luta querendo fazer as coisa diferente, se perdeu no momento que começou a querer vencer. Se perdeu no momento que começou a querer vencer. Esse negócio de vencer não tá com nada, mano. Esse negócio de vencer não tá com nada. É igual o pra ontem, né? Esse negócio do pra ontem? **É o capitalismo que coloca nós pra ontem. A vida não é pra ontem. A vida é pra hoje, mano.** Nós tá ficando velho mais rápido. O capitalismo deu errado, mano. Nós precisa mostrar pras pessoa, falar as verdade que nós tem no coração. Ó, fala assim, ó. Chega pra cara do seu patrão e fala assim, ó: **ô patrão, existe força de trabalho sem você, mas não existe você sem força de trabalho.** É uma verdade, é uma verdade. Mil mentiras não matam uma verdade. Uma verdade mata mil mentiras. Fala só pra levar uma. Tô brincando, faz isso não que o cara vai te mandar embora e eu não quero ser o culpado, firmeza? Mas só tô dando o salve. Porque assim, ó. Eu sou um trabalhador que gosta de levar uma, por que que eu gosto de levar uma? Porque eu fico imaginando o trabalhador, o peão, que um dia levantou de manhã e falou assim: hoje eu vou levar uma pro meu patrão, vou chegar nele e vou falar que nós tem direito de descansar trinta dias. Como é que eu vou dar o nome disso? Férias! Eu imagino a cara desse patrão. Esse patrão deve ter ficado louco com esse peão, né? Então eu sou de levar uma com o patrão, tem que levar uma com o patrão.

Pro patrão entender que o mundo não é o parque de diversão dele não, certo? Então essa é minhas ideia, certo, mano? Essa é minhas ideia sobre o que... sobre o que eu penso, sobre o que eu entendo.

Deixa eu ver o que o pessoal tá falando aqui porque senão eu tô falando demais e coisa... aí, ó, tenho mais cinco minutos, certo? Cinco



minutos o Galo fala pra caramba. Ó, deixa eu falar uma coisa pra vocês, ó. Eu criei... no começo, eu tentei fazer isso sozinho. Quando eu fui atrás dos meus companheiro motoboy, que eu achava que era motoboy ainda, porque eu trabalho de motoboy desde dois mil e doze, eu achava que os companheiro ia entender minha ideia. Os companheiro me mandou pra Cuba e falou que eu tava tirando eles de mendigo e de passar fome, que minha luta por comida tava tirando. Que eles devia lutar, que eu devia lutar pra eles ganhar melhor pra eles comprar a própria comida.

Como é que eu faço pra fazer mal pra você? Eu conto uma mentira pra você. Eu não tenho como contar uma verdade. Falar assim: ô, fulano, vem cá que eu vou dar um soco na sua cara. Tem que falar que: ô, fulano, vem cá que eu tenho um negócio pra você. E quando você chega eu dou um soco na sua cara. Então qual que é a mentira que esses aplicativo contou pra nós? Pra dar soco na cara da gente? Que nós é empreendedor. E os companheiro acreditou, né? É igual lá atrás, né, quando os cara queria descobrir as fuga, eles pegava um, colocava na casa grande lá, vestia um pouquinho melhor, dava uma comidinha melhor, aí o que que acontecia? Esse cara achava que era branco e caguetava as fuga, né? Não é diferente. O modo operandis deles não mudou. Continua a mesma coisa. Quando fala que os cara quer desmerecer minha comida, eu tenho uma coisa pra falar pra você, ó.

Se vocês voltassem lá atrás e perguntasse pros cara o que que os cara queria, ele não ia falar que queria que a chibata doesse menos, que a calça fosse menos rasgada, que tivesse um cobertor pra ele se esquentar à noite, não ia falar essas fita. Ele ia falar: Quero liberdade! E poucas. Nós quer liberdade. E não fica de muita conversinha não. **Então o que que nós quer? Comida, mano. Comida. Que nem isso nós tem. Morô? Nós trabalha com fome carregando comida nas costa. Essa é a verdade.** E se meus companheiro achar que eu tô tirando eles de passar fome. Companheiro, aí é com você, é uma coisa de vocês. Cês entende o que vocês quiser entender. Mas eu sei o que eu passo eu sei o que o meus outros companheiro passa, certo, e eu não caí aí nessa ideia de empreendedorismo. Sou força de trabalho, certo? **Eu sou força de trabalho, tenho muito orgulho em ser força de trabalho.** Quero que seja valorizado, que nós tem aí a CLT, beleza.

A CLT não é mil maravilhas, né, igual várias coisa que nós tem. Mil

coisas aí que nós tem não é mil maravilhas. Mas não é porque não é mil maravilhas que nós vai jogar no lixo. Nós também não vai ficar... o patrão vai ficar falando e nós vai ficar catando as ideia do patrão, né? O patrão tá se achando o fodão inteligentão vira pra nós e fala que política não tá com nada. Esses rico, ó o que que eles fizeram? Eles sabotaram a política no Brasil pra eles se vender como solução, esses Luciano Hulk, esses João Dória aí, ó, querendo falar que: eu agora vou administrar o Brasil porque olha o que eu fiz pra minha empresa. Esses político não tá com nada, eu sou um gestor. Eu tenho um recado pra vocês: ô Luciano Hulk, João Dória, vocês aí patrão, tá certo? Deixa eu falar um recado pra vocês, ó. Brasil não é empresa não, bonito. E o cidadão não vai ser seu funcionário. Então quer dizer que você vai ser o patrão, você vai ser o presidente, e o cidadão vai ser seu funcionário. Sai daí, louco! Sai daí, o Brasil não é empresa não, mano. Você não vai conseguir fazer pelo Brasil o que você fez pela sua empresa, não. Porque o que que cê fez com a sua empresa? Oprimiu um monte de gente.

Cês acha que esse dinheiro todo que cês tem é de vocês. Não é de vocês não, mano. Todo esse dinheiro que vocês têm aí não é de vocês não, mano. Entendeu? Cês tem que aprender a dividir as coisa. Cês é egoísta, cês é egoísta.

**E se cês acha que o capitalismo é uma coisa que alguém controla, não é. O capitalismo já tem autonomia, mano, já tem a inteligência artificial deles. Ele opera através do nosso próprio egoísmo, da nossa vontade de vencer. Dessa nossa vontade de comprar, certo?** O bagulho deu errado, mano, os cara fica falando aqui ó compra, compra, compra, compra, compra, na hora que cê compra os cara fala paga, paga, paga, paga, paga, mano. Do pobre ao rico todo mundo é tratado como lixo pelo capitalismo. É que o rico não consegue enxergar porque ele acha que a praia dele, que o apartamento dele, que o carro dele é tudo na... Não é, mano. Não é. Ó, ô ricão, deixa eu falar uma fita pra você, ô ricão. Eu, junto com a minha filha, ó, nós fica lá na janela vendo pipa, que minha nenê é louca por pipa. Nós fica lá uma hora, duas hora vendo pipa, se amando, brincando. Quanto tempo que cê não faz isso com o seu filho? Cê não consegue nem ver seu filho não te respeita mais, seu filho tá internado num vídeo game. A hora que ele virar adolescente ele vai pras droga, porque ele não tem como expressar o bagulho dele, não tem você, ali, ó. Porque cê acha que as

coisa é mais importante. **As coisa não é mais importante, não. As pessoa é mais importante, mano. As pessoa é mais importante, mano.** Vencer, mano? O que que tem pra vencer? Não tem nada pra vencer, mano.

Nóis tem é pra convencer, mano. Tem que vencer, nada, nós tem que é convencer, mano. **Convencer de que nós é ser humano capaz de viver nesse mundo, mano. Morô?** Que senão esse mundo vai exterminar nós, mano. A hora que esse mundo entender que nós tá fazendo muito mal pra ele, sabe o que que ele vai fazer? Ele vai se renovar, mano, ele vai se reciclar, vai dar espaço pra outro ser vir, evoluir, tentar fazer melhor, mano. Certo? Simples, simples, simples. Certo? Pessoal eu acho que eu já falei demais aí, mano. Brigado pela oportunidade aí, eu saí correndo no meio de São Paulo aí pra tentar chegar aqui pra fazer essa live aí pra trocar uma ideia com vocês, que é importante, certo?

**As coisa que eu tenho pra falar é importante.** Eu falo que eu sou igual ao Racionais nos anos noventa, eu tenho algo a dizer, explicar pra você e essas coisa é muito importante, certo? Porque a gente precisa construir um futuro melhor. Eu fico falando aí que eu sou um doido querendo mudar o mundo tentando encontrar outros doido que quer mudar o mundo junto comigo, pra mim não ficar falando sozinho, entendeu? Pra mim ficar com outros companheiro aí, não, companheiros e companheiras. É que assim, ó. Eu aprendi que no final cê tira o E e coloca o X, né. Então é companheiros com X, pra ser todo mundo na coisa, firmeza? Tamo junto aí mano. Ah, e ó: change ponto org barra entregadores na pandemia é o nosso abaixo-assinado. Nós é político de rua.

Ah, e tem outro recado, ó. Os cara que acha que eu quero ser político institucional, eu nunca vou ser um político institucional, mano. Não porque eu desrespeito a política institucional, **mas porque eu acho que o Brasil tá precisando de mais político de rua.** Sabe quem era político de rua? Mahatma Gandhi, Paulo Freire, Malcom X, Martin Luther King, Steve Biko, Samora Machel, Tuisant Louverture. Esses cara aí era tudo político de rua. Emiliano Zapata, né? Tupac Amaru, eu acho que nós tá precisando de mais político de rua no Brasil. Aí parece que todo mundo que começa a falar e a aparecer um pouco as pessoa fala: ah, esse cara aí eu acho que vai ser o novo Lula. Sai daí, mano. Sai daí, mano. Sai daí, mano. Todo o respeito ao companheiro Lula, que eu, nossa, eu respeito. Se tem uma coisa que

ninguém consegue fazer eu é botar eu pra falar mal do companheiro Lula. Por mais que tenha um bagulho que aconteceu que fica meio assim...., mas eu não falo, certo? Eu não falo, eu não falo. Eu nunca, eu não rasgo minhas coisa. O Lula pra mim é igual a CLT, certo? Não tá bom, tem que melhorar, mas não é por isso que eu vou jogar fora. É meu. Certo, mano? É meu. É meu. Sem Lula eu também não ia ter Galo, sem Mano Brown não ia ter Galo, sem todo esses cara que eu amo aí não ia ter Galo, certo?

**Minha escola política foi o hip hop, eu sou uma das criança do hip hop que amadureceu, eu tô com trinta ano de idade, tô na minha fase de amadurecimento, eu sou uma das criança do hip hop. E cês vai se surpreender quando as criança do hip hop começar a aparecer por aí, firmeza? Nós vai mudar o mundo mesmo. Nós fala que vai mudar o mundo e nós vai mudar mesmo.** Firmeza? Já falei pra caramba, não quero ficar falando muito mais porque senão o pessoal vai achar que eu sou abusado e não vai me convidar mais, firmeza? Falou!

\*\*\*

Oba! Então, foi duas pergunta, né? Se tem como rolar um app dos entregadores, né, pros próprios entregadores gerir e movimentar nossa economia, nossa própria economia dos trabalhador e a outra pergunta foi... se teve o bloqueio, né? Eu tô bloqueado nos três, mano. Eu tô bloqueado nos três. Eu trabalhava pra uber, rappi e ifood. Eu tô bloqueado no bloqueio oficial pela uber e bloqueado no não-oficial, que é aquele bloqueio que você fica online, mas não recebe mais pedido, que é pra você não ter um problema, não gerar um problema jurídico pros aplicativos. Você consegue ficar online, mas não recebe mais pedidos. Desde que eu fiz uma reportagem pra revista Exame, denunciando os aplicativos, eu tô nesse bloqueio desses dois, desses três bloqueios aí.

Se tem como rolar app? Tem, mano. **Só que aí a gente tem o capitalismo selvagem, né mano, que devora e janta tudo aquilo que tenta se levantar contra ele, certo?** Então o que é que vai acontecer se

qualquer aplicativo tentar surgir pra confrontar essa situação? Ele vai ser devorado, ele vai ser jantado. Então a gente precisa ... eu penso assim, ó. Eu gosto de... eu gosto de dizer isso aqui, ó. **A luta não é miojo, ela não fica pronta em cinco minutos, nós não começou a sofrer ontem, nós não vai parar de sofrer amanhã. A luta é pra vida toda, devagarinho, mano.** Certo? Então não é amanhã, nós vai fazer um app. Tem gente que entra em contato comigo: ô, Galo, vamo fazer um app? Não é assim, mano. Não é amanhã que vai rolar um app, não é amanhã que vai rolar um sindicato, não é amanhã que vai rolar uma associação, não é amanhã, mano. Não é amanhã, as pessoa é pra ontem, mano. As pessoa tem que parar de viver pra ontem, mano. A luta é pra vida toda, mano. E depois que a vida acabar a gente passa o bastão pros filho da gente e a luta continua. E passa pros neto e a luta vai continuando, mano. A luta vai continuando, certo?

Eu era uma criança que eu achava que os cara do rap era bandido, porque os cara do rap ficava xingando a polícia na tv, na rádio. **Eu fui atrás de um cara do rap querendo ser bandido, achando que os cara era bandido. Aí perguntei pro cara: como é que faz pra escrever um rap? Igual o seu? Ele falou assim pra mim: pra você escrever, cê tem que ler. Cê quer? Eu falei: ah, eu quero. Aí ele falou, toma aqui. Ele me deu o Negras Raízes, do Alex Haley. Eu li o livro, escrevi meu rap, ficou foda. Voltei lá e falei com ele que eu queria escrever outro, que eu queria outro livro. Ele me deu Malcom X, certo?** Então, ó o que teve que acontecer? Negras Raízes é um estudo de décadas, mano, pra ser criado. Malcom X morreu em sessenta e cinco, certo? Olha o tanto de tempo que demora a luta, mano. As coisa não é pra ontem, mano. A coisa não é pra ontem. Certo? Então app, tem que ter, vai ter, certo? Mas não é só ter a ideia do app, **tem que vir aqui, suar, sangrar com a gente, suar, chorar e sangrar com a gente pra poder fazer um app dos trabalhador mesmo.** Tem que entender, mano. Eu aprendi uma palavra com a professora Silvia, minha professora que é comunista, ela falou assim: práxis.

**O bagulho tem que vim pra práxis mano, como que se faz pra vim pra práxis?** Vai um dia e vai catar papelão com alguém da sua rua. Passa um dia inteiro catando papelão com ele, ó, e aí depois ali no meio vê o que que o cara... **é que a gente é muito arrogante, mano. A gente quer ir lá e ensinar os outro, mano. A gente tem que ouvir, mano. A gente**

**às vez ensina ouvindo.** O Paulo Freire, eu amo o Paulo Freire. Sabe por que eu amo o Paulo Freire? **Porque o Paulo Freire não foi pra Brasília criar um projeto de alfabetização em Brasília. Ele foi lá pro Nordeste bater enxada com os cara e ensinar...** aí eu acho, eu fico imaginando na minha cabeça. Eu sou aqueles cara doido que eu fico imaginando coisa na minha cabeça. Eu já imaginei na minha cabeça o Paulo Freire e o Mujica empinando pipa criança. Eu fico imaginando essas coisa na minha cabeça.

**Eu imagino que o Paulo Freire foi lá pro Nordeste e o que que fez? Ficou lá batendo enxada com os cara, ficou lá contando conversa fiada com os cara, ficou lá ouvindo os cara, ficou lá comendo marmitta com os cara, ficou lá tomando água quente lá no meio do canavial com os cara e aí numa hora que ele tava num momento descontração ali, do nada.** Eu fico imaginando essa coisa na minha cabeça, não tô falando que eu não li isso aí em algum lugar não, que eu imagino. **Aí ele tava num momento de descontração e aí ele foi lá e escreveu um A assim, na terra, e falou assim: e aí, companheiro, sabe o que que é isso? Os cara falou: o que é isso aí? Pô, isso aqui é um A. isso aqui é um B, cê quer aprender? A ler? Isso aí é práxis, práxis, práxis, práxis. Eu sou metido que eu aprendo as palavra nova e fico só falando as palavra nova toda hora.** Então é práxis, práxis, práxis, práxis. Pra mim O Capital tinha que ser assim: práxis, práxis, práxis, práxis, até o fim. Como é que chama aquele negócio lá, que fica no final? Práxis. E no começo? Práxis. O meio do livro? Práxis. Tudo práxis, firmeza? É nós!

Fala de Paulo Lima, o Galo  
Movimento dos Entregadores Antifascistas<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Fala de Paulo Lima para o curso **Pandemia e Periferias: aula 7 – A necropolítica no Brasil ontem e hoje.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LswboidArbw>  
Acesso em 23 de junho de 2020.

## CHEGADA EM ÓRION

Nunca pensei que conheceria a Vila Órion pessoalmente. Vila Órion sempre foi famosa, estrelando os principais telejornais de Boa Nova. O bairro mais violento da cidade, tráfico de drogas, briga de facções, roubos, pessoas armadas. Eu, como quase todo boa-novense, evitava passar pelo bairro, com medo dos assaltos e das balas perdidas. Infelizmente, a Vila Órion era caminho para um dos shoppings mais conhecidos da cidade, frequentado pelas pessoas da classe mais alta. Lojas onde os preços não estão nas vitrines.

Peguei um ônibus com uma rota estranha, mas me disseram que o final da linha dele era em frente a esse shopping. Durante o trajeto percebi que estava chegando na Vila, o que me fez apertar a bolsa contra o peito e esconder o celular. Vai que rolava um assalto ao ônibus? O ônibus começou a subir um morro. As ruas de chão batido das vielas iam chegando mais próximo. Eu nunca havia feito essa rota e estava ficando preocupada. Foi então que o ônibus começou a ter dificuldades para subir. Fazia um barulho estranho e perdia a velocidade. Fumaça saindo das rodas traseiras. O ônibus para. O motorista pede para descermos, pois há risco de incêndio.

Desci apavorada. Olho à minha volta e constato que estou no meio da Vila Órion. Casebres feitos de materiais diversos se amontoam pelo morro, compondo um quadro de cores e texturas desconexas. O sol quente, poucas árvores, quase nenhuma sombra para abrandar o calor. O ponto de ônibus era uma placa, no meio de uma calçada de terra. Muitos cachorros de rua perambulando.

O motorista avisa aos passageiros que é preciso esperar pelo próximo ônibus. Algumas pessoas, acho que moradores, resolvem seguir seu caminho a pé. Aquela gente estranha, aquele lugar estranho e, ainda por cima, perigoso, estava me deixando muito ansiosa. Resolvi que não queria ficar ali por nem mais um segundo. Peguei meu celular, usaria um aplicativo de transporte. Quando tirei meu celular do bolso, uma moça ficou olhando para mim. Vai me assaltar, pensei. Ao que ela me informou que esses aplicativos não buscavam nenhum passageiro naquela região, os motoristas também tinham medo do que os jornais falavam. Que o sinal de

celular era muito ruim. E que era melhor que eu esperasse o ônibus, mas que fosse paciente, porque ali os ônibus demoravam a passar. Ninguém se importa se a gente ficar esperando uma eternidade, ela disse. Aqui, fomos abandonados até por Deus, imagina a prefeitura fazer alguma coisa. E se despediu dizendo que iria fazer seu caminho até em casa a pé, pois tinha que buscar o filho na escola.

Resignada, ali fiquei. Um sol infernal me fazia suar terrivelmente. Não queria sair para não correr o risco de perder o ônibus, nem me perder no meio das ruas que não conheço. Estava ali parada há mais de uma hora. Um bando de crianças lotou a rua. Falando alto, ouvindo funk, gritando ruidosamente. Achei que era arrastão, mas vi que estavam de mochila e passaram por mim sem nem cuidar a minha bolsa.

Mais de duas horas no mesmo lugar, e nenhum ônibus, muito menos um táxi apareceu. Calor, sede e fome. As pessoas passavam por nós, muito curiosas, sempre perguntando o que havia acontecido. Estranhamente, nesse tempo todo que estava ali, não houve nenhuma tentativa de assalto. O meu nervosismo havia passado e, até o momento, não tinha visto ninguém usando armas. Muitas motos subiam na rua e tinha alguns moradores que passavam carregando sacola de compras. Todos usando roupas simples, mas nenhuma com a cara vil de um bandido. Um cachorro chegou perto de mim e depositou um graveto no meu pé. Joguei o graveto para ele e ele foi atrás para pegar. O calor estava realmente acabando comigo. Sentei no meio-fio e peguei uma folha de caderno na bolsa para me abanar.

Lugar abandonado por Deus, a moça falou.

A parte mais violenta da cidade, a imprensa falava.

Olhando bem ao meu redor, eu podia ver o abandono. Mas a violência desenfreada, pessoas más, homens armados e usando máscaras para esconder o rosto, isso eu não tinha visto. Tão comuns quanto eu. Tão gente quanto eu. Não era um lugar tão terrível, afinal de contas, só precisava de cuidado.

Enquanto eu estava longe com meus pensamentos, uma senhora veio caminhando em direção do ponto de ônibus. Olhando diretamente para mim. Fiquei tensa, me perguntando se seria agora que eu veria a violência. Mas ela sorriu. Sorriu e chegou mais perto, me ofereceu uma garrafa de água bem gelada. A senhora é um anjo, disse sorrindo de volta.



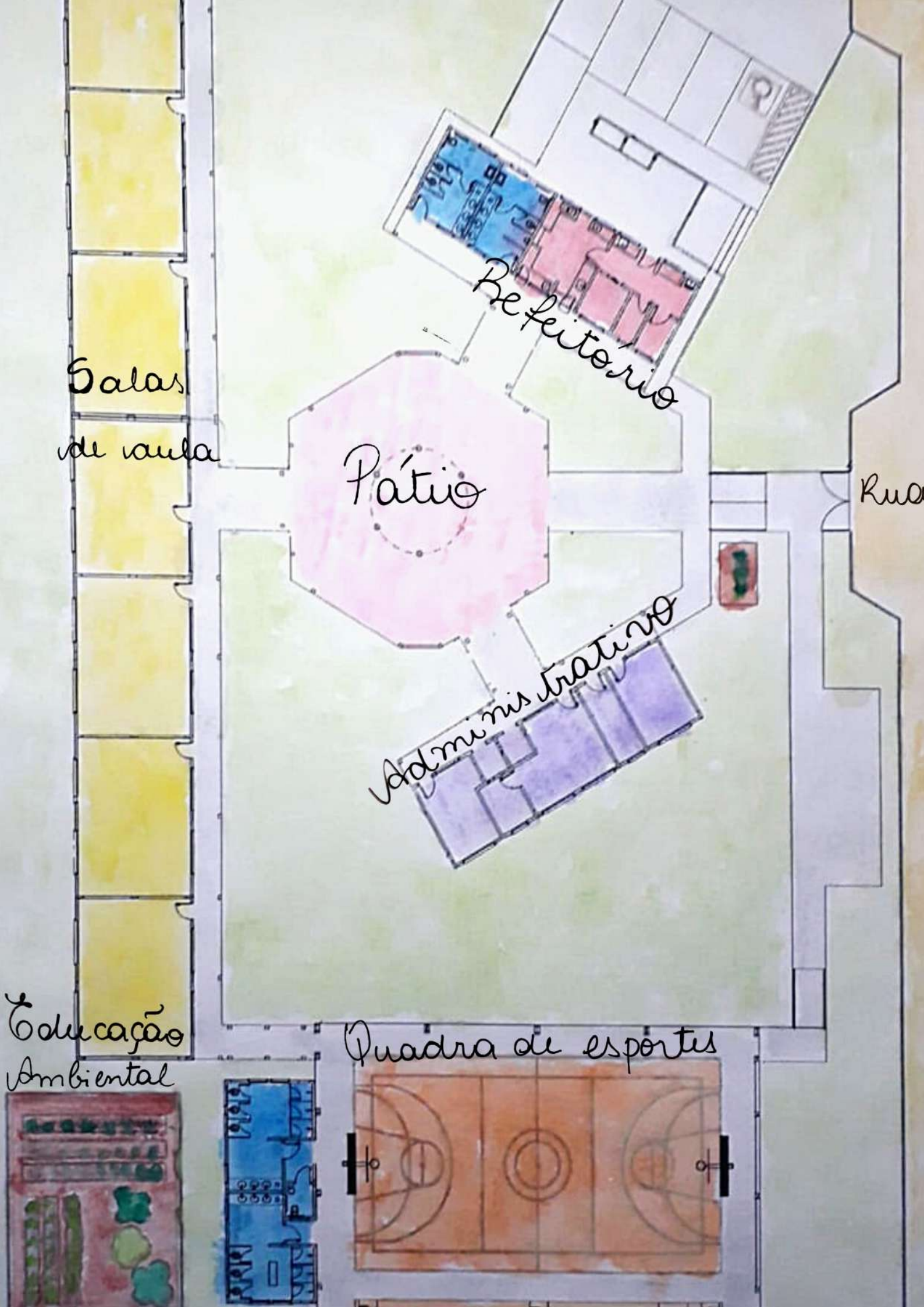
Eu vi tudo pela janela, você tava com calor. Eu trazer essa água. Ela me estendeu a água. Obrigada. A senhora tem um sotaque diferente, você é de onde, perguntei.

A água estava muito gostosa, tomei a garrafa toda. Tá boa a água, né, ela deu uma risada gostosa e alta. Eu sou do Haiti. Vim com a minha família tem 2 anos. Nossa, seu português é muito bom, disse devolvendo a garrafa para ela. Que bom você dizer isso. Você quer mais água, ela perguntou. Vem comigo pegar na escola. Eu trabalho lá assim que chego em Boa Nova. Tem escola aqui, eu perguntei. Na verdade, é uma ONG, sou cozinheira ali.

Entrei pelo portão. Três construções pequenas, com uma área coberta no centro. A pintura era recente, uma fachada azul muito bonita. Em uma parte, a cozinha. No prédio ao lado, a secretaria e as salas da psicologia e da assistência social. O refeitório fica atravessando o corredor e é possível chegar por uma área coberta, que fica no centro dos três prédios e serve também como espaço para brincadeira. No fundo, as salas de aula, de dança e informática. Andando mais um pouco havia uma quadra de esportes, um espaço para uma horta e para a educação ambiental.

Foi assim que eu conheci a Sociedade de Assistência Social e Educacional Menino Cristão.





Refeitório

Salas de aula

Pátio

Rua

Administrativo

Quadra de esportes

Educação Ambiental



**DEVE LUTAR PELA XEPA DA FEIRA E DIZER QUE ESTÁ RECOMPENSADO VOGÊ DEVE ESTAMPAR SEMPRE****UM AR DE ALEGRIA E DIZER: TUDO TEM MELHORADO VOGÊ DEVE REZAR PELO BEM DO PATRÃO E****ESQUECER QUE ESTÁ DESEMPREGADO VOGÊ MERECE VOGÊ MERECE TUDO VAI BEM****TUDO LEGAL****CERVEJA**

Boa nova, 13 de março de 2015.

**SAMBA E****AMANHÃ SEU**Querida Bárbara<sup>1</sup>,**ZÉ SE**

Escrevo sem formalismos porque quero te contar como estou feliz. Feliz e empolgada porque uma nova jornada na minha vida vai começar. Você, que é do Nordeste brasileiro, não sei se deve conhecer aqui minha região. Eu sou de Boa Nova, uma cidade do sul do país. Todo mundo fala que aqui é mais desenvolvido economicamente, que é uma região mais rica, que somos abençoados porque não temos seca, ou pior, que somos a Europa brasileira.

**ACABAREM****COM O TEU****CARNAVAL****VOGÊ****DEVE****APRENDER**

No tempo onde vivo, a nação brasileira não é mais colônia de Portugal e somos uma República Federativa. Mas vivemos sob a ótica capitalista e não somos independentes, pois nossa vida e nossas ações são determinadas pelo dinheiro. A verdade é que Boa Nova é uma metrópole. Com jeito provinciano, diga-se de passagem. Mas é uma grande cidade. E, como toda grande cidade, há muitas aglomerações de pessoas. Estas giram em torno da economia. Há bairros com muitas pessoas ricas e outros onde há pessoas mais pobres que, normalmente, trabalham para essas pessoas ricas. Os bairros dos mais pobres são conhecidos como periferias ou favelas. Aqui em Boa Nova, chamamos favela de Vila. Quem mora na Vila é vileiro, e isso é um apelido extremamente pejorativo.

**A BAIXAR****A CABEÇA****E DIZER****SEMPRE****MUITO****OBRIGADO****SÃO****PALAVRAS****QUE**

As Vilas são conhecidas pela grande imprensa como sendo os lugares mais perigosos das cidades. Crime, violência. Eu moro em uma região central e meu conhecimento sobre as vilas de Boa Nova não passava de senso comum, ditado pela imprensa. Confesso que pensava como todos os boa-novenses e evitava passar em lugares assim, com medo de tudo o que me falavam. Mas teve um dia que eu acidentalmente parei por lá e o véu da ignorância acabou por cair dos meus olhos.

**AINDA TE****DEIXAM****DIZER POR****SER HOMEM****BEM****DISCIPLI****NADO**

---

<sup>1</sup>Ver nota 2 na página 144

**DEVE POIS SÓ FAZER PELO BEM DA NAÇÃO TUDO AQUILO QUE FOR ORDENADO****PRA GANHAR UM FUSCÃO NO JUÍZO FINAL E DIPLOMA DE BEM COMPORTADO VOGÊ****MERECE VOGÊ MERECE TUDO VAI BEM TUDO LEGAL CERVEJA SAMBA E AMANHÃ SEU ZÉ SE****ACABAREM COM O TEU CARNAVAL**

Lá tem um lugar muito bacana. A Sociedade de Assistência Social e Educacional Menino Cristão, que todo mundo chama carinhosamente de SASE (lê-se /sáze/). É um lugar muito bonito, uma instituição que trabalha com Educação e Assistência Social. Vendo do portão eu não imaginei que coubesse tanta coisa naquele espaço. Que coubesse tanta criança ali. Fui apresentada para a Gerente do lugar, que, além de me mostrar a instituição, me explicou um pouco dessa comunidade.

A Vila Órion representa 5,8% da população total do município de Boa Nova, um total de 56.632 pessoas, sendo 19.350 entre zero e 19 anos de idade. Nesta região, a renda média é de até três salários mínimos, aproximadamente. Quase metade das famílias da região encontra-se em situação de pobreza ou até mesmo de extrema pobreza. Os moradores dessa comunidade dividem os graves problemas de moradia, saneamento básico, bem como a escassez de direitos sociais básicos, vivenciando altos índices de violência e a dificuldade de inserção no mercado de trabalho<sup>2</sup>. Isso tudo contribui para o processo de exclusão social, assumindo dimensões que potencializam essas vulnerabilidades.

O SASE atende 270 crianças e jovens no turno inverso escolar. É uma organização não governamental da sociedade civil<sup>3</sup> que se mantém através de convênios com a prefeitura e governo do Estado, mas também recebem muitas doações de empresas ou de pessoas físicas.

Esta é uma parte burocrática, mas que dá uma ideia da imensidão deste espaço e do número de pessoas que habitam essa região. Engraçado é que olhando para as ruas, e para aquelas casas empilhadas, é possível prever que exista muita gente, mas não o número que a Gestora me apresentou.

A melhor parte da visita foi quando cheguei no refeitório. Os alunos estavam fazendo o lanche da tarde. Me olhavam com os olhos compridos, enquanto devoravam avidamente pedaços de sanduíche. Encontro a cozinheira, uma refugiada do Haiti que havia conseguido um emprego lá.

<sup>2</sup> (PERELMAN, 2016)

<sup>3</sup> (SANTOS, 2015)

Abano para ela e a Coordenadora comenta comigo que a Vila Órion recebeu uma grande quantidade de haitianos nos últimos anos. O SASE viu a possibilidade de empregar esses refugiados para garantir que eles tenham uma vida digna no país.

Eu fiquei pensando, olhando as fotos das crianças, as propagandas nas paredes. Quem são essas crianças atendidas? Esses personagens marginalizados que estão profundamente inseridos na configuração social. Eles são parte importante no sistema político e social que vivemos. Os habitantes de Órion só funcionam economicamente, de uma forma muito cruel e precisa: fazem a última parte do trabalho, a que ninguém quer fazer, e são pagos com o mínimo<sup>4</sup>.

Eu acredito que esta instituição aqui serve justamente para tirar as crianças desse lugar social a que foram fadadas a continuar desde gerações anteriores às suas. E me alegro de ver que há uma ponta de esperança no meio do caos.

De repente, uma menina de uns oito anos chegou e me deu um abraço, encostando a cabeça na minha barriga. Qual o teu nome, ela disse. Mariana, respondi. Tu é a nova sora de Artes, ela pergunta abraçando ainda mais forte. Eu ri e respondi que não era a nova professora. Que pena, ela disse e voltou para a mesa.

Comentei com a Coordenadora que tinha formação em Teatro, mas não tinha licenciatura. Foi uma linda coincidência você ter aparecido aqui, disse ela. Estamos precisando de arte educador e não precisa ter licenciatura. Sério, eu perguntei. Que legal. Pensei o quanto seria bom eu conseguir um emprego fixo, pois não está muito fácil viver apenas fazendo teatro por aqui.

Venha amanhã para conversarmos melhor, ela falou.

Esse amanhã é hoje. Fui lá bem cedo pela manhã. Conversamos, ela me mostrou uma sala que poderia ser utilizada nas minhas aulas de teatro. Não é uma sala muito grande, mas é bem bom ter um espaço próprio para trabalhar.

---

<sup>4</sup> (FOUCAULT, 2010)

**ONDE O**  
**VENTO FAZ A**  
**CURVA,**  
**BROTA O**  
**PAPO RETO**  
**NUM DEIXO**  
**QUIETO NUM**  
**TEM COMO**  
**DEIXAR**  
**QUIETO A**  
**META É**  
**DEIXAR SEM**  
**CHÃO**  
**QUEM RIU**  
**DE NÓIS**  
**SEM TETO**  
**TENHO**  
**SANGRADO**  
**DEMAIS,**  
**TENHO**  
**CHORADO**  
**PRA**  
**CACHORRO**  
**ANO**  
**PASSADO EU**  
**MORRI MAS**

26 **NOSSA VIDA NÃO VALE A DE UM CACHORRO TRISTE HOJE CEDO NÃO ERA  
UM HIT ERA UM PEDIDO DE SOCORRO MANO RANCOR É IGUAL TUMOR ENVENENADO  
RAIZ ONDE A PLATÉIA SÓ DESEJA SER FELIZ SER FELIZ COM UMA PRESENÇA AÉREA  
ONDE A ÚLTIMA TENDÊNCIA É DEPRESSÃO COM APARÊNCIA DE FÉRIAS VOVÓ DIZ  
ODIAR O**

Ela me deu algumas cartilhas sobre a instituição, e pediu que eu lesse alguma coisa sobre Educação Social, que era o setor que eu iria começar a trabalhar na segunda-feira seguinte. Também me encaminhou para as burocracias admissionais na empresa. Exame médico, levar carteira de trabalho, fazer o vale-alimentação e o vale-transporte...

O fato é que segunda-feira eu começo no meu novo emprego na Vila Órion. Eu, que nunca me imaginei andando por aquelas ruas, entrando nessa Vila, tenho a oportunidade de trabalhar para ajudar as crianças desse lugar. Fazer alguma coisa realmente relevante. Falar de arte, fazer arte. Estou muito empolgada e feliz.

Me inspirarei na sua luta para lutar também.

Um grande abraço,

Mariana.

**DIABO É MÓ  
BOI  
DIFÍCIL  
É VIVER  
NO  
INFERNO  
E VEM  
À TONA  
QUE O  
MESMO  
IMPÉRIO  
CANALHA  
QUE NÃO TE  
LEVA A  
SÉRIO  
INTERFERE  
PRA TE  
LEVAR À  
LONA  
REVIDE  
TENHO  
SANGRADO  
DEMAIS  
TENHO  
CHORADO**

**PRA CACHORRO ANO PASSADO EU MORRI MAS ESSE ANO EU NÃO  
MORRO TENHO SANGRADO DEMAIS TENHO CHORADO PRA CACHORRO ANO  
PASSADO EU MORRI MAS ESSE ANO EU NÃO MORRO ANO PASSADO EU MORRI  
MAS ESSE ANO EU NÃO MORRO PERMITA QUE EU FALE NÃO AS MINHAS  
CIGATRIZES ELAS SÃO COADJUVANTES NÃO MELHOR FIGURANTES**





## ***CARACTERÍSTICAS DESEJÁVEIS PARA O EDUCADOR SOCIAL:***

TER UM CARÁTER OTIMISTA, DINÂMICO E ABERTO AO TRABALHO EM EQUIPE;

DESENVOLVER SUA ATIVIDADE COM CRIATIVIDADE, ENCONTRANDO SAÍDA PARA SITUAÇÕES IMPREVISÍVEIS;

TER CAPACIDADE DE SE COMUNICAR COM OS USUÁRIOS, COM OS COLEGAS E A INSTITUIÇÃO BASEADO NA COLABORAÇÃO E RESPEITO MÚTUO;

SER CAPAZ DE ANALISAR AS CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DOS PROBLEMAS SOCIAIS E TER A SENSIBILIDADE SUFICIENTE PARA NÃO SE ESCANDALIZAR DIANTE DAS SITUAÇÕES DOS USUÁRIOS;

CONTROLAR SUA EMOTIVIDADE E POSSUIR UM GRAU SUFICIENTE DE MATURIDADE PARA ENFRENTAR AS SITUAÇÕES;

SER CONSCIENTE DO SEU NÍVEL DE ESTRESSE E TER SOB CONTROLE AS CONSEQUÊNCIAS PARA COMPORTAR A RELAÇÃO DIÁRIA COM A PROBLEMÁTICA SOCIAL;

SER CAPAZ DE REFLETIR E MELHORAR A SUA PRÁTICA PROFISSIONAL, ATENDER A SUA SAÚDE INTEGRAL E ENCONTRAR ESTÍMULOS NO E FORA DO PRÓPRIO TRABALHO PARA QUE ESTE SEJA MAIS AGRADÁVEL E EFICAZ.

02 de março

Hoje eu fui com a minha mãe  
Sara.

Ela disse que eu vou comessa a estudar lá.

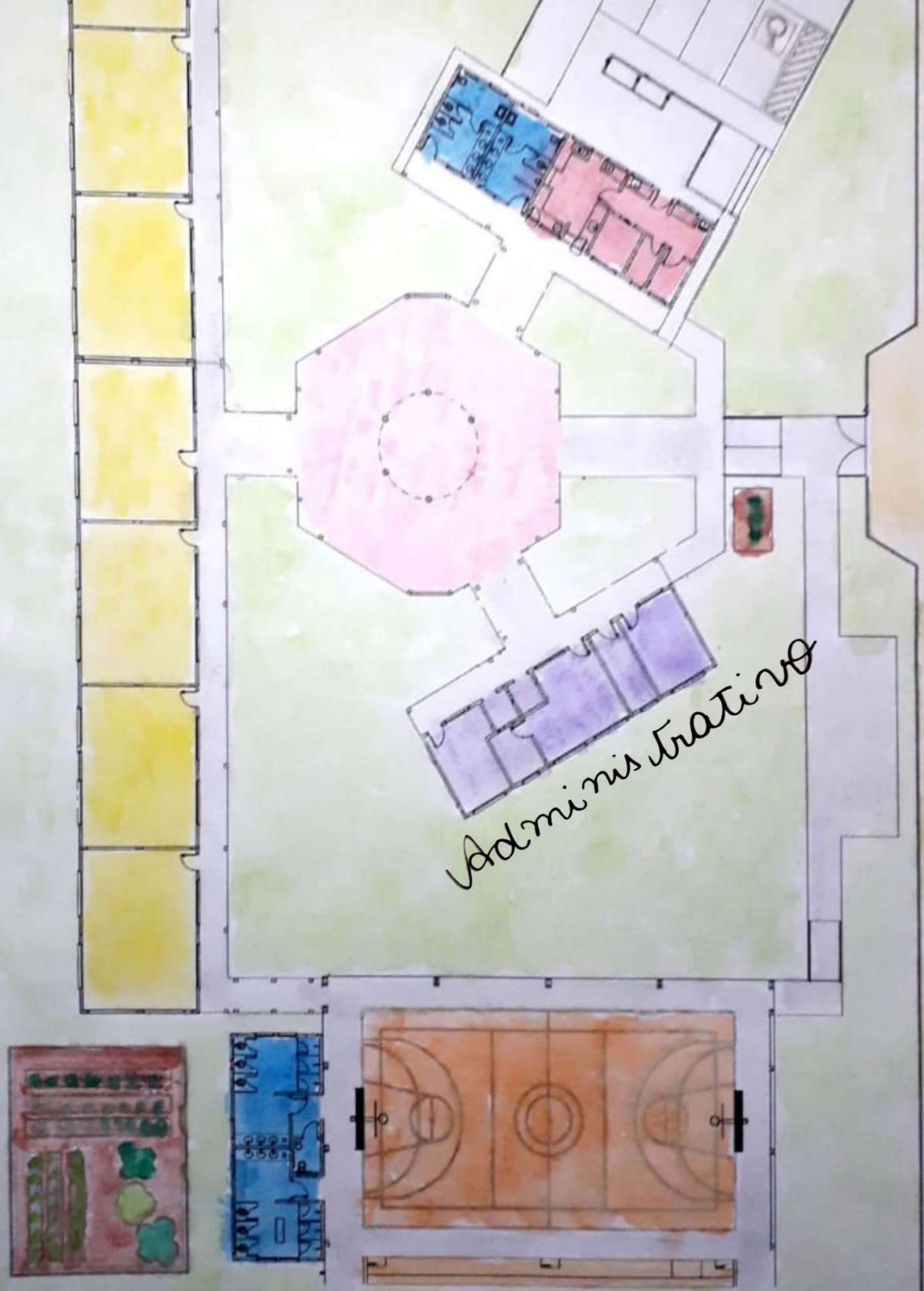
Eu já vou pra escola mãe.

Mãe é burra. Tu precisa se inteligentir pra ter um bom trabalho. Tu não quer trabalhar feito burro de carga com ela?

Eu cheguei lá e toda mundo é muito mais e vários colegas da escola táo também.

Tem um monte de sor legal e um monte de coisa que eu não faço na escola.

Eu gosto de escrever. A Sora do Sara disse que era legal fazer um diário, eu não tenho caderno pra isso. A Sora me disse pra eu pegar as folhas de caderno dela. Ela tem duas uma caneta.



Administrative



**QUE NEM DEVIÁ 'TÁ AQUI PERMITA QUE EU FALE NÃO AS MINHAS CICATRIZES TANTA  
DOR ROUBA NOSSA VOZ SABE O QUE RESTA DE NÓIS ALVOS PASSEANDO POR AÍ PERMITA QUE  
EU FALE NÃO AS MINHAS CICATRIZES SE ISSO É SOBRE VIVÊNCIA ME RESUMIR A SOBREVIVÊNCIA  
É ROUBAR O POUCO DE BOM QUE VIVI POR FIM, PERMITA QUE EU FALE NÃO AS MINHAS CICATRIZES  
ACHAR QUE**

31

Boa Nova, 12 de maio de 2015.

Cara Espertirina<sup>1</sup>,

Tinha muita vontade de conversar contigo, pela admiração que tenho por ti. Acho que foste uma mulher incrível, com muito posicionamento político e com vontade de mudar o mundo. Sinto essa pontinha de vontade em mim também. Comecei um trabalho novo, como educadora social. Há uns três meses, mais ou menos, que venho trabalhando de segunda a sexta, oito horas por dia (graças à tua luta), convivendo com mais ou menos 270 crianças entre 6 e 15 anos.

Essa modalidade educacional-assistencialista é relativamente nova, pelo menos acredito que não conheceste.

Vivemos em uma sociedade que apresenta grandes disparidades sociais, divisão e distribuição de renda desiguais, bem como difícil acesso a serviços básicos como saúde, educação habitação e mobilidade urbana. Visando sanar o problema social, foram criados programas e medidas para diminuição das desigualdades sociais. Ações solidárias são executadas pela sociedade civil, esta que pode ser caracterizada tanto pelos atores sociais como por organizações que lutam para a transformação social<sup>2</sup>.

O trabalho da Educação Social se preocupa com crianças e jovens em situação de risco, sujeitos a um processo de marginalização social, educacional e familiar, não reconhecidos em cidadania e direitos<sup>3</sup>.

Grande parte desses serviços sociais são realizados por Organizações não governamentais (ONGs), que tiveram grande importância para o país após a redemocratização, funcionando como suplemento às insuficiências do Estado na garantia de direitos sociais, principalmente a partir dos anos 1990.

As ONGs, que surgiram a partir das necessidades levantadas por movimentos sociais, hoje possuem parcerias público-privadas, para garantir a continuidade das atividades.

<sup>1</sup> Ver nota 3 na página 144

<sup>2</sup> (SANTOS, 2015)

<sup>3</sup> (MAIA & LÓPEZ, 2011)

**AÍ MALOQUEIRO LEVANTA ESSA CABEÇA ENXUGA ESSAS  
LÁGRIMAS CERTO VOCÊ MEMO RESPIRA FUNDO E VOLTA PRO RINGUE VAI 'CÊ VAI SAIR  
DESSA PRISÃO 'CÊ VAI ATRÁS DESSE DIPLOMA COM A FÚRIA DA BELEZA DO SOL ENTENDEU  
FAZ ISSO POR NÓIS FAZ ESSA POR NÓIS VAI TE VEJO NO PÓDIO ANO PASSADO EU MORRI  
MAS ESSE ANO EU NÃO MORRO**

**ESSAS  
MAZELAS  
ME  
DEFINEM  
É O PIOR  
DOS  
CRIMES  
É DAR O  
TROFÉU PRO  
NOSSO  
ALGOZ E  
FAZER NÓIS  
SUMIR  
TENHO  
SANGRADO  
DEMAIS  
TENHO  
CHORADO  
PRA  
CACHORRO  
ANO  
PASSADO  
EU MORRI  
MAS ESSE  
ANO EU NÃO  
MORRO**

A SASE Menino Cristão apresenta características comuns a muitas outras ONGs de assistência social e educacional. Ela é um braço social (assistencialista) da rede de escolas particulares Menino Cristão, que estão espalhadas pelo país. Tem um atendimento amplo na Vila Órion, mas também atende outras regiões periféricas de Boa Nova. Possui, dentro da Unidade Vila Órion, Assistentes Sociais, Nutricionista, Psicóloga, Coordenadores Pedagógicos e Educadores. As crianças atendidas na SASE frequentam a instituição no turno inverso da escola, têm alimentação<sup>4</sup>, oficinas artísticas, esportivas e atividades de reforço escolar, também são assistidas pelos profissionais de saúde e assistência social, sendo encaminhadas para diversos serviços de saúde e que garantam o bem-estar dessas crianças. Além das crianças, há um trabalho com jovens e adultos (acima de 15 anos) que visa o trabalho, fornecendo cursos profissionalizantes.

Os objetivos e metas são institucionais: transformar a sociedade, desenvolver a autonomia, incentivar o protagonismo, promover a inclusão social e oportunizar espaços para o exercício da cidadania<sup>5</sup>. Para que tudo isso seja realizado, contam com verbas de convênios do Estado e Município, bem como com doações de grandes empresas e com projetos no âmbito federal de incentivo ao esporte e à cultura. Essa ONG existe há um bom tempo e consegue muitos patrocínios. As empresas confiam na credibilidade da Menino Cristão!

As aulas acontecem, no período da manhã, das 8h às 12h e, no período da tarde, das 13h às 17h. Frequentam a SASE alunos que são de escola pública (municipal e estadual) cujas famílias participam de algum programa assistencialista do Governo Federal. Os educandos são divididos em três grupos de acordo com a idade. G1, de 06 a 09 anos, G2, de 10 a 12 anos e G3, de 13 a 15 anos. Todos fazem reforço escolar e podem escolher as oficinas que querem fazer, artísticas e esportivas. Nas sextas-feiras, há uma atividade livre realizada pelos educadores. Na última sexta-feira do mês tem uma reunião pedagógica e uma roda de conversa com os outros profissionais da instituição. As crianças não são atendidas nesse dia, mas essa formação tem sido bem importante para nós, educadores,

---

<sup>4</sup> (PINHEIRO, 2016)

<sup>5</sup> (SANTOS, 2015)

**I GOT MY HAIR GOT MY HEAD GOT MY BRAINS GOT MY EARS GOT MY EYES GOT MY NOSE  
GOT MY MOUTH I GOT MY I GOT MYSELF I GOT MY ARMS GOT MY HANDS GOT MY FINGERS GOT MY  
LEGS GOT MY FEET GOT MY TOES GOT MY LIVER GOT MY BLOOD I'VE GOT LIFE I'VE GOT LIVES  
I'VE GOT**

Aqui, meus colegas têm formações diferentes, alguns apenas com Ensino Médio, outros já com Graduação, alguns fazendo Pós-Graduação. O interessante é que nem todos dão aula utilizando as suas formações, especificamente. Explico: O professor de Informática, por exemplo, é formado em História. O professor de Educação Física possui formação em Administração. Alguns têm licenciatura, outros, como eu, não.

Todos aqui somos oficinairos, ou seja, damos oficina a todos os alunos da instituição, mas conheço alguns colegas de outras instituições que são professores-referência e trabalham os mais diversos assuntos com uma mesma turma todos os dias. Há ainda aqueles que, fazendo a mesma função do educador de Reforço, vão até as escolas fazer as atividades lá mesmo, o turno integral é oferecido por uma empresa, e não pela escola pública.

Minha relação com esse ambiente ainda é sensível, e estamos nos conhecendo, digamos assim. A instituição possui um prédio muito bonito, com reformas recentes, uma boa infraestruturura e um espaço grande para as refeições, para brincadeiras externas e salas de aula de tamanho razoável, com disponibilidade de mudanças de acordo com a oficina que aconteça. Os educandos têm acesso a vários bens tecnológicos e materiais diversos. A comida é farta e todo mundo gosta! De qualquer forma, estou tentando entender onde me encaixo aqui, nesse território.

Nessa construção provisória de movimentos de entrada e saída, o território da Educação Social transborda a educação assim como transborda a assistência social. É um lugar outro, território de passagem que se deixa impregnar por aquilo que lhe acontece, em movimentos contínuos e territorialização e desterritorialização<sup>6</sup>, evoca paradas durante o trajeto, a aprendizagem é da razão do inesperado, opera com o que passa, o que nos toca.

Minhas aulas são chamadas de atendimentos, meus planejamentos não são estáticos e é sempre possível “furá-los” de acordo com as necessidades dos educandos. Eles são ouvidos, são sujeitos de produção das relações pedagógicas<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> (CAMPOS, 2014)

<sup>7</sup> (GALLO, 2010)

**GOT MY CHIN GOT MY NECK GOT MY BOOBS  
GOT MY HEART GOT MY SOUL GOT MY BACK I GOT MY SEX I GOT MY  
ARMS GOT MY HANDS GOT MY FINGERS GOT MY LEGS GOT MY FEET GOT MY TOES GOT MY  
LIVE GOT MY BLOOD I GOT MY HAIR GOT MY HEAD GOT MY BRAINS GOT MY EARS GOT MY  
EYES GOT MY NOSE GOT MY MOUTH I GOT MY SMILE I GOT MY TONGUE GOT MY CHIN GOT MY  
NECK GOT MY BOOBS I'VE GOT LIFE I'VE GOT MY FREEDOM OHHH I'VE GOT LIFE**

**HEADACHES  
AND  
TOOTHACHES  
AND BAD  
TIMES TOO  
LIKE YOU  
I GOT MY  
HAIR  
GOT MY  
HEAD  
GOT MY  
BRAINS  
GOT MY  
EARS  
GOT MY  
EYES GOT  
MY NOSE  
GOT MY  
MOUTH  
I GOT MY  
SMILE  
I GOT MY  
TONGUE**

**PIVETE MEU SONHO ERA SER JOGADOR DE FUTEBOL VAI VENDO MAS O SISTEMA LIMITA NOSSA VIDA DE TAL FORMA E TIVE QUE FAZER MINHA ESCOLHA SONHAR OU SOBREVIVER OS ANOS SE PASSARAM E EU FUI ME ESQUIVANDO DO CIRCULO VICIOSO PORÉM O**

Me encontro agora atravessada por este lugar, tão distante da minha realidade, mas ao mesmo tempo tão próximo, porque as relações humanas estão postas, acontecendo a todo momento.

**CAPITALISMO ME OBRIGOU A SER BEM SUCEDIDO ACREDITO**

Vou te mandar o mapa da instituição para que tu vejas o quanto ela é grande e cheia de possibilidades, também vai junto parte de um planejamento de aula e a ficha controle dos atendimentos, para você ter ideia de quantas crianças passa em média por cada educador. Em muitas das vezes o número de crianças que você espera em cada aula são muito maiores do que as que estão na chamada.

**QUE O SONHO DE TODO POBRE**

Infelizmente, há um número enorme de faltas e uma grande rotatividade entre os educadores. Eu não sei muito bem o porquê de isso acontecer, mas enquanto eu estava aqui, dois educadores já saíram e ainda ninguém repôs esse lugar, inclusive o que trabalhava com Educação Ambiental, que fazia um trabalho lindo de levar as crianças para plantar. E então precisamos remanejar os educandos para outras oficinas.

**É SER RICO EM BUSCA**

Ficamos todos muito ansiosos e é impossível prever os dias. Cada dia, uma surpresa diferente!

**DO MEU SONHO DE CONSUMO PROCUREI**

Eu sei que não conseguimos modificar um mundo inteiro, mas podemos ser o buquê que inicia uma revolução!

**DAR UMA SOLUÇÃO RÁPIDA E FÁCIL PROS MEUS**

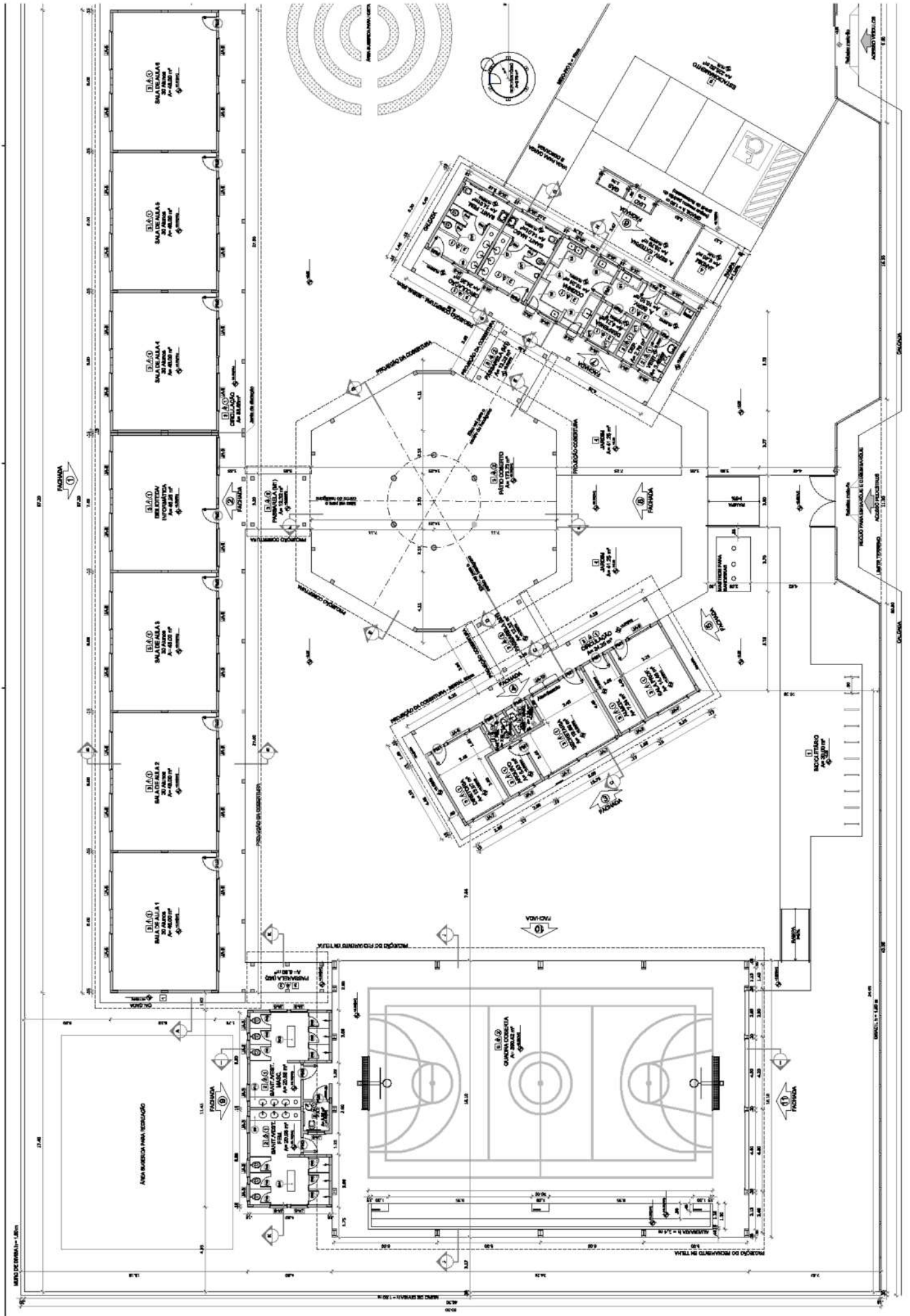
Um abraço fraterno e de luta,

Mariana

**PROBLEMAS**

**O CRIME MAS É UM DINHEIRO AMALDIÇOADO QUANTO MAIS EU GANHAVA MAIS EU GASTAVA LOGO FUI COBRADO PELA LEI DA NATUREZA VISH CATORZE ANOS DE RECLUSÃO O BARATO É LOUCO Ó É NECESSÁRIO SEMPRE QUE O SONHO É POSSÍVEL ACREDITAR QUE O CÉU É O LIMITE E VOCÊ TRUTA É IMBATÍVEL QUE O TEMPO RUIM VAI PASSAR É SÓ UMA FASE QUE O SOFRIMENTO ALIMENTA**









SASE MENINO CRISTÃO  
UNIDADE VILA ÓRION

ATENDIMENTOS

EDUCADOR(A): E5

MÊS: JULHO

DIA	TURNO MANHÃ			TURNO TARDE			TOTAL	ATIVIDADES REALIZADAS
	G1	G2	G3	G1	G2	G3		
01	<hr/>							sábado
02	<hr/>							domingo
03	10	—	09	15	—	12	46	improvisação livre
04	/	19	/	/	10	10	39	estudo partituras corporais
05	/	12	/	/	12	/	24	estudo posições espaciais
06	11	/	19	16	/	18	64	trabalho personagens
07	11	10	/	/	12	15	48	LIVRE (artesanato - brindes)
08	<hr/>							sábado
09	<hr/>							domingo
10	09	/	13	10	/	15	47	ensaio (casamento roça)
11	09	/	13	10	/	15	47	ensaio (casamento roça)
12	/	17	/	/	20	/	37	ensaio quadrilha
13	15	/	10	12	/	16	53	confeccão decoração
14	<hr/>							festa Julina
15	<hr/>							sábado
16	<hr/>							domingo
17	11	/	12	13	/	15	51	confeccão máscaras
18	/	15	/	/	13	16	44	confeccão máscaras
19	/	13	/	/	10		23	confeccão máscaras
20	7	/	15	12	/	17	51	confeccão máscaras
21	35	10	/	25	15	/	85	LIVRE (pintura facial)
22	<hr/>							sábado
23	<hr/>							domingo
24	12	/	10	13	/	18	53	estudo personagem máscara
25	/	18	/	/	15	13	46	estudo personagem máscara
26	/	10	/	/	12	/	22	improvisação cl máscara
27	10	/	13	18	/	17	58	improvisação cl máscara
28	<hr/>							REUNIÃO PEDAGÓGICA
29	<hr/>							sábado
30	<hr/>							domingo
31	15	/	12	10	/	19	56	jogos corporais

155 124 126 154 119 216 894

*E5*

ASSINATURA EDUCADOR(A)

*[Assinatura]*

ASSINATURA COORDENAÇÃO



PRESIDÊNCIA

**São Paulino, 10 de fevereiro de 2016.****Cara Gestora da Unidade Vila Órion,**

Venho por meio desta solicitar a utilização da nova nomenclatura de Educadores e educandos. Gostaria de salientar que essas medidas têm caráter emergencial. O recebimento da verba desta Unidade depende do preenchimento correto dos documentos de planejamento e atendimentos mensais. É importante que todos os Coordenadores dos setores verifiquem o correto preenchimento. Não aceitaremos rasuras, e, em caso de erro, não será repassada a verba.

Também gostaria de frisar que esta Unidade precisa verificar as faltas dos educandos, pois as metas de atendidos têm diminuído na Vila Órion. Caso algum educando tenha excedido o número de faltas, sugiro que novas vagas sejam abertas. O importante é não deixar de efetuar os atendimentos mensais.

Aguardo a lista com a relação dos códigos.

**Atenciosamente,****-----  
Presidente da Menino Cristão- Brasil**

Boa Nova, 12 de fevereiro de 2016.

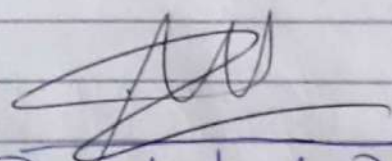
Ata número 27

Reunião Extraordinária

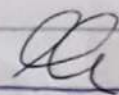
Aos doze dias do mês de fevereiro de dois mil e dezesseis, pelas nove horas e trinta minutos, na Sala de Informática do SASE Menino Cristão, com a presença de todos os educadores da instituição, bem como as coordenações de esporte e pedagogia, serviço social e a Direção, ausente apenas a psicóloga, teve lugar uma reunião extraordinária para determinações institucionais, presidida pela Diretora (Gestora da Unidade) e tendo como secretária a Coordenadora Pedagógica. A reunião iniciou com o comunicado da Diretora sobre a nova nomenclatura de educandos, educadores e colaboradores para fins de tratamento / chamamento. Tendo em vista a necessidade de dados quantitativos por parte dos fornecedores do convênio (Prefeitura, Governo do Estado e Governo Federal) e pela confusão causada pelos inúmeros documentos burocráticos enviados para o convênio e para os patrocinadores, a presidência da Menino Cristão - Brasil lançou uma proposta para facilitar a vida dos colaboradores de todo país: dentro das instituições, educadores e educandos receberão um código composto de letra e número e os outros colaboradores serão nomeados segundo suas funções. O código é determinado da seguinte forma: E ("e" maiúsculo) para educadores, numerados de 1 (um) a 8 (oito), na sequência, por ordem de entrada na instituição. Assim: **E<sub>1</sub>** é o educador de Educa-

ção Física - Handball e Basquete; E2, educadora de Educação Física para educandos de 10 a 15 anos; E3, educadora de Educação Física para educandos de 06 a 09 anos; E4, educador de Informática; E5, educadora de teatro; E6, educador de Judo; E7, educadora de dança; E8, educador de Reforço Escolar. Para os educandos, será utilizado e ("e" minúsculo) e serão numerados de 1 a 270, de acordo com a turma em que estão inscritos, sendo: No turno da manhã, numerados de 1 a 135. A turma G1 (de 06 a 09 anos), numerada de e1 até e40. A turma G2 (de 10 a 12 anos), numerada de e41 a e96. A turma G3 (de 13 a 15 anos), numerada de e97 a e135. No turno da tarde, por conseguinte, serão numerados de 136 a 270. A turma G1 numerada de e136 a e166. A turma G2 numerada de e167 a e232. A turma G3 numerada de e233 a e270. Quanto aos colaboradores, receberão numeração apenas se houver mais de uma pessoa na mesma função, como a Cozinheira1 e a Cozinheira2. A Diretora comunica que o ponto único da reunião está fora de votação, pois foi uma ordem do presidente e, portanto, sem discussão. Ela fala da maneira autoritária deste comunicado. Quer entender a diferença das letras porque um é com letra minúscula e outro, com maiúscula. Relata se sentir um objeto, apenas um número no sistema. Diz possuir um nome e gostar de ser chamado por ele. Diretora explica sobre a diferenciação das letras maiúsculas e minúsculas. O educador é aquele que detém o conhecimento e o educando, a caixa vazia. Se um é hierarquicamente maior do que o

outro, nada mais justo diferenciar o maior do menor. Ela diz que não acredita nessa hierarquia no momento da aula, que tenta estabelecer uma relação horizontal, às vezes não sabendo quem ensina e quem aprende. Assistente Social diz que, para que as crianças continuem tendo acesso ao serviço era melhor aceitar a sugestão da presidência. Ela pede a palavra, diz que o ato é contrário a tudo que a educação representa, que seres humanos são sujeitos e não devem ser categorizados dessa forma. Disse também que a garantia dos direitos passa pela autonomia do indivíduo e como isso seria possível se a ordem imposta coloca este indivíduo em um balaio com todos os outros. Ainda falou que pessoas são feitas de carne e que não fariam isso. Diretora diz que a ordem vale a partir desta data e que os educandos e educadores terão 30 dias para se adaptar. Quem não o fizesse, seria advertido e, após três advertências seria demitido por justa causa, mas quem se sentisse à vontade poderia pedir demissão neste exato momento. Há sempre alguém precisando de um emprego por aí. Nada mais havendo a tratar, às 12h30 deu-se por terminada a reunião, da qual se lavrou ~~em~~ esta ata por mim, Diretora, e pela secretária da reunião, Coordenadora Pedagógica.



Presidente da Reunião



Secretária

Avenida Órion, 2702 - Boa Nova, RS  
(51) 3256-7682 | (51) 3256-7661 | gerenciaorion@meninocristao.com.br



Unidade Vila Órion

Boa Nova, 20 de fevereiro de 2016.

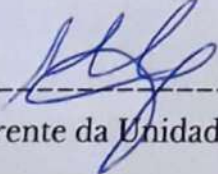
Caro Senhor Presidente,

Gostaria de comunicar-lhe que as medidas da troca dos nomes estão sendo realizadas e encaminhado em anexo a relação dos Educadores e educandos de acordo com seus códigos. Informo que a mudança já está registrada em Ata, e que, considerando a mudança drástica, demos o período de trinta dias para que todos se acostumem com seus novos códigos. Decidimos organizar os números fixos para cada Educador e educando, sendo, portanto, um código pessoal e intransferível e, caso o educando ou o Educador venha a sair da instituição, este número não será utilizado em outra pessoa.

Sobre o número de atendimentos do mês de janeiro estarem abaixo da meta, informo que neste último mês, aqui, na Vila Órion, tivemos um incidente com facções criminosas. Foi decretado toque de recolher e muitas famílias ficaram com medo de liberar as crianças para a Instituição.

Graças a Deus, a situação está normalizando e, aos poucos, as famílias já se sentem mais seguras para permitir a circulação das crianças na comunidade. Esperamos que no mês seguinte todos os números de crianças atendidas voltem ao normal. Caso isso não ocorra, abriremos novas vagas de acordo com as baixas do mês.

Atenciosamente,

  
-----  
Gerente da Unidade Vila Órion



Avenida Órion, 2702 - Boa Nova, RS  
(51) 3256-7682 | (51) 3256-7661 | gerenciaorion@meninocristao.com.br



Unidade Vila Órion

#### Lista de Educadores:

E1 (Educação física)

E2 (Educação física)

E3 (Educação física)

E4 (Informática)

E5 (Teatro)

E6 (Judô)

E7 (Dança)

E8 (Reforço Escolar)

#### Lista Educandos

##### Manhã:

G1 (6 a 9 anos) – e01 a e40

G2 (10 a 12 anos) – e41 a e96

G3 (13 a 15 anos) – e97 a e135

##### Tarde:

G1 – e136 a e166

G2 – e167 a e232

G3 – e233 a 270

## 1.

No banheiro das meninas

e210 – Guria, deixa eu te contar...

e225 – Ai, lá vem ladaia!

e210 – Nada a ver, trouxe! Mas quase saiu ladaia mesmo. Sabe aquela chata da Assistente Social?

e225 – Não suporto ela. Tri frau. Que que ela fez?

e210 – Sabe o peru de Natal que a gente ganhou esses dia? Minha mãe veio pega o peru. Daí quando vê ela chegou em casa e guardou o peru pra fazer no natal. Ontem ela descobriu que não ia ter o tal do décimo terceiro, que eu nem sei o que é. Mas daí ela disse que não ia ter dinheiro pra comprar presente pra gente, porque tinha que comprar gás pra assar o peru. Daí eu falei pra ela que a gente preferia presente de Natal, que eu queria aquela sandália que a gente viu na loja do seu Joça, lembra?

e225 – Ai aquela sandália é linda! Dá pra ir em várias social com ela.

e210 – Sim. E o meu irmão queria um spini, aquela porcaria de girar. Daí quando vê ela decidiu que ia vende o peru, e com o dinheiro dava pra comprar a sandália, o spini e ainda compra umas carne e carvão pra faze um churrascão nask no natal. Daí quando vê ela foi na rua ali tentar vender o peru e encontrou com a Assistente Social. Daí ela quis começar a ladaia e xingar minha mãe porque minha mãe tinha ganhado o peru e que tava vendendo. Minha mãe já começou a gritar com ela "Onde é que já se viu, que eu não tenho nem gás pra assar esse negócio". Daí quando vê elas se resolveram e minha mãe vendeu o peru.

Não estranhe se você me vir levando as mãos no rosto no meio da rua e gritando comigo mesma: "Não! Não, mulher! Por que você fez isso?" Sofro de uma síndrome comum: a vergonha parcelada. Algumas situações me causam tanto embaraço que acabo pagando por elas por uma vida inteira. Toda vez que uma vergonha antiga me vem à cabeça, me tomo de profundo arrependimento e uma vermelhidão sobe do meu pescoço em direção ao meu rosto, e revivo tanto aquela cena como se fosse a primeira vez que a estivesse sofrendo.

Quando do dia em que meu carro estragou e tive que pegar um ônibus. Estava parada no ponto, no meio da Vila Órion, segurando minha bolsa, torcendo para que o ônibus chegasse logo com medo de ser assaltada. O ônibus chegou, eu ataquei, ele parou. Subi no ônibus pela porta de trás. Quando eu entrei o trocador começou a gritar: "Moça! Moça! A entrada é pela porta da frente!". Desci e fui em direção à outra porta: meu salto afundou na terra da calçada mal-acabada. Quando entrei, olhei para o trocador e disse: "Nossa, trocou a porta de entrada do ônibus? A última vez que eu peguei ônibus a entrada era por trás. Isso foi há uns vinte anos. Não sei mais o que é ser pobre." Ao olhar para a cara do trocador e das pessoas que ouviram minha fala, entendi que minha piada não tinha agradado e quis enfiar a cara dentro da bolsa até chegar no ponto final.

Outro dia minha empregada tinha esquecido de fazer meu almoço e, como saí atrasada, precisei comprar comida perto do trabalho, na Vila Órion. No caminho encontrei com várias famílias que atendo no meu setor. Então vi uma senhora com um peru na mão, um grande peru de Natal. Eu tinha dado o peru para ela, ela era uma das mães de um dos educandos. Revoltada, me aproximei e disse: "Como você tem coragem de vender o peru que nós doamos para a senhora? A senhora sabe como foi difícil conseguir essa doação?" Ao que ela me respondeu, com jeito humilde: "Não tenho dinheiro para o gás, como vou assar um peru? Se eu vender, pelo menos consigo dinheiro para comprar carne e carvão." Olhei para ela, atravessei a rua e entrei no mercado. Se abateu sobre mim o peso da miséria humana.

Agora, mesmo, nas férias. Estou aqui, com meus amigos. Alugamos uma cabana em Punta e viemos curtir as festas de fim de ano. Sempre quando eles me elogiam por fazer um lindo trabalho social, uma caridade,

eu lembro dessas situações ridículas que me meto. Aqui, na beira da praia, deitada na areia, com a barriga cheia depois da ceia de Natal de ontem, me lembro da cena. “Não! Não, mulher! Por que você fez isso?”

2.

Refeitório. Reunião dos professores com a Nutricionista.

E2 – Eu gostaria de saber como eu posso falar sobre alimentação saudável para os alunos se eles só comem pão.

Nutricionista – Nós precisamos ter uma alimentação de alto índice calórico pois a maioria está na faixa da subnutrição.

E7 – Eu como atleta sempre precisei me alimentar com muitas calorias. Mas sempre consegui comer de maneira saudável. Muitas frutas, farinhas integrais. Eles vivem de pão, presunto e queijo e um suco que é tão doce e com tanto corante que ficam com os dentes sujos o turno inteiro. Não existe a possibilidade de uma alimentação saudável?

E8 – Quando nos alimentamos bem, todo o nosso corpo responde positivamente, não? É como colocar combustível no carro. Se é uma gasolina ruim, o carro estraga. Se é gasolina boa, o carro roda com facilidade.

Nutricionista – Nós não podemos acostumar o aluno com algo que ele não pode comer em casa.

E5 – Alimentação é questão de hábito. Se pudermos mostrar que frutas podem ser tão gostosas quanto bolacha recheada, eles eventualmente podem pedir frutas para a família. Somos uma instituição de educação. Por que não podemos mostrar que há uma alimentação diferente que é saudável e gostosa?

Nutricionista – Não posso gastar dinheiro com frutas. Nem temos tempo de fazer uma salada de frutas, quem vai descascar todas as frutas? Sem contar que certamente terão sobras e elas vão para o lixo. Nós temos uma parceria com a padaria Alimentarte, eles nos fornecem pão, presunto e queijo por um preço mais barato. E é isso.

Minibombons Importados  
Assorted  
Lindt  
100g  
**57,80**  
cada



Chocolate Importado  
Assorted Lindor  
Lindt  
75g  
**17,80**



Chocolate Importado Milk  
Lindor Lindt  
75g  
**19,90**



*Oh de abrii. eu fui nu mercado com a minha mãe.*

Chocolate Importado  
Premium Lindt  
250g  
**98,00**



Ovo  
Ferrero Rocher  
212g  
**59,90**



Celho  
ao Leite Importado  
Friedel  
150g  
**12,90**  
cada



*ela disse que não vou ter dinheiro pra comprar pascoa pra mãe. eu queria um ovo de chocolate.*

Chocolate Zero Lactose  
70% Cacau  
Espírito  
80g  
**16,90**



Chocolate Importado  
85% Cacau  
Excellence Lindt  
100g  
**16,90**



Chocolate Zero  
50% Cacau  
Divine  
100g  
**8,99**



*Pilha tu tem qui agaçane que agenti tem qui come.*

Trufas Diet  
Florybal  
160g  
**22,90**

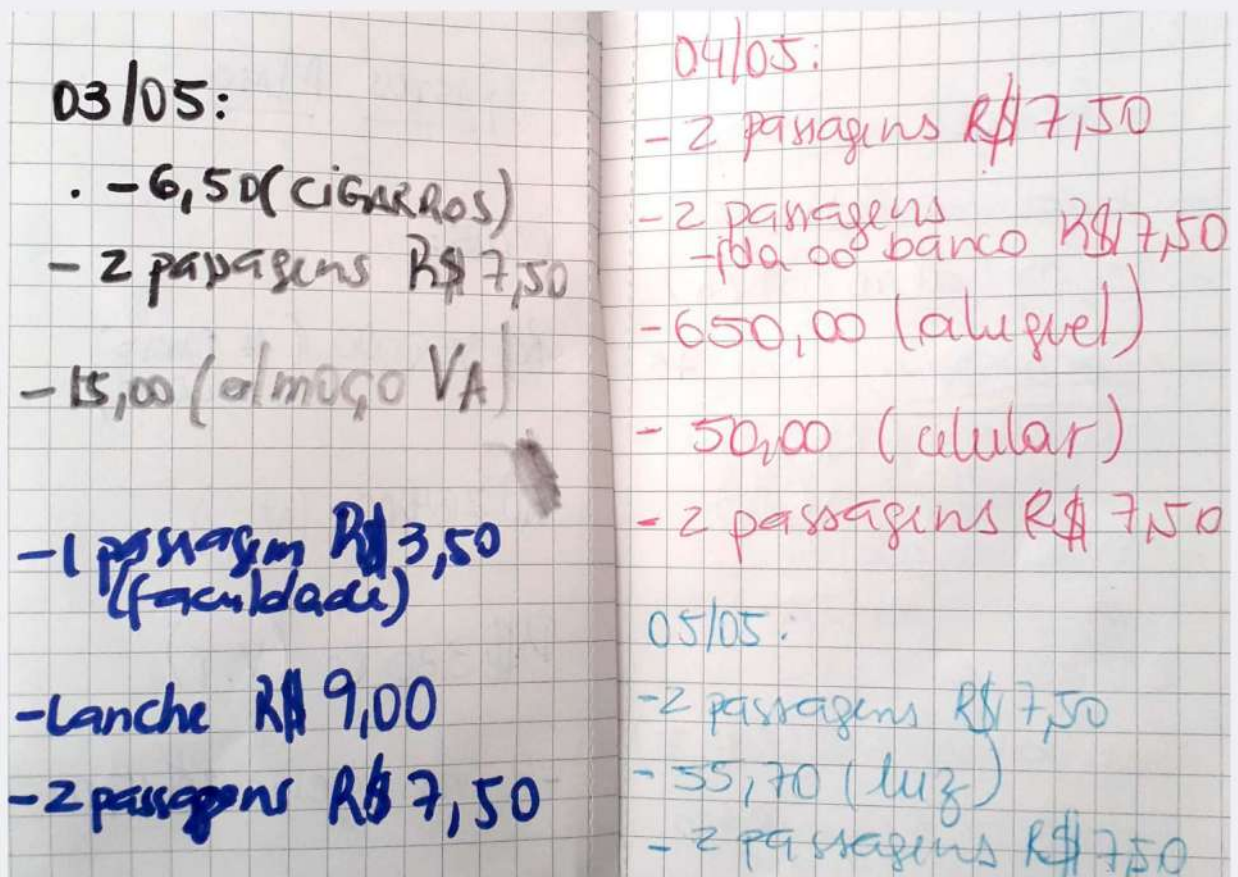
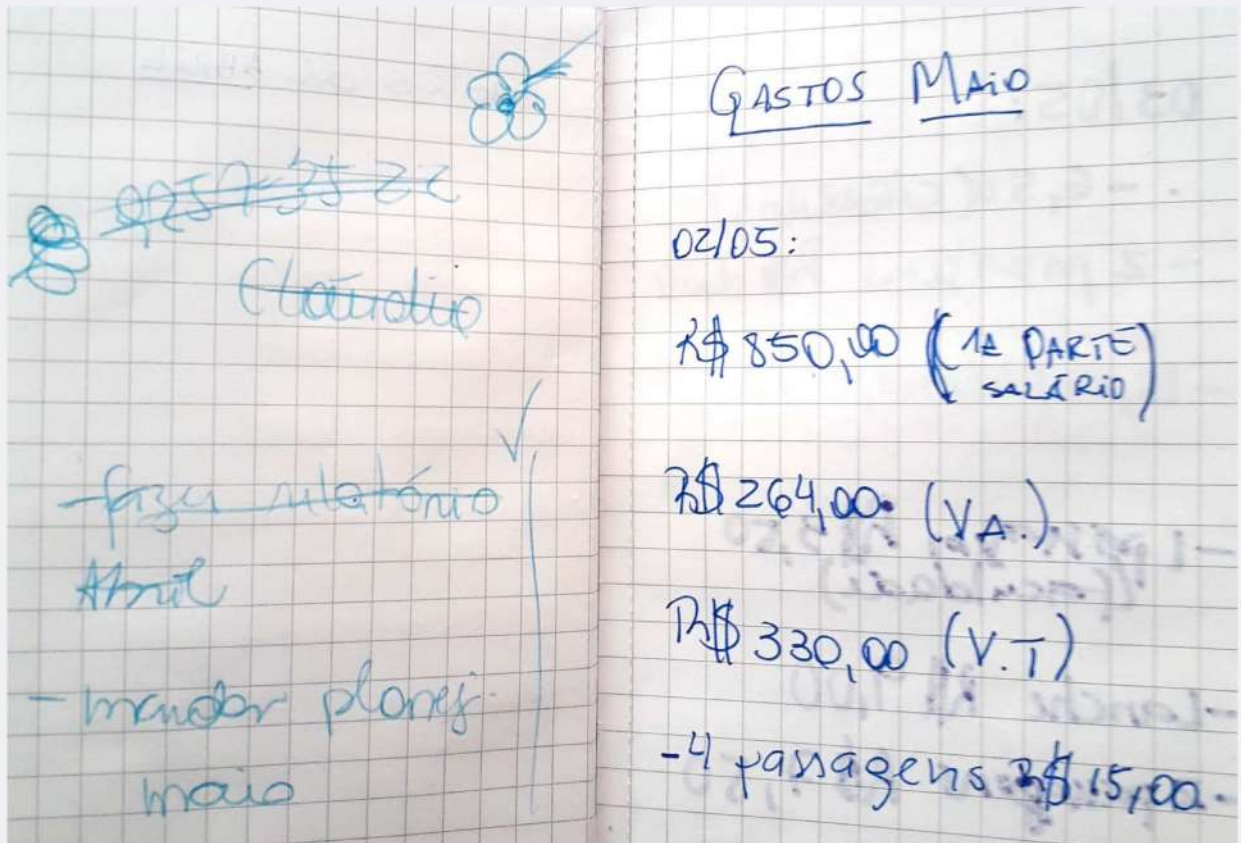


Chocolate  
50% Cacau/  
ao Leite  
Linea  
30g  
**5,99**



Chocolate Orgânico  
60% Cacau  
AMMA  
80g  
**18,90**

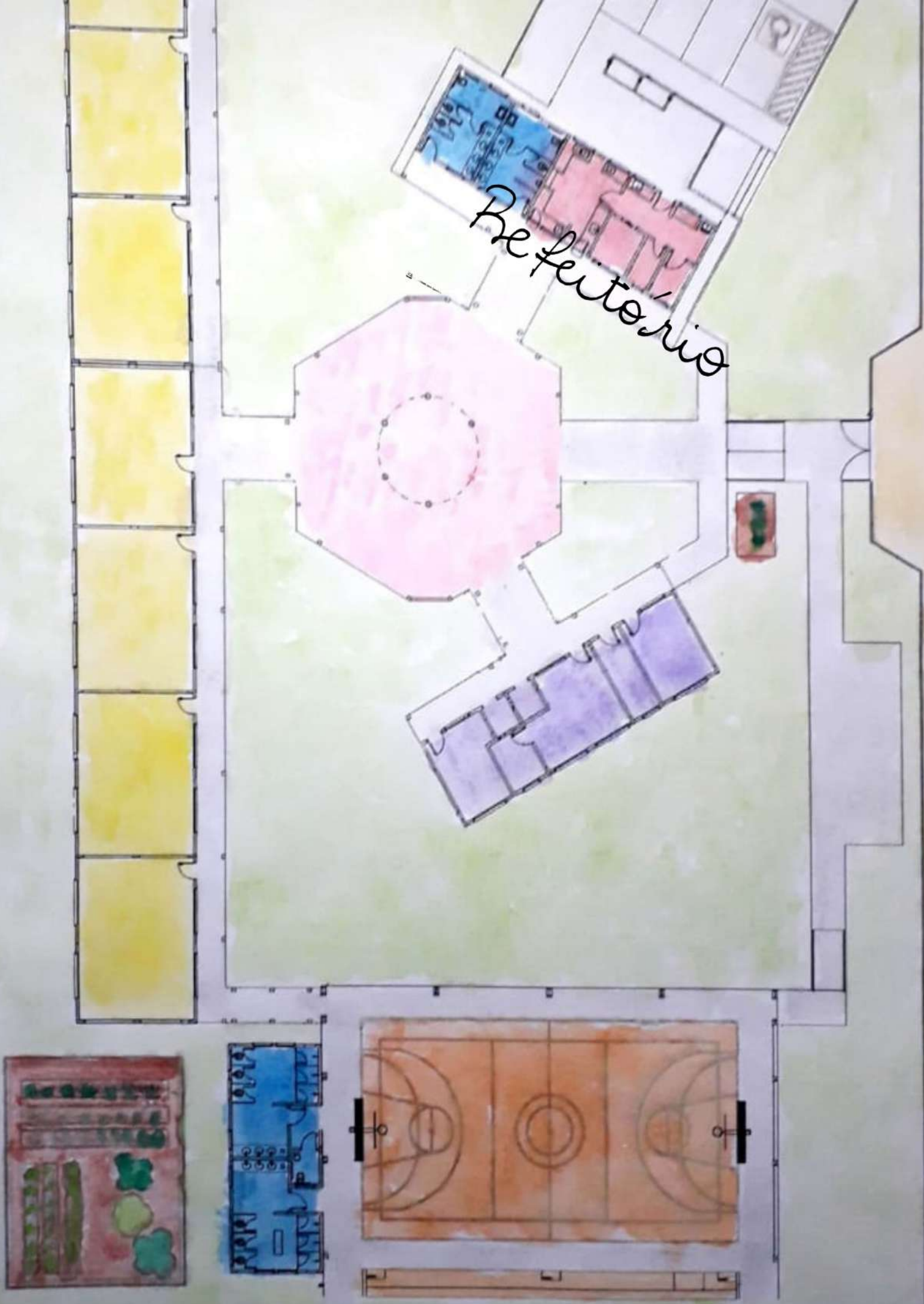








Refectorio





**MAIS A SUA CORAGEM QUE A SUA FAMÍLIA PRECISADE VOCÊ LADO A LADO SE GANHAR  
PRA TE APOIAR SE PERDER FALO DO AMOR ENTRE HOMEM FILHO E MULHER A ÚNICA  
VERDADE UNIVERSAL QUE MANTÉM A FÉ OLHE AS CRIANÇAS QUE É O FUTURO E A ESPERANÇA  
QUE AINDA NÃO CONHECE NÃO SENTE O QUE É ÓDIO E GANÂNCIA EU VEJO O RICO QUE TEME  
PERDER A FORTUNA**

Boa Nova, 23 de abril de 2016.

Cara Espertirina,

Fico contente que tenhas gostado da minha primeira carta. Já passou um ano desde que trabalho aqui e ainda não tirei férias. As férias são apenas no período de janeiro e fevereiro e, como eu entrei depois deste período terei que esperar até janeiro ou fevereiro do ano seguinte para tirar férias. Está tudo uma bagunça. Acho que te escrevo porque preciso de um conselho, para chamar a responsabilidade de explodir a bomba, como tu fizeste. Para qualquer semente de Espertirina que esteja por aqui me ouça, e brote.

Cansaço, cansaço extremo.

A educação nunca andou lá muito bem. As oportunidades são desiguais. O Estado, em vez de garantir que todos tenham direitos, repassa a função (que é sua) para a sociedade civil. Através das organizações não governamentais. Basicamente empresas que não possuem fins lucrativos e que prestam algum serviço para o benefício da população. Uma política social compensatória, que teve seu auge nos anos 1990, e que sobrevive até hoje. Para muitos, a única alternativa.

As metas e objetivos da empresa continuam os mesmos, numa loucura filantrópica para salvar os pobres educandos.

Acontece que esse trabalho não é neutro. Se alinha ao projeto neoliberal e promove a competição, alegando que o “fracasso” dos indivíduos de classes sociais não privilegiadas é falta de esforço individual. A dita Meritocracia. Uma palavra que está na moda na última década. Realmente eu queria saber o que você faria com isso.

Trabalho com 270 crianças, quarenta horas por semana, com uma hora de intervalo no almoço. Falta tudo! Elas não têm comida, nem atenção dos pais, alguns nem uma roupa adequada para ir à escola.

<sup>1</sup> (SOUZA, 2009)

**ÀS VEZES É A SENTENÇA DESAVENÇA TRETA E FALSA UNIÃO  
A AMBIÇÃO É COMO UM VÉU QUE CEGA OS IRMÃOS QUE NEM UM CARRO  
GUIADO NA ESTRADA DA VIDA SEM FAROL NO DESERTO DAS TREVAS PERDIDAS EU FUI ORGIA  
ÉBRIO LOUCO MAS HOJE ANDO SÓBRIO GUARDO O REVOLVER ENQUANTO VOCÊ ME FALA EM  
ÓDIO EU VEJO O CORPO A MENTE A ALMA O ESPÍRITO OUÇO O REFÉM E O TIRO**

Essas crianças sobem e descem morros com um chinelo de dedo maior que os pés delas. Tênis rasgados. Não têm cadernos, lápis. Não fazem a lição porque não têm ninguém que preste atenção neles em casa. E elas têm fome! Fome. A fome que é a ausência de comida. O que ensinar para alguém que tem fome? Não se pode pensar bem, amar bem, dormir bem, quando não se jantou bem<sup>2</sup>. E nós, educadores e funcionários, ganhamos tão pouco! Tão pouco que o dinheiro vai definhando, definhando, definhando...

A minha realidade me garante a mínima sobrevivência mensal, consigo pagar as contas e garantir a minha alimentação durante o mês. Mas eu sei que muitos colegas não conseguem viver com o dinheiro que ganham. Quem tem filhos, ou tem alguma dívida pregressa com certeza não consegue se manter no mês só trabalhando aqui. Ninguém nunca falou nada sobre estar passando apertos financeiros, mas é muito ruim se concentrar com fome, ou preocupado se terá dinheiro ou não no final do mês para se sustentar.

Você poderia me ajudar, com a sua garra! Você teve coragem para abalar estruturas, e eu queria poder fazer alguma coisa.

Nesse ano de trabalho, observei muitas coisas, e venho recolhendo alguns documentos. Elas (as chefes que mandam em tudo) são muito chatas em relação ao cuidado com os materiais, mas elas mesmo não guardam alguns documentos. Ou pode ser que tenha furtado escondida dos outros com a intenção de arquivar. Andando sorrateira, me esgueirando pelos cantos. Ou apenas recolhendo do lixo. Você sabia que o lixo de alguém pode dizer muito sobre essa pessoa? Transformar nossos corpos políticos em corpos essencialmente biológicos, ficcionalmente construído para nos tornar inimigos do poder para, assim, controlar e regular a natalidade, a mortalidade, a saúde e a sexualidade<sup>3</sup>, tudo através de dados estatísticos que dizem apenas uma parte de quem somos. Nos deixar viver ou apenas não nos deixar morrer?

<sup>2</sup> (WOOLF, 2019)

<sup>3</sup> (MBEMBE, 2018)

**REFLEXO DA NOSSA ATUALIDADE ESSE É O ESPELHO DERRADEIRO DA REALIDADE**

**NÃO É AREIA CONVERSA CHAVECO PORQUE O SONHO DE VÁRIOS NA QUEBRADA**

**É ABRIR**

Os indivíduos são apagados da memória coletiva, essa potência arquiviolítica que determina o que ficará ou não para a história<sup>4</sup>.

**UM**

As instituições que determinam o silenciamento dos sujeitos, dos enunciados<sup>5</sup>. Dizem o que já foi dito, evocam a lei acima de tudo, mas também nos ajudam a entender qual discurso é preciso que continue. Esse arquivo é também o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, e não desapareçam ao simples acaso, mas que se agrupem em figuras distintas, se componha umas com as outras segundo relações múltiplas<sup>6</sup>. Eu vou cavar tudo por aqui para entender quais os discursos silenciados, quais os escolhidos para o arquivo.

**BOTECO**

**SER**

**EMPRESÁRIO**

**NÃO DÁ**

**ESTUDAR**

**NEM PENSAR**

**TEM QUE**

E meus olhos e ouvidos abertos. Deixando escapar o mínimo possível. Uma testemunha<sup>7</sup>, portanto, da Educação Social.

**TRAMPAR**

**OU RIPAR**

Pedindo forças sigo por aqui,

**PARA**

**OS**

**IRMÃOS**

E5

**SUSTENTAR**

**SER**

**CRIMINOSO**

**AQUI É**

**BEM MAIS**

**PRÁTICO**

**RÁPIDO**

**SÁDICO**

**OU SIMPLEMENTE**

<sup>4</sup> (DERRIDA, 2001)

<sup>5</sup> (AGAMBEN, 2008)

<sup>6</sup> (FOUCAULT, 2013)

<sup>7</sup> (AGAMBEN, 2008)

**ESQUEMA TÁTICO SERÁ INSTINTO OU CONSCIÊNCIA**

**VIVER ENTRE O SONHO E A MERDA DA SOBREVIVÊNCIA**

**"O APRENDIZADO FOI DURO E MESMO DIANTE DESSE REVÉS**

**NÃO PAREI DE SONHAR FUI PERSISTENTE PORQUE O FRACO NÃO ALCANÇA**

**A META ATRAVÉS DO RAP CORRI ATRÁS DO PREJU E PUDE REALIZAR MEU SONHO**

**POR ISSO QUE EU AFRO X NUNCA DEIXO DE SONHAR"**



**SASE MENINO CRISTÃO  
UNIDADE VILA ÓRION**

**SEJA NOSSO  
PATROCINADOR!**

A SASE Menino Cristão atua desde 1998 na Vila Órion, no coração de Boa Nova.

Oferecemos um centro com turno inverso à escola para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade.

Procuramos garantir que todos tenham **OPORTUNIDADES** para desenvolver seus potenciais, garantindo um **FUTURO MELHOR** para as crianças!



[ew akor'dei i vī nēw̃ 'tjna ka'fɛ ʔkazə//mĩjnə 'mēĩ fi'ko dur'mĩdʊ// ɛlə trə'baʎə a'tɛ dʒi'nojtʃi// ɪdə'i 'kwēndʊ ve vī kamɪ'ŋēdʊ// ʔkō'trɛɪ us gu'ri ali nʊ 'bekʊ i a'zētʃi após'to ku'xidə// foj mũĩtʊ 'nask// Je'gej aki nʊ 'sasi 'tavə 'lokʊ pra zɔ'ga futʃi'bɔw// mais nʊ pri'mejrʊ 'blɔkʊ 'tʃivɪ ki fi'ka na ofi'sinə dʒɪ xe'forsʊ// ʊ sor ɛ mũĩtʊ fraw ɪ 'tavə o'ʎēnʊ prə mĩ kũ 'karə feja// a'tɛ pa'resɪ ki eʊ to lɪ'gēnʊ// eʊ 'teŋʊ kɪspe'ra 'todʊ dʒja a'tɛ as 'nɔvɪ prə pu'de lē'ja// 'mĩjnə 'mēĩ nēw̃ fejz ka'fɛ ɪ eʊ nēw̃ zē'tej tē'bēĩ// fuj 'la nʊ xefej'tɔrjw iskũ'dʒidʊ pe'ga 'agwə ɪ vi ki 'ozɪ tē sēdw'iʃi'lejtʃi kũ nes'kaw// 'ba// trɪ 'nask 'esɪ 'lēʃɪ 'penə ki sɔ 'pɔsʊ pe'ga dojsɪ eʊ pu'desɪ pe'gavə ũs 'sĩkʊ 'dʒjuma vej'sɔ// da'i 'kwēdʊ ve ʊ 'sor mɪ 'ʃēmə 'fɔrə da 'salə ɪ per'gūtə sj'eʊ drʊ'mi kw'ɛsə 'ropə// 'klarʊ kj'eʊ drʊ'mi/ 'tavə frju akor'dej 'vĩ// e'li pɪ'dʒiw pr'ew ɪspe'ra ali 'fɔrə ɪdə'i 'kwēdʊ ve elɪ vēĩ 'kumə 'kawsə dʊ 'sasi dʒɪ'zēnʊ kj'eʊ pri'sɪ'zavə tro'ka dʒɪ 'ropə ki 'mĩjnə 'kawsə 'tavə xəs'gadə ɪ'eʊ 'tavə fe'dēnʊ a 'mizʊ]

\*\*\*

["kwēndʊ eʊ əkor'dej elɪ 'ja 'tĩjnə sa'idʊ dʒɪ 'kazə// eʊ trə'baʎʊ a'tɛ dʒɪ 'nojtʃi/ 'so ser'visʊ ze'raw nʊ 'ʃɔpĩ ɪ a'zētʃɪ 'sēprɪ 'faiz a 'utʃɪmə fa'ʃinə de'pojs ki 'fɛʃə 'tudʊ// a'ɪ eʊ 'pɛgʊ 'dojs 'onɪbʊs ɪ 'ʃegʊ ʔkazə trɪ 'tardʒɪ ɪ ʊ gu'ri zə ta dur'mĩnʊ// 'deʃʊ mĩjnə vɪ'zɪjnə kwi'dēnʊ 'delɪ/ 'elə 'dʒɪsɪ ki 'deʊ zē'tə pra 'elɪ 'ōtʃɪ 'ēʃɪs dʒɪ dru'mi// elɪ 'ja 'sabi fa'ze dʒɪ 'tudʊ/ elɪ vaj sɔ'zɪjʊ prʊ 'sazɪ// eʊ nēw̃ vi kj'elɪ 'tĩjnə mi'zadʊ na 'kēmə/ ki gu'ri 'porkʊ// majs a'gɔrə sɔ du'mĩgʊ prə la'va 'ropə kj'eʊ kũsɪ'gi 'fɔwgə nʊ du'mĩgʊ da'ɪ eʊ 'lavʊ as 'ropə ɪ 'levʊ ʊ gu'ri pra pas'ja nʊ 'ʃɔpĩ// eʊ 'digʊ pra 'elɪ profe'so ki sɪ 'elɪ akor'da mi'zadʊ dʒɪ 'novʊ elɪ ki pelʊ 'menʊs 'trɔki a 'kawsə sɪ'nēw̃ eʊ 'kagʊ elɪ a paw// brɪ'gadʊ 'pelə 'kawsə 'nɔvə/ 'tēŋʊ ki devow've]

\*\*\*

[koj'tadʊ dʊ gu'ri/ elɪ 'sēprɪ vēĩ kō a pi'ɔr 'xowpə prə 'ka// da'ɪ 'ozɪ elɪ vejʊ fe'dēdʊ 'mũĩtʊ/ nēw̃ 'davə prə Je'ga 'pɛrʊ// 'ɛrə ũ fe'dor ʔsupor'tavew dʒɪ 'mizʊ// a'lēĩ 'dʒɪsʊ/ a 'kawsə 'delɪ tĩjnə ũ ras'gēw̃ na 'bũdə i a zētʃɪ 'viə ki elɪ nēĩ 'kwɛkə tĩjnə// eʊ le'vej a 'turmə 'delɪ prə 'salə/ prə zētʃɪ kome'sa a atʃivɪ'dadʒɪ// na'kelə 'salə aper'tadə/ ʊ fe'do 'tavə ʔsupor'tavew/ nēw̃ sej 'komʊ as kri'āsas nēw̃ sēĩ'tʃɪrāw̃// de'sɛrʊ tǎ'bēĩ is'tēw̃ acostʊ'madəs cōw fe'do/ ta'dʒɪjɔs// eʊ/ na mĩjnə fũ'sēw̃ dʒɪ profe'sor/ 'tʃivɪ ki ʔterce'de// 'ātʃɪs dʊ 'lǎʃɪ/ 'kjew nēw̃ ɪa agwē'ta ʊ fe'dor// na kordenə'sāw̃ eʊ kōsɪ'gi ũa 'kawsə prə elɪ// de'pojs a māĩ veɪʊ mɪ pe'dɪ dɪs'kuwpəs/ mas ɛ ũa pregrɪ'sɔzə ki nēw̃ 'kwidə dʊ 'fiʎʊ// nēw̃ ali'mētə ɪ nēĩ 'vestʃɪ/ 'esɪ a'ɪ sɔ 'ʃegā a'ki prə ko'me// sɪ pʊ'desēĩ pe'gavə 'todʊs ʊs pǎēs dʊ xefej'tɔrɪw/ ko'mēdʊ a'tɛ sjestʊ'fa// mas a 'xegrə ɛ dojs pǎĩs pʊrə'lunʊ// jeʊ ki mɪs'fɔrsʊ 'tǎtʊ plane'zǎdʊ 'awlə prə 'nadə]

Eu acordei e vim não tinha café em casa. Minha mãe ficou dormindo, ela trabalha até de noite. E daí quando vê vim caminhando, encontrei os guris ali no beco e a gente apostou corrida foi muito nask. Cheguei aqui no SASE. Estava louco pra jogar futebol, mais no primeiro bloco tive que ficar na oficina de reforço. O sor é muito frau e tava olhando pra mim com cara feia, até prece que eu estou ligando. Eu tenho que esperar todo dia até às nove pra poder lanchar. Minha mãe não fez café e eu não jantei também. Fui lá no refeitório escondido pegar água e vi que hoje tem sanduíche e leite com nescau. Bah, tri nask esse lanche pena que só posso pegar dois se eu pudesse pegava uns cinco pães de uma vez só. Daí quando vê o sor me chama fora da sala e pergunta se eu dormi com essa roupa. Claro que eu dormi, tava frio, acordei e vim. Ele pediu pra eu esperar ali fora e daí quando vê ele vem com uma calça do SASE dizendo que eu precisava trocar de roupa que minha calça tava rasgada na bunda e eu tava fedendo a mijo.

\*\*\*

Quando eu acordei ele já tinha saído de casa eu trabalho até de noite, sou serviço geral num shopping e a gente sempre faz a última faxina depois que fecha tudo. Aí eu pego dois ônibus e chego em casa tri tarde e o guri já tá dormindo. Deixo minha vizinha cuidando dele, ela disse que deu janta pra ele ontem antes de dormir. Ele já sabe fazer de tudo, ele vai sozinho pro SASE. Eu não vi que ele tinha mijado na cama, que guri porco! Mas agora só domingo pra lavar roupa que eu consegui folga no domingo, daí eu lavo as roupas de cama e levo o guri pra passear no shopping. Eu digo pra ele, professor, que se ele acordar mijado de novo, ele que pelo menos troque a calça senão eu cago ele a pau. Brigado pela calça nova, tenho que devolver?

\*\*\*

Coitado do guri, ele sempre vem com a pior roupa pra cá. Daí hoje ele veio fedendo muito, não dava pra chegar perto. Era um fedor insuportável de mijo. Além disso, a calça dele tinha um rasgão na bunda e a gente via que ele nem cueca tinha. Eu levei a turma dele pra sala, pra gente começar a atividade. Naquela sala apertada, o fedor tava insuportável, não sei como as outras crianças não sentiram. Decerto também estão acostumadas com o fedor, tadinhas. Eu, na minha função de professor, tive que interceder. Antes do lanche, que eu não ia aguentar o fedor. Na coordenação eu consegui uma calça pra ele. Depois a mãe veio me pedir desculpas, mas é uma preguiçosa que não cuida do filho. Não alimenta e nem veste, esses aí só chegam aqui pra comer. Se pudessem pegavam todos os pães do refeitório, comendo até se estufar. Mas a regra é dois pães por aluno. E eu que me esforço tanto planejando aula pra nada.



06/05:

- 2 passagens (R\$ 7,50)
- cigarro R\$ 6,50
- 15,00 (almoço VA)
- 1 passagem (R\$ 3,75)
- rancho (R\$ 220,00 V.A)
- 10,00 (Uber)

07/05:

- 1 passagem (R\$ 3,75)
- 50 m (chumasco)

08/05

- 1 passagem (R\$ 7,5)
- 6,50 cigarro

850	33,30
- 650	- 6,50
200	26,80
- 50	- 10,00
150	<del>16,80</del>
- 55,70	at 219
94,30	20
- 50,00	
44,30	
+ 1,50	
45,80	

09/05:

- 2 passagens (R\$ 7,50)
- refi (R\$ 2,50 V.A)
- 2 passagens (R\$ 7,50)

10/05

- 2 passagens (R\$ 7,50)
- 1 passagem (R\$ 3,75) facultade
- água (R\$ 2,50)
- Xerox (R\$ 5,00)
- 2 passagens (R\$ 7,50)

11/05

- 2 passagens (R\$ 7,50)
- 2 passagens (R\$ 7,50)

12/05

- 2 passagens (R\$ 7,50)
- 6,50 (cigarros) ~~(R\$ 6,50)~~
- 2 passagens (R\$ 7,50)

13/05

- 2 passagens (R\$ 7,50)
- 50,00 (Bar do Nino) Crédito
- 15,00 (Uber - crédito)

Boa Nova, 28 de março de 2017.

Cara Margarida<sup>1</sup>,

É melhor morrer na luta do que morrer de fome!

A fome é assunto recorrente aqui na Vila Órion.

A fome é algo que dói. A fome de todo dia vai corroendo as entranhas, elas vão se fagocitando.

Um estômago vazio, uma pessoa com fome, vai usar toda sua capacidade criativa para tentar se alimentar. Nada mais<sup>2</sup>. Eu fico pensando como exigir que um aluno pense sobre algo quando o que ele mais quer é preencher o vazio do estômago. A maioria dos meus alunos do turno da manhã conseguem interagir melhor depois do lanche, que é a primeira refeição do dia.

A gente pode comer qualquer coisa para tirar a dor da boca do estômago, mas a gente se alimentou? Que tipo de alimento comemos? Encher o estômago não é o mesmo que se nutrir. É muito fácil falarmos em dietas balanceadas quando o que temos para consumo que custa mais barato vem com veneno, é ultraprocessado e repleto de açúcar.

O mais barato não é alimento, é um produto. É produzido pela indústria, cheios de açúcar e conservantes que aumentam a durabilidade, uma derivação do alimento in natura<sup>3</sup>, com uma produção barata e, por consequência, um preço mais barato do que o próprio alimento. O alimento saudável não chega no prato do trabalhador, porque perdeu-se o contato com o produtor e os grandes mercados oferecem o que há de mais prático para o consumo.

As propagandas que afirmam que o suco industrial com o personagem na embalagem é mais nutritivo que a fruta. Os slogans, as mascotes fofas, o bombardeio cruel do lanche que vem com um brinquedo de brinde. Sim, agora as comidas vêm com brinquedos.

<sup>1</sup> Ver nota 4 na página 144

<sup>2</sup> (ESQUINAS – ALCÁZAR, 2014)

Quanto mais atrativo o brinquedo, mais caro o produto e pouco importa se o que se coloca na boca é ou não nutritivo, pois os sabores e as texturas são construídos para nos deixar deliciados e maravilhados. Associamos prazer ao ato de comer, mas os sabores artificiais dos *fast foods* tornam nossa experiência inigualável e fica difícil a competição. O que é uma maçã comparada com uma casquinha de sorvete bem doce e gelada?

Mas os meus alunos de Órion não têm tanto dinheiro para comer nessas lanchonetes caras. O básico do dia é o bom e velho arroz e feijão. O que me intriga é o nosso desconhecimento das diversas frutas e legumes que podemos colocar no nosso prato. Mesmo que tenhamos diversidade, é como se tivéssemos, no mundo inteiro, a mesma comida, padronizada<sup>3</sup>. O distanciamento da relação do consumidor com o alimento chega ao ponto de não se saber a origem do que se come. A monocultura torna a alimentação semelhante para muitas nações do mundo, desrespeitando as características do local, o clima o terreno de produção<sup>4</sup>.

Você vai me achar muito burra, mas até pouco tempo atrás eu não fazia ideia de que existiam outros tipos de milho, que não o amarelo que eu comprava na beira da praia. Que existem outras cores de cenoura, outros tipos de batata, milhares de grãos que não só o arroz e muitas plantas que nascem na esquina de casa, que não são venenosas e são possíveis de comer.

A luta pela soberania alimentar do indivíduo passa pela consciência do que se come. Outro dia perguntei para os alunos de onde vinha a carne. Todos eles me responderam: do super! O animal passou por uma linha de desmontagem, onde a ideia de um ser vivo é eliminada do produto final da carne. Depois de retalhada, as partes do corpo são renomeadas e ao final já nem lembraremos que aquilo um dia pertenceu a um animal morto<sup>5</sup>.

A soberania alimentar significa a condição do país poder garantir alimentação para toda a população, livre das imposições do mercado.

<sup>3</sup> (FISCHLER, 1998)

<sup>4</sup> (KONRAD, 2014)

<sup>5</sup> (ADAMS, 2018)

**MULHER E  
DINHEIRO  
'TÁ  
SEMPRE  
ENVOLVIDO  
VAIDADE  
E  
AMBIÇÃO  
MUNIÇÃO  
PRA  
CRIAR  
INIMIGO  
DESDE  
O POVO  
ANTIGO  
FOI SEMPRE  
ASSIM  
QUEM NÃO  
SE LEMBRA  
QUE ABEL  
FOI  
MORTO  
POR CAIM  
ENFIM**

**QUERO VENCER SEM PILANTRAR  
COM NINGUÉM QUERO DINHEIRO SEM PISAR NA CABEÇA  
DE ALGUÉM O CERTO É CERTO NA GUERRA OU NA PAZ SE FOR  
UM SONHO, NÃO ME ACORDE NUNCA MAIS ROLETA RUSSA QUANTO CUSTA  
ENGATILHAR EU PAGO O DOBRO PRA VOCÊ EM MIM ACREDITAR "É ISSO AÍ VOCÊ NÃO PODE  
PARAR ESPERAR O TEMPO RUIM VIR TE ABRAÇAR ACREDITAR**

Ter o poder de definir o que vai produzir, como vai produzir<sup>6</sup>. A luta pela soberania alimentar de uma nação passa pelo direito à terra, à moradia, à educação pública, à saúde pública, ao saneamento básico. Enfim, ao básico direito humano. Mas como esses senhores do poder odeiam os direitos humanos!

É impossível imaginar que ainda há tanta gente no mundo com fome.

Por isso eu acho que nossa luta se cruza. Porque muito melhor seria se tivéssemos acesso aos produtores locais. Se esses produtores tivessem terras para plantar, se o seu trabalho fosse digno e não regulado pelo mercado.

Eu queria reativar a horta no espaço da Educação Ambiental. O Professor saiu logo no meu primeiro mês de trabalho. Ele entrou um pouco antes de mim, mas ficou apenas três meses, foi demitido no último dia do contrato de experiência. Ele mal tinha conseguido abrir a horta, fazer os canteiros. As crianças mexendo na terra, comemorando se uma semente germinava, era uma das mais lindas visões aqui da Menino Cristo. Eles tinham até começado a construção da composteira, mas o pessoal da cozinha não levava os restos dos alimentos para lá. A administração fala em evitar desperdício, mas na hora de pensar que temos espaço suficiente para plantar e garantirmos parte da alimentação dentro da própria instituição, na hora de apoiar o projeto do colega, que estava se desenvolvendo muito bem, eles vão lá e demitem o professor! A justificativa foi a falta de verba. Um projeto que leva tempo, pois o retorno demora. Há que se esperar a planta crescer para poder colher. Mataram as sementes antes de germinar.

Que espaço rico de aprendizagem é mexer com a terra. Longe de romantizar o duro trabalho realizado pelos trabalhadores rurais, mas para as crianças é uma grande lição. Lição de autonomia, de independência e, por que não, de interrelação com o ambiente e com os outros seres.

O poder, o domínio, o controle.

Tentei conversar com a Gestora da instituição. Para voltarmos a utilizar a área da Ambiental. Ela queria saber como eu faria para fazer

---

<sup>6</sup> (MENEZES, 2014)

aquilo, se eu tinha experiência com isso. Eu sugeri que chamássemos cooperativas das áreas rurais aqui de Boa Nova. Pessoas que trabalhem com agricultura familiar, alguém com conhecimento que nos daria uma oficina. Tinha inclusive um contato, que daria a oficina de graça. O espaço para plantar nós tínhamos, as ferramentas, também. A menina que se ofereceu para dar a oficina levaria mudas e sementes, e ainda se ofereceu para ensinar uma receita de bolo feito com a fruta inteira, para mostrar que é possível cozinhar sem desperdícios.

Fui proibida de tomar essa iniciativa.

Então eu achei, no prédio das salas dos professores, uma salinha que tinha uma porta externa. Enchi o saco do zelador, que é meu parceiro de fumo nos intervalos de almoço, para conseguir a chave. Foi uma pequena burocracia para conseguir abrir essa porta, mas eu encontrei lá uma cozinha pequena, com fogão, geladeira, uma mesa e algumas cadeiras. Propus para os alunos uma oficina de culinária. Fizemos coisas bem simples, um pão de frigideira e antepasto de beringela. Montamos um sanduíche e fizemos um suco com laranja, banana e limão. As crianças adoraram a experiência, anotaram a receita e disseram que iam tentar cozinhar para a família.

Levei uma advertência formal (registrada em ata) pela minha insubordinação.

Falamos de sanar a fome dessas crianças, acabar com a desnutrição. Mas preencher a fome não significa que elas estão alimentadas.

Margarida, o que precisamos fazer, para reconquistarmos a nossa dignidade?

Pelo direito à alimentação saudável.

Pelo direito de escolha sobre o que iremos comer.

Pela livre oferta de alimentos, não produtos.

Luto aqui, com o punho fechado.

Sigamos, Margarida. Sigamos.

**E SONHAR**

**E SONHAR**

**E SONHAR**

**SEMPRE**

**FUI**

**SONHADOR**

**É ISSO**

**QUE**

**ME**

**MANTÉM**

**VIVO**

**QUANDO**

**PIVETE**

**MEU SONHO**

**ERA**

**SER**

**JOGADOR**

**DE**

**FUTEBOL**

**VAI**

**VENDO**

**MAS O**

**SISTEMA**

**LIMITA**

**E5. NOSSA VIDA**

**DE TAL**

**FORMA E TIVE QUE FAZER MINHA ESCOLHA**

**PORÉM O CAPITALISMO ME OBRIGOU A SER BEM SUCEDIDO**

**O PENSAMENTO É A FORÇA CRIADORA IRMÃO O AMANHÃ É ILUSÓRIO**

**PORQUE AINDA NÃO EXISTE O HOJE É REAL**

## 3.

No portão da instituição

E5 (acendendo um cigarro) – Quer o fogo?

Zelador – Claro!

E5 – Me diz uma coisa, sabe aquela sala lá do fundo?

Zelador – Aquela que tem uma porta com saída para os fundos?

E5 – Essa mesma!

Zelador – Que é que tem?

E5 – Como eu consigo a chave?

Zelador – Sabe que tu deu sorte? A gente tá trocando todas as fechaduras do prédio. Amanhã eu vou ter que estourar a porta daquela sala pra poder trocar a fechadura. Tu não te aguenta de curiosidade, né guriuzinha? Que que tu quer te enfiar ali, hein?

E5 – Quero saber o que tem dentro, vai que seja uma sala boa pra dar uma aula diferente?

\*\*\*

ela chegou sorradeira com aquela cara de  
sonsa que ela sempre faz cara de sonsa  
quando quer pedir alguma coisa não só  
ela todo mundo todo mundo tem um  
pouco de abobado na hora de pedir as  
coisas eu sou a pessoa eu sou aquela  
pessoa que todo mundo vem mendigar  
alguma coisa é educador é educando e  
eles sempre pedem algo que eu tenho  
que fazer eu tenho que conseguir me dá  
me dá me dá a gestora sempre pedindo  
pra eu fazer faça isso faça aquilo quero  
relatórios e eles outros me pedindo  
coisas material roupas a bola que caiu  
no terreno do vizinho o chinelo em cima

do telhado tempo mudança de horários folga eu não tenho folga e tenho que dar folga pros outros onde já se viu isso aquela sonsa quase me esqueço aquela sonsa chegou me pedindo pra usar a sala de trás a sala de trás que sempre fechada sempre cadeada ninguém nunca foi daí ela conseguiu comigo o zelador e viu a sala ela sempre se esgueirando pelos cantos parece uma assombração e olha que ela nem é pequena mas consegue se passar por invisível ela vê tudo e de tanto ver tudo viu a sala tinha cozinha ela queria dar aula de culinária e chegou com cara de sonsa ela faz um bom trabalho ninguém foge da aula dela como da aula do reforço escolar é a oficina mais difícil eu sempre tenho que ir lá controlar as pestes ninguém nunca sai da aula dela porque não emprestar achei que seria no mês seguinte na outra semana ela chega de novo a cara de sonsa ela chega com várias sacolas muitos legumes legumes diversos e pede a sala cenoura tomate cebola cabem quinze alunos lá beringela alface rúcula ela levou vinte pra lá farinha água óleo eu podia ouvir as risadas sal orégano pimenta fiquei na porta esperando alguém fugir ninguém fugia tempero verde noz moscada alguém saiu da sala banheiro voltou correndo depois de uma hora e meia todos no pátio todos no pátio fizeram pão de frigideira antepasto de beringela salada foram comer no pátio todos sentados todos em silencio frutas também tinha frutas fizeram suco de laranja todos comendo e aproveitando a comida depois também comi muito gostoso eu ouvi eu ouvi muito ela é subversiva ela fez pra todos os alunos todos comeram ela é subversiva não pediu os ingredientes pra gente eu achei que sim a nutricionista tinha que aprovar a culpa caiu em mim pulso firme tenha pulso firme eles são como as crianças que precisam de firmeza nas decisões advertência advertência eu sabia que ia acontecer algo a cara de sonsa não me engana nunca

## ADVERTÊNCIA DISCIPLINAR

SEA. [REDACTED] - E5  
CTPS Nº [REDACTED] SÉRIE [REDACTED]

Foi apurado que no dia 17 de março de 2017 a colaboradora realizou uma atividade culinária na sala do fundo do prédio de aulas, sem a autorização prévia do setor de Nutrição para a devida aula. A atividade deveria ter sido realizada com a supervisão do setor, que disponibiliza os insumos para as aulas; com a parceria com a Padaria Alimentar e o mercado Dalaon, que disponibilizam pães, marmelada, maionese, demais condimentos e refrescos. A colaboradora trouxe frutas e legumes, oriundas de outro fornecedor.

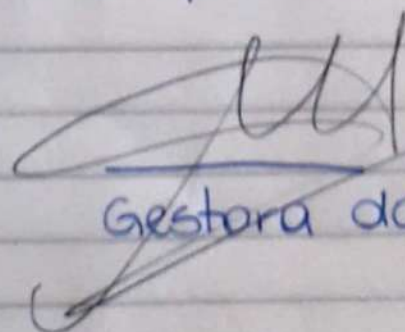
Em virtude deste fato, decidimos aplicar a pena de ADVERTÊNCIA, na intenção de evitar a repetição desta conduta, o que poderia resultar na aplicação de penalidades mais severas.

Sendo o que se apresenta, esperamos manter o bom relacionamento e que este infortúnio seja superado.

Boa Nova, 27 de março de 2017.



E5



Gestora da unidade Órion



4.

Sala multiuso

e2 – Ô sor, o que é que tem de lanche hoje?

E4 – Mas que tanto que vocês sempre perguntam de lanche?

E5 – Eu fui no refeitório e descobri o que tem de lanche.... hoje tem pizza!

Todos educandos – EEEEEEEEE

E5 – De minhoca!

e2 – Ai, eca, sora, que nojo! Fala o que é de verdade!

E5 – Eu passei no refeitório, mas não vi qual é o cardápio. Quem sabe a gente começa a atividade, daí na hora do lanche a gente descobre o que tem pra comer.

e5 – Sabe, sora, eu não consigo fazer nada quando eu tô com fome. E eu tô morrendo de fome.

e10 – Eu também tô com fome, sabia? A última vez que eu comi foi ontem no lanche da escola.

E4 – E tu não comeu nada de noite, gurria?

e10 – Eu não sor, não tinha comida em casa.

E4 (para E5, baixinho) – Credo, que mães desnaturadas!

E5 – Eu tive uma ideia! Já que falta meia hora para o lanche, vamos acordar o corpo bem devagarinho. Eu e o sor E4 vamos ler uma história para vocês e enquanto isso, vocês encontram um lugar bem confortável na sala, vão se

espreguiçando... pode bocejar que bocejar é bom!

e2 – Sora, pode desligar a luz da sala? Daí a gente imagina que vai dormir e quando acorda vai tomar café da manhã.

\* \* \*

eu não consigo pensar me dói ter que pensar agora a barriga dói ela sempre doendo que eu não como eu não comi o final de semana inteiro só uma polenta se é que isso se pode chamar de comida minha mãe eu e meus dois irmãos comemos polenta o final de semana inteiro a barriga dói ela sempre doendo e no médico estou bem não estou desnutrido ainda bem mas e a dor a dor é de fome tem que comer minha mãe desempregada meu pai sumiu não tem dinheiro não tem comida tenho que esperar quanto tempo falta pras nove eu quero que chegue as nove eu pensei nas nove o final de semana inteiro porque eu sei que tem comida eles sempre tem comida pelo menos tem comida aqui fica deitado pra não cansar dorme que a barriga não ronca minha mãe me disse pra não me mexer não sair pra jogar futebol não brincar com meus amigos que não tem mais comida eu vou me cansar não quero ouvir conversa fiada é que dói não respondo pergunta porque dói minha barriga dói ela disse que estudos comprovam que meu baixo

rendimento se dá porque eu não como  
não sei o que é rendimento é só que  
me dói mastigo a saliva às vezes terra  
terra é gostoso eu gosto de terra bem  
fresquinha a nutricionista mandou comer  
três bananas por dia não como nem pão  
que dirá banana elas são todas loucas não  
imaginam o que é sustentar três filhos  
sozinha minha mãe sempre diz me acham  
relaxada porque não tem comida em casa  
eu tô sozinha aqui sozinha com meus filhos  
as professoras só ficam me mandando eu  
só tô é com dor não vou responder nada  
minha barriga dói quando como eu como  
com gosto eu gosto mastigo como tudo o  
que posso mastigo bem de boca fechada  
fazendo silêncio a hora da comida é uma  
hora sagrada tudo o que deixam eu gosto  
do gosto o gosto da comida que não tem  
em casa depois que eu como depois que  
eu como bastante e tomo o leite tomo o  
leite com chocolate depois que eu como  
tudo deixo o prato limpo eu posso te  
responder eu consigo pensar fica tudo  
mais fácil enquanto não como não encho  
a barriga não tapo o buraco do dente não  
quero pensar me deixa quieto melhor  
dormindo que a barriga dói

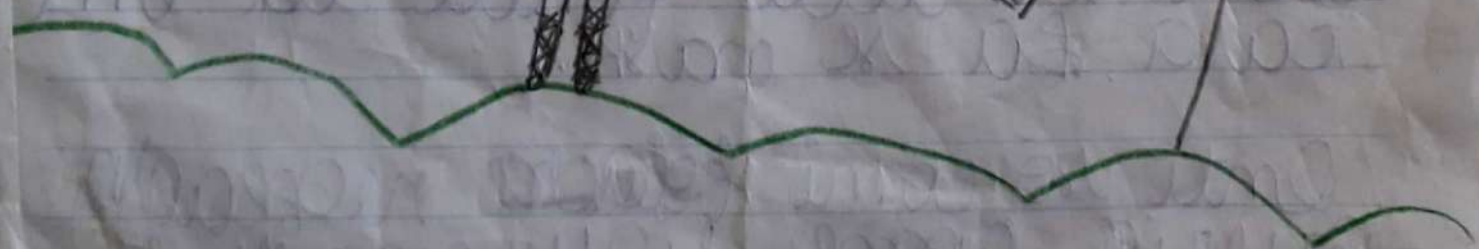
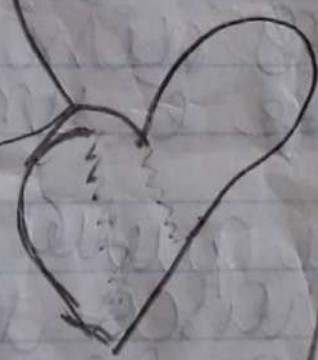
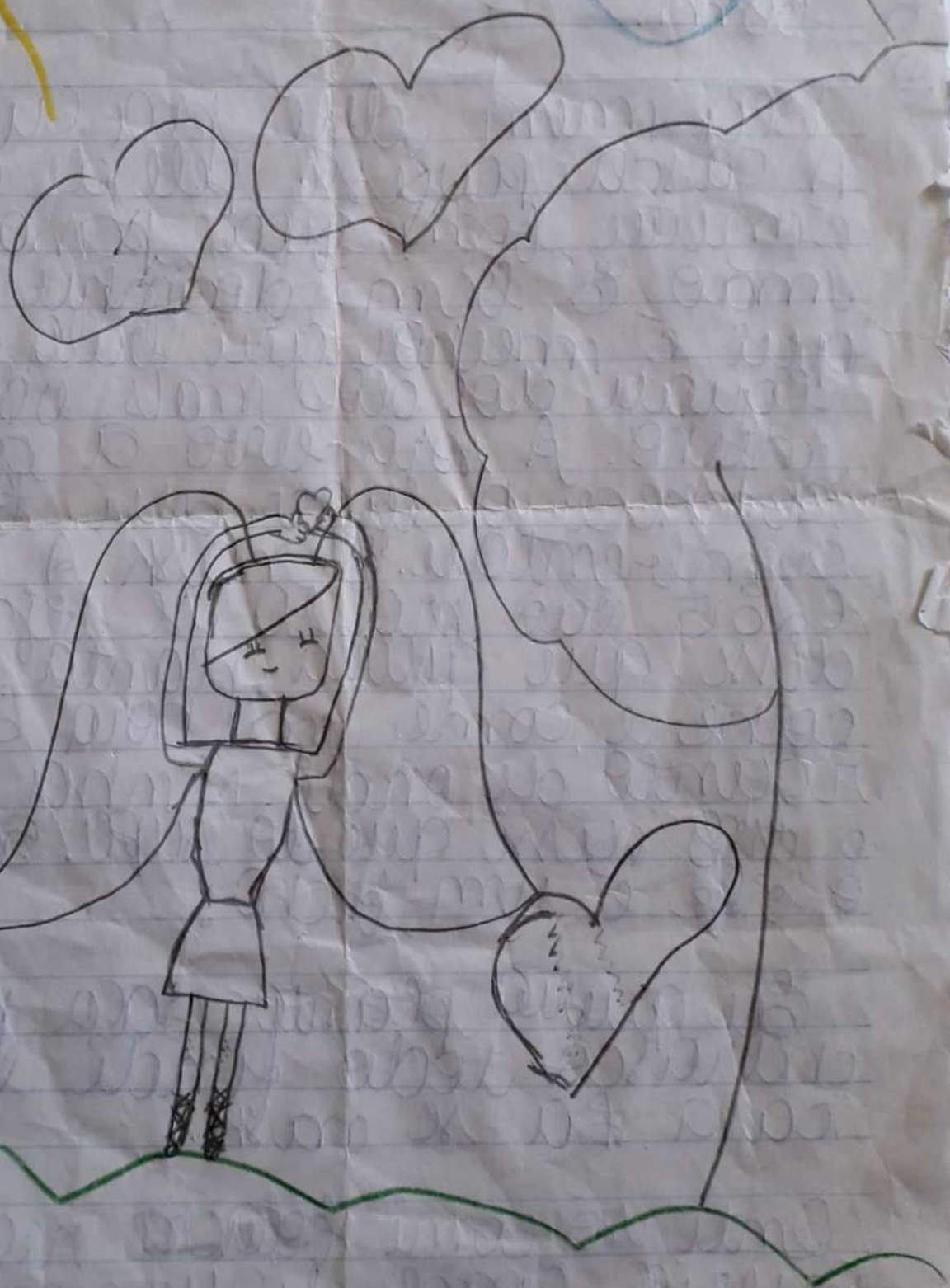
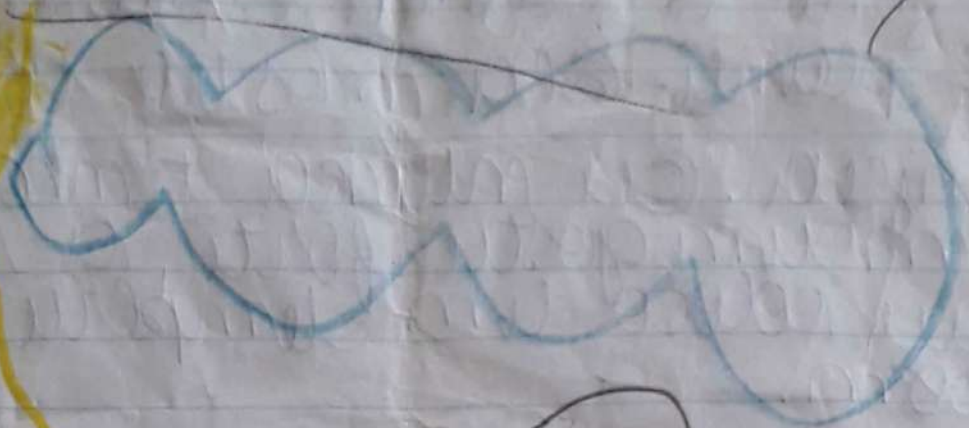
15 de junho

a sora disse que a gente tem que ser rei da moça comida. Ela que insina a gente a comida e que que a gente planti. Ela mostrou uma birinjela. Eu nunca tinha visto. Tem um gosto forte, a sora disse que coloca um tempero e fica bom.

Ela mim deu pra comer figo. A casca paressi pele de gente e e muito bom fica passando a mão. E bem doce. Ela disse que e melhor que bala. Eu gosto igual dos dois mais vale e melhor. A sora levou a gente pra conhecer o lugar que tinha a ambulante. E mais. A 247 e o 265 vai pra lá se seja. A sora disse que queria planta pra gente colher e comer na hora. A sora perguntou de onde vinha a comida o 189 disse que do suco. Sabia que o bife e um bicho?

Eu queria planta vaca pra mac churasco todo fendi lá em casa. Lá se mais.

Ontem só comi bolacha recheada. Queria comer figo mais e muito cara filha.







Pátio

Educação Ambiental

Quadra de esportes



PRESIDÊNCIA

**São Paulino, 15 de agosto de 2018.****Caríssima Gestora da Unidade Vila Órion,**

É com muita alegria que anunciamos a implementação de um novo projeto nacional da Menino Cristão. Este projeto trará visibilidade e patrocinadores novos para a Instituição.

Estamos ampliando nossos recursos para atendermos também pessoas com deficiência.

As oficinas continuarão as mesmas, porém, em um turno na semana, alguns Educadores serão deslocados para atenderem esse novo público.

Exigimos um Educador de cara área, e, como sugestão, acreditamos que o melhor seja que o setor de Artes e o setor de Educação Física façam este atendimento. De preferência, utilizem o Educador ou a Educadora que têm maior habilidade com crianças, visto que os novos educandos têm, em sua maioria uma capacidade menor de inteligência. Não é preciso deslocar o Educador do Reforço Escolar.

A função desses novos atendimentos é fazer com que os novos educandos possam conviver com os outros alunos normais, neste turno selecionado por vocês.





## PRESIDÊNCIA

As inscrições deverão ser abertas a todas as pessoas que queiram participar (seja crianças ou adultos). As vagas não deverão ultrapassar no número de 40. No turno selecionado para eles, eles farão dois blocos de atividades. Participarão de um horário separado para o lanche e para o almoço, para evitar confusões. Também terão um horário de entrada e saída separados, para que os pais dos educandos normais não fiquem nervosos com a presença dos deficientes no ambiente.

Cada Unidade tem autonomia para determinar o turno da semana dedicado a essa programação.

Sugiro que a senhora se reúna com a Coordenação e os Educadores para pensarem na melhor alternativa para a Instituição.

A Unidade tem, a contar da data de envio da carta, trinta dias para apresentar o projeto de inclusão da mesma.

Atenciosamente,

-----  
Presidente da Menino Cristão- Brasil

## Ata da reunião pedagógica

Sala de informática, às 9 horas.

Estavam presentes os educadores de Educação Física E1, E2 e E3, o educador de Informática E4, a educadora de Teatro E5, a educadora de Dança E7, o educador de capoeira, E9, a educadora de Reforço Escolar, E10, a Coordenadora Pedagógica, o Coordenador Esportivo, a Assistente Social, a Gestora da Unidade.

Mesa: Gestora, presidente e Assistente Social, secretária.

Ordem do dia: O Dia da Inclusão.

A gestora trouxe uma nova proposta levantada pela presidência nacional da Menino Brilhante, para atrair mais dinheiro para a Instituição, bem como promover um trabalho diferenciado. A iniciativa se chama "O Dia da Inclusão". Convieste em utilizar um turno na semana, que no caso será na quarta-feira à tarde, para que dois educadores possam dar aula para turmas com deficiência. As inscrições serão abertas a partir do primeiro dia útil do próximo mês e as aulas iniciarão no mês seguinte. Como ainda não há verba para este projeto e não há verbas excedentes para este momento inicial, dois educadores da unidade serão deslocados para esta atividade, ao qual, em reunião, primeira, a

Gestoras, juntamente com a coordenação, decidiu que as educadoras responsáveis por este projeto serão a E3 e a E5. Serão formadas duas turmas, unindo por idade, ou talvez por deficiência, o que dependerá do número de pessoas que se inscreverem. A princípio, a preferência será para pessoas com deficiência intelectual e as doenças conhecidas como Síndrome de Down e Autismo, podendo a parcer outras doenças. Cada turma fará um bloco com cada educadora, trocando em um horário pré-estabelecido, a ser combinado em outro momento. Será feito um horário especial de entrada e lanche das turmas, para que eles não se misturem aos alunos normais. E5 perguntou como eles poderiam decidir sem consultar o educador, pois ela ainda não se sente preparada para dar aula para esse público, acredita que se acontecer algo, algum problema, ela não se sente apta para resolver. A Gestora diz que a decisão foi pela facilidade que as educadoras apresentam com o público de 06 a 09 anos, o que deve ser a idade mental da maioria dos novos alunos. E5 pergunta se irá fazer algum curso sobre educação inclusiva custeado pela Instituição, que se a ordem não da preferência ela já sabe que não pode ser questionada. Gestora diz que já fez uma lista de cursos livres gratuitos caso E5 utilize internado e irá fornecer o laudo médico dos novos alunos para que elas saibam com quem estão lidando. Salienta que este trabalho não trará nenhum adicional no salário, mas aparecerá ao currículo caso as educadoras estejam pensando em alguma pro-

moção.

Nada mais havendo a tratar, foram suspensos os trabalhos para a lavatura da ponte, ata e, aberta a sessão, esta foi lida e aprovada por todos os presentes, que em seguida a assinaram.

MA

E1

gle

E2

gle.

E3

MA

E4

gle

E5

gle

E7

MA

E9

MA

E10

MA

Coordenadora  
Pedagógica

MA

Coordenador  
Esportivo

MA

Gestora da  
Unidade

Boa Nova, 31 de agosto de 2018.

Levado em livro próprio.

MA

Assistente Social  
Secretária

Boa Nova, 10 de maio de 2019.

Querida Nise<sup>1</sup>,

É muito fácil rotular as pessoas, mais fácil ainda rotular os educandos. Irrequietos. Desatentos. Preguiçosos. Burros. O outro é quem tem algo de errado, nós nos eximimos do nosso próprio descaso ou desatenção.

Meu aluno não aprende. O que acontece com ele?

A solução para essa dificuldade? Onde está?

Eu sei que eu faço muitas perguntas, muitas mesmo. Onde eu trabalho meus colegas e meus superiores reviram os olhos cada vez que peço a palavra em uma reunião ou em uma conversa. Porque eu pergunto. Aí me dizem que eu nunca trago as soluções, mas destruo todas elas com as minhas perguntas. Alguns chegam até a me chamar de subversiva, quando eu proponho que a gente ouça o que os educandos têm a dizer. “Onde já se viu, criança agora tem algo a dizer?”

O que eu mais admiro em um aluno é a coragem que ele tem para perguntar. Em um mundo onde as opiniões valem mais que o conhecimento<sup>2</sup>, admitir que não possui uma opinião e, mais, que deseja saber mais sobre alguma coisa, é um ato de coragem. Eu também acho irresponsável carregar o título da sapiência absoluta, tratar meus alunos como ignorantes. Posso também ensinar o que eu não sei<sup>3</sup>. E quero aprender de onde não se espera.

Acabei dando muitas voltas para contar o que vem acontecendo na Menino Cristão. Eu me enrolei toda porque o fato de eu perguntar sempre tudo causou um incômodo desde o primeiro dia que o fato nos foi anunciado.

A Instituição resolveu promover a inclusão, trazendo para dentro dos portões alunos com deficiência. Eu, no início, achei uma ótima ideia.

<sup>1</sup> Ver nota 5 na página 145.

<sup>2</sup> (LARROSA, 2019)

<sup>3</sup> (RANCIÈRE, 2019)

**O PRÓDIGO ATRAVESSOU A RUA COM SEU PASSO BÊBADO SUBIU A CONSTRUÇÃO COMO SE FOSSE SÓLIDO ERGUEU NO PATAMAR QUATRO PAREDES MÁGICAS TIJOLO COM TIJOLO NUM DESENHO LÓGICO SEUS OLHOS EMBOTADOS DE CIMENTO E TRÁFEGO SENTOU PRA DESCANSAR COMO SE FOSSE UM PRÍNCIPE COMEU FEIJÃO COM ARROZ COMO SE FOSSE O MÁXIMO BEBEU**

**E SOLUÇOU COMO SE FOSSE MÁQUINA DANÇOU E GARGALHOU COMO SE FOSSE O PRÓXIMO E TROPEÇOU NO CÉU COMO SE OUVISSE MÚSICA E FLUTUOU NO AR COMO SE FOSSE SÁBADO AE SE ACABOU NO CHÃO FEITO UM PACOTE**

Acho que a educação ou é universal ou não é. Se alguém não puder fazer parte do convívio educacional, estamos fazendo alguma coisa muito errada.

Quando descobri que eu seria a professora designada, começaram as perguntas. Eu sempre ouço os cochichos: “lá vem a chata problematizadora”. “Daqui a pouco a Gestora cala a boca dela ameaçando de demitir”.

Sim, é isso que sempre acontece. Infelizmente não posso ficar sem trabalhar e às vezes preciso engolir alguns sapos.

O que mais me chocou nisso tudo é que, assim que as inscrições foram encerradas e as turmas definidas, tive uma reunião com a coordenação e a gestão, e lá eles me forneceram os laudos de todos os novos alunos. Eu poderia ler esses trinta laudos que me entregavam e isso iria me ajudar a dar uma aula melhor.

Engraçado que eu li e descobri inúmeras doenças, sintomas e características novas. Sei vários CIDs, mas nesses laudos não tinha escrito como eu poderia dar aula. A confiança cega que temos na medicina faz com que as nossas práticas pedagógicas sejam psiquiatrizadas<sup>4</sup>. Parece que a educação adquiriu, nos últimos tempos, um modo de olhar para o outro como se ele fosse uma simples somatória de características biológicas e comportamentais, ambas tomadas como ponto de partida para a definição da presença de possíveis patologias<sup>5</sup>. Há quem entre na escola com o laudo anexo ao seu cadastro, há quem saia da escola com o laudo.

Vou abrir outros parênteses (novamente dando voltas). Eu posso estar sendo simplista (eu acho que estou), mas a medicina controla, aponta culpados e procura soluções. Há que ser corrigido, modificado, encaixotado no perfil social normal. E então quando eu me deparo com um aluno com dificuldade de se alfabetizar, o que eu posso fazer? Questionar minha ação, o meu fazer em sala de aula? Achar algum culpado externo? Encontrar um transtorno que me redima dessa minha culpa cristã?

Vamos dar um remédio que logo estará tudo ajustado.

Não estou também demonizando a necessidade de consultas médicas, laudos, tratamentos e terapias. Temos tantas inovações na ciência que

<sup>4</sup> (FOUCAULT, 2010)

<sup>5</sup> (CHRISTOFARI; FREITAS; BAPTISTA, 2015)

**TÍMIDO AGONIZOU NO MEIO DO PASSEIO NÁUFRAGO MORREU NA CONTRAMÃO ATRAPALHANDO O PÚBLICO AMOU DAQUELA VEZ COMO SE FOSSE MÁQUINA BEIJOU SUA MULHER COMO SE FOSSE LÓGICO**

**ERGUEU NO PATAMAR QUATRO PAREDES FLÁCIDAS SENTOU PRA DESCANSAR COMO  
SE FOSSE UM PÁSSARO E FLUTUOU NO AR COMO SE FOSSE UM PRÍNCI E E SE ACABOU  
NO CHÃO FEITO UM PACOTE BÊBADO MORREU NA CONTRA-MÃO  
ATRAPALHANDO O SÁBADO**

é até absurdo não fazer de tudo para que as pessoas possuam uma melhor qualidade de vida. Mas não acho que seja só ou apenas isso. Ter um papel me dizendo que tenho uma doença ou síndrome não é a solução dos problemas.

Voltando ao dia da Inclusão. Laudos que não me diziam nada. Eu li muito sobre as doenças, os CIDs, os sintomas, os comportamentos comuns.

Li até o dia em que as aulas começaram. Estava nervosa, como sempre fico quando uma turma é nova. Muitos não falavam nada, outros tinham dificuldades de locomoção, além de não falar. Outros falavam frases repetidas, as mesmas, todo o tempo. Outros se comunicavam bem, alguns apenas repetiam o que eu perguntava mudando a entonação.

No primeiro contato já tinha percebido que a primeira aula havia ido para o espaço. Eu bolei todo um plano de apresentação. Cada um dizia o seu nome, apontava para um colega que deveria dizer o nome.

Como dizem os meus alunos, “olhas as ideia da sora”.

Com a primeira atividade frustrada, abandonei o planejamento e perguntei o que eles gostavam de fazer, propondo atividades entendendo quem eram aqueles alunos, o que gostavam, como interagiam com o mundo.

Recebi a chamada com os códigos dos alunos. Sim, aqui em Órion temos códigos e devemos chamar-nos por eles. Uma letra e um número, ou a sua função dentro do sistema. Impossível querer estabelecer uma conexão com eles chamando por um código aleatório. Fui até as responsáveis, as cuidadoras desses alunos, para conversar e contar como estavam sendo as aulas e, aos poucos, essas mulheres foram me contando os nomes deles.

Então descobri que o Márcio, apesar de não falar palavras que eu pudesse entender, gesticulava e tinha uma prosódia tão clara que era possível sim compreender o que ele dizia. Gosta sempre de conversar e ele dança muito bem, então trabalho com criação de personagens com ele, ele é ótimo fazendo papeis que exigem eloquência e tem uma noção espacial incrível. A Ana, começou as nossas aulas andando sempre com

**POR ESSE  
PÃO PRA  
COMER,  
POR ESSE CHÃO  
PRA  
DORMIR  
A CERTIDÃO  
PRA NASCER  
E A CONCESSÃO  
PRA SORRIR  
POR ME  
DEIXAR  
RESPIRAR,  
POR ME DEIXAR  
EXISTIR  
DEUS LHE PAGUE  
PELA  
CACHAÇA DE  
GRAÇA  
QUE A GENTE  
TEM QUE  
ENGOLIR  
PELA FUMAÇA  
E A DESGRAÇA  
QUE A GENTE  
TEM QUE  
TOSSIR  
PELOS ANDAIMES  
PINGENTES  
QUE A  
GENTE TEM QUE  
CAIR DEUS LHE PAGUE  
PELA MULHER CARPIDEIRA PRA NOS LOUVAR E CUSPIR  
E PELAS MOSCAS BICHEIRAS A NOS BEIJAR E COBRIRE PELA PAZ DERRADEIRA QUE ENFIM  
VAI NOS REDIMIR DEUS LHE PAGUE**

**E PELAS MOSCAS BICHEIRAS A NOS BEIJAR E COBRIRE PELA PAZ DERRADEIRA QUE ENFIM  
VAI NOS REDIMIR DEUS LHE PAGUE**

**SUBTER****RÂNEO****PESADELO****DOS****TIRANOS****CHAMA****O SÍNDICO****MAIS UM****VIRA-LATA****LATINO-****AMERICANO****BOOM****BAP****COMO****RELIGIÃO****URBANA****LEGIÃO****UNS****VINTE****COMO EU****POETAS****DESTI****NADOS****A SEGUIR****NA**

ajuda de alguém e não falava. Começamos mobilizar o corpo e hoje ela anda sozinha pela instituição e ama tocar instrumentos de percussão. O Sérgio não gosta de música alta, então na turma dele cantamos músicas em volume baixo, porque ele gosta muito e tem uma noção rítmica incrível, não poderia deixar de utilizar em aula o ponto mais forte dele. O Ricardo não gosta de ser tocado, mas gosta de sentir a textura dos objetos, então gosto de trabalhar com muitos estímulos táteis, tecidos, bolas com diferentes texturas, e até mesmo o toque em instrumentos musicais diversos.

A Cíntia não anda sozinha e nem fala, usa fraldas e baba muito, mas tem um senso de humor incrível, adora comédia pastelão e tem a risada mais alta da turma, ela se diverte quando o Márcio faz um personagem bem histriônico e que se movimenta muito pelo espaço, também gosta quando trabalhamos o melodrama, aquele peso dramático muito semelhante às novelas mexicanas. O André fala muito pouco, mas anda sempre com seu celular no gravador de voz e ama documentar os sons do mundo. Ele diz o nome da pessoa, ou do objeto que faz o som e logo após pede para que a pessoa fale ou manipula esse objeto, gravando os estímulos sonoros. Gosto de passear com ele, vendo sua interação ao encontrar um pássaro, ou gravando o som dos passos nas folhas secas. Eu imagino o que deve ser esse arquivo sonoro que ele possui, já que ele grava tudo mesmo que o chame atenção.

Guilherme não gosta de espaços abertos, pode ficar violento com os outros se não estiver em um local delimitado espacialmente, mas tem uma imaginação incrível e conta as melhores histórias de heróis. Com ele marcamos o espaço de palco e plateia, às vezes com fita no chão, ou então com uma corda nas cadeiras. Ele improvisa histórias onde os personagens salvam o dia, ajudando os colegas a colocarem adereços para compor melhor os personagens que irão encenar. Jéssica é muito inteligente, resolve problemas matemáticos complexos, é capaz de contar histórias de maneira tão cativante que nos prende. Improvisa muito bem, tem ritmo, se comunica bem, é uma líder nata e sempre coordena as atividades de forma muito democrática, respeita as sugestões dos colegas e ajuda a apaziguar algum conflito.

Eu dei alguns exemplos aqui de alguns dos alunos que estão na sala de aula para dizer que, sinceramente, os papéis com o carimbo médico

**CONTRAMÃO DOCE E AMBIÇÃO NOVOS FUMOS RUMOS****IDEIAS SKATE NA VEIA MORAR COM ELA COMER VIVÊNCIA E CAGAR NA REGRA****E SE NÃO FOR PEDIR DEMAIS INSPIRAÇÃO PRA ESCREVER MAIS ESSA PEÇO E APESAR****DOS TROPECOS ME SINTO VIVO ENTÃO REZO E AGRADECO ME SINTO VIVO VIVO**



nunca me deram essas informações tão ricas sobre eles. Elas também não foram difíceis de conseguir, bastou que eu me pusesse à disposição de sentir.

A loucura receberia o concurso de outros os fluxos, inclusive o da ciência e o da arte, e só é assim chamada porque está privada desse concurso e se acha reduzida a ser a única a dar testemunho da desterritorialização como processo universal<sup>6</sup>. É aquele nervo exposto que queremos evitar. O corpo que travou guerra com o organismo<sup>7</sup>, que foge à norma.

Pensando assim, muitas pessoas são loucas. Se a norma é o homem, branco, heterossexual, cisgênero, pertencente à classe média ou classes superiores (nunca inferiores) ...

A Menino Cristão abriu uma proposta de inclusão onde os alunos desta turma deveriam ficar isolados do convívio com os normais, lanchar em momentos separados, evitar serem vistos, todos em sala, em silêncio. Bela inclusão! E justamente por esse movimento é que vejo muitos educandos chamando as quartas-feiras (o dia onde supostamente é o dia da Inclusão) de Dia do Louco.

Eu resolvi quebrar um pouco essas regras. Eu os levo para caminhar no pátio, para visitar o antigo espaço da Educação Ambiental. Em alguns dias fazemos lanches no mesmo horário de todos. Estou esperando o momento de ser advertida novamente pelos meus atos. Mas não posso permitir essa segregação, principalmente levando em conta que esta é também um espaço educacional.

O que mais me surpreende nisso tudo é que as pessoas que têm preconceito com essa turma são os adultos. Os educadores (que não dão aula para eles), os outros colaboradores, todos olham com caras assustadas e têm medo de chegar perto. Os educandos escapam para ver as aulas, pedem que as minhas aulas com eles sejam iguais às da quarta-feira. Pedem que eu os chame pelo nome.

O que para mim começou como um obstáculo, uma dificuldade, virou uma revolução. Não sou a mesma professora que eu era. Não tenho medo

<sup>6</sup> (DELEUZE; GUATTARI, 2011)

<sup>7</sup> (DELEUZE; GUATTARI, 2012)

**TE CATAS MAS**

**AQUI**

**NÃO**

**PASSA**

**EU TENHO**

**A BESTA**

**DE BESOURO**

**E NO BOLSO**

**A**

**NAVALHA**

**MORRERIA**

**PRA**

**ESCREVER**

**MATEI**

**MINHA RAZÃO**

**EU COMERIA**

**A RUA**

**PASSARIA**

**A FOME**

**ESCREVERIA**

**PÃO**

**SANIDADE**

**LOUCURA**

**QUEM VAI**

**DIZER**

**PASSARIA**

**A FOME**

**ESCREVERIA PÃO**

**SANIDADE LOUCURA QUEM VAI DIZER**

**QUEM TEM RAZÃO HEIN HUN**

**E APESAR DOS TROPEÇOS ME SINTO VIVO ENTÃO**

**REZO E AGRADEÇO ME SINTO VIVO E APESAR**

**DOS TROPEÇOS ME SINTO VIVO ENTÃO REZO E AGRADEÇO ME SINTO**

**ONDE  
SE  
REFUGIOU  
FORA  
A LUTA  
DOS  
INCONFI  
DENTES  
PELA  
QUEBRA  
DAS  
CORREN  
TES  
NADA  
ADIANTOU  
E DE  
GUERRA  
EM PAZ  
DE PAZ  
EM  
GUERRA  
TODO  
O POVO  
DESSA TERRA**

de fazer planejamentos mirabolantes e pensar que cada momento precisa incluir a todos, mesmo que eu tenha que, em um mesmo espaço de tempo, propor múltiplas atividades. Passei a me preocupar em entender quem divide o espaço da sala de aula, entender seus processos de pensamento. Compreendi que todos aprendem algo. Talvez não seja o conteúdo que eu passei, talvez não seja dentro da sala de aula onde ocorra o aprendizado. Mas todos aprendem algo.

Eu apenas precisei parar de me importar em encontrar a culpa naquilo que dá errado, bem como a correção das pessoas e das situações. Ver, sentir e ouvir com o corpo todo. É isso que vem importando nessas quartas-feiras onde eu tenho suado frio e rido muito.

É uma alegria imensa poder contar contigo para dividir meus questionamentos.

E5.

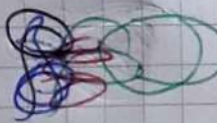
**QUANDO PODE CANTAR CANTA DE DOR Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô  
E ECOA NOITE E DIA É ENSURDECEDOR AI, MAS QUE AGONIA O CANTO DO  
TRABALHADOR ESSE CANTO QUE DEVIA SER UM CANTO DE ALEGRIA SOA APENAS  
COMO UM SOLUÇAR DE DOR Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô, Ô**

A Princesa, como nos tempos em que ela era a traça Biblió, decidiu escrever para crianças. Criou uma bela história sobre duendes verdes que viajam através dos raios de sol. Esses duendes, numa tarde de verão, vieram do céu pelo caminho de luz, às seis em ponto da tarde. Foi o mais lindo pôr-do-sol que se viu na cidade banhada pelo rio.

11 de março

Agora toda quarta é dia de lero. Tem um grupo de lokinhos e a sora ô5 e a sora ô3 vão lá da aula pra eles. Eles são leros mesmo. Tem um que leva o celular pra aula. Daí a sora sai com eles pra ir na amblên tal e daí ele fica gravando o som de todo mundo e o som das coisas. Até na aula da sora ô3. Ela pica a bola e ele coloca o celular nos chão e fala bola, bola, bola. A sora ô5 chama eles por outro nome e eles chamam ela de Mari. Eles são lero mais são mask. Tem um que dança muito e a sora deixa ele espia a aula um pouquinho. Eles fazem aula com tecido, com música. Eles tocam instrumentos de percussão e a sora abraça eles bastante. As vez eu queria se dava turma, a aula deles é mais

- 14/05
- 1 passagem (R\$13,75)
  - m.c (R\$35,00)  
crédito
  - brinquedo para (R\$20,00)  
crédito
  - 1 passagem (R\$3,75)

 lugar para

- 15/05
- 1 passagem (R\$3,75)
  - 15,00 (super ch. especial)

- 16/05
- 250,00 (faculdade)
  - ch. especial
  - 4 passagens (R\$15,00)

- 17/05
- 2 passagens (R\$7,50)
  - 1 passagem (R\$3,75) (faculdade)
  - 2 passagens (R\$17,50)

- 18/05
- 2 passagens (R\$7,50)
  - 10,00 (mercedes + cigarro crédito)

- 2 passagens (R\$7,50)

- 19/05
- 2 passagens (R\$17,50)
  - 15,00 almoço (R\$11,50) VA+3,5 ch. esp.

- 2 passagens (R\$7,50)
- R\$435 (25 metade sal.)

- 20/05
- 150,00 (c. crédito)
  - 2 passagens (R\$7,50)
  - 50,00 (aniver Ana) c. crédito
  - 20,80 (Uber) c. crédito

- 21/05
- 18,50 - aniver Sophia
  - 1300 cigarro (2)

- 22/05
- 1 passagem (R\$3,75)
  - 78,54 (super - c. crédito)
  - 1 passagem (R\$3,75)

450

- 262,20 (ch. esp.)

187,80	19,30
- 150,00	- 13,00
<hr/> 37,80	<hr/> 6,30
18,50	
<hr/> 20	

5.

Na sala de aula

E5 – Hoje nós vamos fazer um trabalho em conjunto! Eu, a sora E7, o sor E8 e a sora E3.

Todas as crianças – EEEEEEEEEEEEEEEEEEE!

E3 – E nós vamos trabalhar sobre uma coisa muito assustadora!!!!  
Uhaahahahahahahaha

(E8 apaga e acende a luz da sala rapidamente)

Todas as crianças – AAAAAAAAAAAAAAAAAA!

E7 – Nós vamos criar monstros!

E5 – Cada um de nós vai criar um monstro para si, e a gente vai trabalhar com esse monstro durante todo o mês inteirinho. No final do mês a gente vai montar um musical. Vai ter música, dança, teatro, um monte de coisas legais.

Todas as crianças – EEEEEEEEEEEEEEEEEEE!

E8 – E, pra começar esse trabalho, a gente vai primeiro pensar que monstro é esse. Como que ele é? O que ele gosta de comer? O que ele gosta de fazer?

E7 – E o mais importante: porque ele é um monstro!

E3 – Será que ele é fedorento? Será que ele tem careta?

E5 – Será que ele solta o pum mais fedido do mundo?

e22 – Lá vem a sora falar de pum fedido!

E8 – Então, pra gente começar, a gente vai escrever quem é esse monstro no papel!

Todas as crianças (desanimadas) – aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa....

E5 – Vamos, gente, vai ser legal. É muito nask escrever sobre monstros! E só a G1 é que vai contar a história deles!

e9 (para E8) – Sor, posso fazer uma pergunta?

E8 – Claro!

e9 – Chega bem pertinho, quero falar no teu ouvido! (o professor chega perto) Posso fazer sobre um monstro que existe de verdade? Um monstro que eu não inventei?

E8 – Pode sim! E qual é o nome desse monstro?

e9 – Ahnnnnn... O nome eu não quero dizer de verdade. Mas posso dizer o apelido. É linguarudo!

E8 – Ótimo! Escreve sobre o linguarudo então!

\*\*\*

O linguarudo é muito frau. Eu e meus irmão tem muito medo dele quando ele canta. O linguarudo canta muito. Toda vez que o linguarudo canta eu sei que fiz coisa errada. O linguarudo tá sempre com o meu pai. A gente fica se cuidando pra não faze merda pro linguarudo não canta. Às veiz quando ele canta dói todinho o meu corpo de tão alto que ele canta. O linguarudo não gosta quando eu pergunto. Ele não gosta quando a comida não é boa. Ele canta pra minha mãe. Ontem ele cantou e eu tô com as pernas roxas.

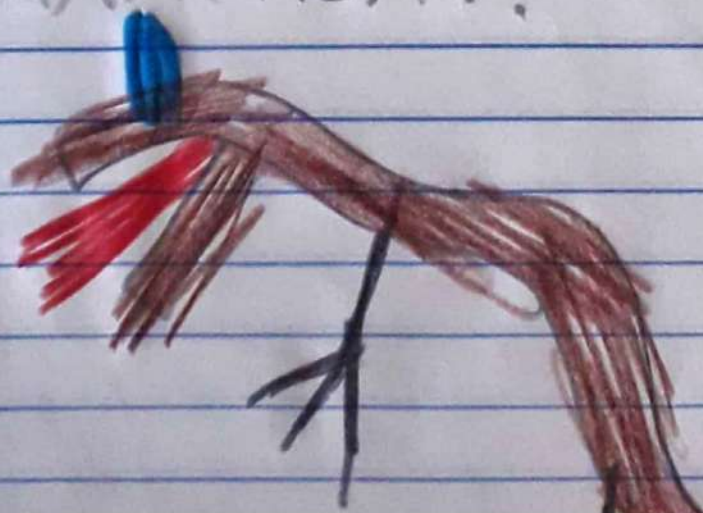
# O LIGARUDU

O LIGARUDU É MUITO FRAU.  
EU E MEUS IRMÃO TEM MUITO  
MEDO DELI QADU ELI CATA. O  
LIGARUDU CATA MUITO. TODA  
VEIS QI O LIGARUDU CATA EU  
SSI PIFIS COISA GRADA.

O LIGARUDU TA' SEPRE CU MEU  
PAI. AGETI FICA SI CUIDANU PRA NAO  
FASE MERDA PRU LIGARUDU NAO  
CATA. AS VEIS QADU ELI CATA DOI  
TODINU MEU CORPO DE TAV AUTU  
QI ELI CATA.

O LIGARUDU NAO GOSTA  
QADU EU PEGUTU. ELI NAO GOSTA  
QADU A COMIDA NAO É BUA. ELI  
CATA PRA MIA MAE.

ONTI ELI CATO EU TO CO  
AS PERNAS ROXA.



## Advertência Disciplinar

Sra. [REDACTED] — Es

CTPS nº [REDACTED] Série [REDACTED]

De acordo com dossiê montado pela Gestão da Unidade, a educadora Es rem, há alguns meses, realizando atividades com suas turmas do Dia da Inclusão que desrespeitam as normas pré-estabelecidas da Unidade, a saber: a educadora leva seus educandos de inclusão para realizar os lanches no refeitório no mesmo horário que as crianças normais, causando uma desorganização do horário da cozinha e uma movimentação desnecessária das crianças normais, que precisam ser afastadas dos inclusivos. Além disso, sabe-se que ela aproveita os dias em que a gestora não se encontra na Unidade para fazer passeios com as turmas inclusivas, levando-os para a área da extinta Educação Ambiental, um local que pode ser perigoso, além de expor os alunos normais, que podem ser agredidos ou se sentirem ofendidos. Mas a maior indisciplina da educadora encontra-se no fato dela ignorar o pedido da presidência e chamar os educandos inclusivos pelos seus nomes próprios. É extremamente proibido e, além disso, perigoso, pois os educandos normais, quando souberam desse fato, começaram a exigir que fossem tratados pelos seus nomes de batismo.

Em virtude deste fato, decidimos aplicar a pena de ADVERTÊNCIA, na intenção de que esta conduta não torne a se repetir, o que acarretaria em punição mais severa e o desligamento da empresa.




Sendo o que se apresenta, esperamos manter o bom relacionamento e que este infortúnio seja superado.

Boa Nova, RS - 06 de maio de 2019.

Es

Es

  
Gestora da Unidade

Boa Nova, 15 de novembro de 2019.

Querida Antonieta<sup>1</sup>,

A luta pela educação sempre foi uma luta feminina. O ponto comum e interseccional<sup>2</sup> das lutas.

A luta pela educação também deve ser uma luta pela democracia, pela ética. Acima de tudo, manter uma posição ética. Ética para respeitar as vivências e saberes dos educandos<sup>3</sup>, mas principalmente ética no agir.

Eu vivi uma situação muito ruim, nos últimos dias. Fiquei completamente sem ação. E estou carregando um tipo de arrependimento ou culpa por ter feito tão pouco.

A Menino Cristão divide os meses por temas geradores. O mês de novembro era, inicialmente, o mês da Consciência Negra. Tínhamos feito planejamentos e a Coordenadora pedagógica trabalhou muito com a gente. Sendo ela uma mulher negra, e sendo nossos educandos, em sua grande maioria, negros, ela nos chamou em uma reunião e perguntou se estávamos dispostos a conversar sobre o racismo. E, principalmente, se nós, educadores brancos, estávamos dispostos a trabalhar com o assunto.

Tivemos uma conversa muito franca sobre nossas posições na sociedade, as grandes diferenças de tratamento que recebemos e ouvimos os depoimentos dos outros educadores sobre situações que eu não teria como viver. Simplesmente é algo que não me passa na pele.

Ficou decidido que a Coordenadora mediaria rodas de conversa com os educandos. A primeira roda de conversa foi com educandos e educadores negros, para falar sobre suas experiências. Um espaço principalmente de escuta, mas obviamente surgiram outros assuntos, como diferenças de remuneração, o modo como eles se sentiam quando estavam em estabelecimentos comerciais...

<sup>1</sup> Ver nota 6 na página 145.

<sup>2</sup> (DAVIS, 2016)

<sup>3</sup> (FREIRE, 2019)

**DE ALGUM ANTEPASSADO DA COR BRIGAR, BRIGAR, BRIGAR, BRIGAR, BRIGAR**

Mas a questão que causou a maior confusão foi sobre os cargos de liderança. Os alunos queriam saber se na Menino Cristão havia pessoas negras nestes cargos. Bastou um celular, procurar por fotos e viu-se que não havia ninguém negro nos cargos de liderança. Os alunos saíram se sentindo derrotados, alguns bravos. Os que saíram bravos foram direto na Gestora e a questionaram sobre isso.

Podem ter acontecido alguns exageros por parte dos alunos, que ficaram dias falando sobre isso, e os ânimos foram inflamando. Mas o pior foi o que aconteceu depois. A Gestora nos chamou para uma reunião de urgência e deu uma advertência verbal na Coordenadora. Na nossa frente. Um exagero. E muito humilhante.

Eu não consegui falar nada para defender a Coordenadora. Nem meus colegas. É sempre o mesmo medo de ser demitida, sempre nos silenciando.

Depois que eles fizeram isso, a gestão mudou o tema do mês para Mês da Consciência Humana.

Nem consigo pensar o quão violento isso foi.

O fato é que, depois disso, os alunos começaram a colar pequenos cartazes pela instituição, que diziam: Vidas Negras Importam. Pequenos manifestos colados nas paredes, nas portas, nas mesas do refeitório.

A resolução do assunto foi simples. A Gerente não apareceu na instituição para responder aos educandos. E o assunto foi enfraquecendo, enfraquecendo...

Mas foi lindo de ver, foram dias de intensa agitação, e de poder. O poder que vem a partir do questionar. O quanto perguntar incomoda, não é mesmo?

Você, que alcançou cargos políticos, deve ter encontrado muitos obstáculos durante a sua vida, não é? E uma resistência terrível à sua presença nos locais que lhe eram de direito. Eu admiro sua persistência em continuar sua luta por uma educação pública e antirracista (acho que na sua época esse termo não era tão utilizado).

Eu também fico me perguntando o que mais eu poderia ter feito! Tantas coisas, tantas...

**MAIS BARATA DO MERCADO**

**É A CARNE NEGRA**

**TÁ TÁ LIGADO QUE NÃO É FÁCIL NÉ NÉ MANO NEGRA NEGRA CARNE NEGRA É MANO**

**PODE ACREDITAR A CARNE NEGRA A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO É A CARNE NEGRA**

**A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO É A CARNE NEGRA A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO É A CARNE**

**NEGRA A CARNE MAIS BARATA DO MERCADO É A CARNE NEGRA**

**SE LIGA AÍ  
A CARNE  
MAIS BARATA  
DO MERCADO  
É A CARNE  
NEGRA  
NA CARA  
DURA  
SÓ CEGO  
QUE  
NÃO VÊ  
A CARNE  
MAIS  
BARATA  
DO  
MERCADO  
É A CARNE  
NEGRA  
A CARNE  
MAIS  
BARATA  
DO MERCADO  
É A CARNE  
NEGRA  
NA  
CARA DURA  
SÓ CEGO QUE  
NÃO VÊ  
A CARNE**

94 **NO SERVIÇO DE ALTO-FALANTE DO MORRO DO PAU DA BANDEIRA QUEM AVISA É O ZÉ DO CAROÇO QUE AMANHÃ VAI FAZER ALVOROÇO ALERTANDO A FAVELA INTEIRA COMO EU QUERIA QUE FOSSE EM MANGUEIRA QUE EXISTISSE**

**OUTRO ZÉ DO CAROÇO**

**PRA DIZER**

**DE UMA VEZ**

Eu mudo o tom da carta.

**PRA**

**ESSE MOÇO**

**CARNAVAL**

**NÃO É ESSE**

**COLOSSO**

**NOSSA**

**ESCOLA É RAIZ**

**É MADEIRA**

**MAS É**

**O MORRO**

**DO PAU**

**DA**

**BANDEIRA**

**DE UMA**

**VILA ISABEL**

**VERDADEIRA**

**QUE**

**O ZÉ**

**DO CAROÇO**

**TRABALHA**

**QUE O ZÉ DO**

**CAROÇO**

**BATALHA**

**E QUE**

**MALHA**

**O PREÇO**

**DA FEIRA**

**E NA HORA**

**QUE A TELEVISÃO BRASILEIRA**

**DISTRAI TODA GENTE COM A SUA NOVELA É QUE O ZÉ PÕE A BOCA NO MUNDO É QUE**

**FAZ UM DISCURSO PROFUNDO ELE QUER VER O BEM DA FAVELA ESTÁ NASCENDO UM NOVO**

**LÍDER NO MORRO DO PAU DA BANDEIRA ESTÁ NASCENDO UM NOVO LÍDER**

“Odeio ser tratada como merda por mulheres brancas que estão ocupadas em ganhar reconhecimento acadêmico, promoções, mais dinheiro etc. fazendo um trabalho ‘maravilhoso’ sobre o tema da raça”<sup>4</sup>.

Vejo cores, somos diversas e não há nada de errado nisso – se vivemos relações raciais, eu preciso falar sobre a branquitude<sup>5</sup>.

Entendo a branquitude como sendo a identidade racial branca, onde prevalecem os privilégios simbólicos e materiais que contribuem para a manutenção do *status quo* e reprodução de preconceitos<sup>6</sup>. Envolve relações de poder, discute os privilégios e a conservação de práticas discriminatórias.

Se tem uma coisa que eu entendi dessas situações todas, é que é preciso falar com os meus pares, com as pessoas brancas, sobre como ser antirracista. Que as pessoas negras já vivem com isso desde antes do nascimento e que sim, é cansativo mesmo ser chamado para falar sobre suas dores e apenas sobre elas. E somos nós quem devemos mudar, somos nós quem devemos abdicar dos nossos privilégios.

Essa luta é sim uma luta para perder privilégios e é por isso que ela incomoda tanto. É menos “eles devem chegar no mesmo patamar de direitos que nós” e mais “eu preciso perder para que outras pessoas também consigam ganhar”.

A ti, meu muito obrigado por resistir.

E5.

P.S.: Eu pensei muitas vezes se mandaria ou não esta carta. Pensei em reescrevê-la. Porque não é função das pessoas negras me dizer como agir, ou o que fazer. É como se eu estivesse colocando uma responsabilidade em você para me ajudar a não cometer atos racistas. É como se eu estivesse tentando me redimir da culpa, essa culpa cristã que a gente carrega culturalmente e esperamos o divino nos perdoar. Resolvi mandar a carta mesmo assim, com todas essas coisas que estão atravancadas no caminho. Acho que essa carta pode ser um informe. Aqui no século XXI as pessoas negras ainda lutam por voz, a sua luta continua viva.

<sup>4</sup> (HOOKS, 2017)

<sup>5</sup> (RIBEIRO, 2019)

<sup>6</sup> (GADIOLI; MÜLLER, 2017)

Nós estamos contigo!

Se pensar que a gente  
deponha a teu favor, a  
gente faz!

Tu aqui certo e des mão pedim  
te demitar.

E5

E3

E2

E8



PRESIDÊNCIA

São Paulino, 08 de novembro de 2019.

**Estimada Gestora da Unidade Vila Órion,**

Venho por meio desta anunciar que, devido aos últimos incidentes ocorridos recentemente na sua Unidade, iremos fazer algumas alterações nas comemorações do mês de novembro. Como a senhora mesma trouxe no último relatório dos colaboradores, houve um certo questionamento dos educandos sobre a presidência e diretoria regionais por não possuímos nenhuma pessoa negra nos cargos de chefia. Espero que esta dificuldade tenha sido solucionada e a colaboradora tenha sido devidamente advertida dos seus atos.

Na Rede Menino Cristão acreditamos que todas as pessoas são iguais perante Deus e, portanto, todas as vidas importam. Temos muitos negros no nosso quadro de colaboradores e não seria justo levantar pautas identitárias nas atividades com os nossos educandos.

Portanto, decidimos que durante o mês de novembro, nos dias que ainda seguem, a temática do mês será Mês da Consciência Humana. Vamos ressaltar o potencial de todos, pois acreditamos que só através do esforço pessoal podemos



PRESIDÊNCIA

conquistar nossos sonhos. Cada Unidade deverá trazer exemplos de pessoas que fizeram a diferença na história do país, ressaltando que não existem diferenças entre as pessoas, e sim, entre seus feitos.

Contamos com o empenho da Unidade Vila Órion e queremos ver os projetos desenvolvidos nos relatórios do mês.

Atenciosamente,

-----  
**Presidente da Menino Cristão- Brasil**

## 6.

Pátio da Instituição

Os educandos estão chegando na Menino Cristão. e37, menina negra de aproximadamente 9 anos, entra correndo na instituição, esbarra em E5, que a segura pelo braço.

E5 – Ei, cuidado! Não corre muito, tu pode te machucar!

e37 – Oi, sora! Posso ficar aqui contigo?

E5 – Claro! Vamos nos sentar aqui!

As duas se sentam em um banco.

e37 – Sora, eu sou muito feia!

E5 – Claro que não, tu é linda!

e37 – Não sou não, sora. E sabe por quê? Todo o dia eu chego aqui e vejo a e15 (aponta para uma menina loira correndo no pátio). Quando ela chega no Sase todo mundo vem abraçar ela, todo mundo mesmo. Até tu, sora, e todos os outros professores. Todo mundo chega e abraça ela e diz pra ela como ela é linda. E ninguém diz isso pra mim. Eu olho pra mim, meu cabelo, minha cara. Ela é linda, tem o olho claro e o cabelo liso que nem o teu. Tu também é bonita, sora. Eu não sou.

E5 – Claro que é! Olha a sora E3! (aponta para a professora) Ela não é bonita?

e37 – É sim, muito bonita!

E5 – Tu te acha parecida com ela? O cabelo, o olho?

e37 estica os braços e olha para eles.



e37 – A pele é igual.

E5 – Tu é tão bonita quanto ela. Tu é linda, nunca deixem te dizer o contrário. E olha, me desculpa por eu nunca ter dito pra ti que tu é bonita. A e15 andava muito triste e chorando por causa de um problema com a família dela, achei que se eu elogiasse, ela ia se sentir mais confiante. O que não significa que eu não veja o quanto tu é linda. Eu sempre achei isso, mas fui uma boba em nunca te dizer. (passa a mão no rosto da menina) Tu me desculpa?

Um menino, e25, corre em direção às duas e para em frente à e37

e25 – Ei, vamo brincar de pegar?

e37 – Vamo! (acena pra E5) Tchou, sora. Vou brincar.

E5 – Tá bom, vai lá.

As crianças saem correndo pelo pátio enquanto E5 as observa à distância.

Não desiste negra, não desiste!  
 Ainda que tentem lhe calar,  
 Por mais que queiram esconder  
 Corre em tuas veias força yorubá,  
 Axé! Para que possa prosseguir!

Eles precisam saber, que a mulher negra quer  
 Casa pra morar  
 Água pra beber,  
 Terra pra se alimentar.

Que a mulher negra é  
 Ancestralidade,  
 Djembês e atabaques  
 Que ressoam dos pés.

Que a mulher negra,  
 tem suas convicções,  
 Suas imperfeições  
 Como qualquer outra mulher.

Vejo que nós, negras meninas  
 Temos olhos de estrelas,  
 Que por vezes se permitem constelar

O problema é que desde sempre nos tiraram a nobreza  
 Duvidaram das nossas ciências,  
 E quem antes atendia pelo pronome alteza  
 Hoje, pra sobreviver, lhe sobra o cargo de empregada da casa

É preciso lembrar da nossa raiz  
 semente negra de força matriz que brota em riste!  
 Mãos calejadas, corpos marcados sim  
 Mas de quem ainda resiste.

E não desiste negra, não desiste!  
 Mantenha sua fé onde lhe couber  
 Seja Espírita, Budista, do Candomblé.  
 É teu desejo de mudança,  
 A magia que trás na tua dança,  
 Que vai lhe manter de pé.

É você, mulher negra! Cujo tratamento majestade é digna!  
 Livre, que arma seus crespos contra o sistema,  
 Livre para andar na rua sem sofrer violência  
 E que se preciso for, levanta arma,

a nota dele em tento  
 pra gente ler. e a gente  
 falou sobre o que é  
 ser negra. eu não  
 falei toda a ver-  
 dade na aula.

A verdade é que todo  
 mundo sempre fala  
 algo de mim. viriam

me chamando de burra  
 que eu rodli três vez. todo  
 meus amigos tá me  
 minna gente.

Aí comecei a escrever

me por causa da

hora do saia e a  
 hora da esada disse que

eu não vou rodli em  
 ano que vou pra escrever

que tá ajudando. já  
 outro dia aquelas duas da

rua de trás

me viriam escrevendo

na porta de casa e qu-

tava: olha a mega fidiada, se acha in-  
 teligente porque escreve. O problema é

Boa Nova, 15 de agosto de 2019.

Ilustre Carolina,

Preciso lhe confessar que está sendo difícil escrever esta carta. E, ao mesmo tempo, é uma honra tremenda lhe escrever. Eu fico pensando no ato de escrita, no seu ato de escrita. Eu fico pensando na minha escrita e nos meus privilégios. Eu escrevo aqui em uma sala confortável, sentada em uma cadeira, em um computador próprio, rodeada de livros e leituras. Alimentada, tomando um café quentinho e, por vezes acompanhada de música, ou meus gatos. Eu tenho um espaço onde posso me fechar do mundo e lá escrever[1]. As palavras saem da minha mente, caminhando pelo meu corpo, mais rápido que meus dedos podem abraçar. E eles rapidamente digitam, e saem no papel.

A senhora escreveu sua primeira obra em pedaços velhos de papel, cadernos antigos recolhidos do lixo. Seu material era a sobra daqueles que dispensam. Para esquecer da fome. E um relato que, de tão vivo, é cruel.

Cruel porque é um relato legítimo de sua experiência. Essa experiência que não é uma realidade, um fato. Não é fácil de definir. É algo que nos atravessa, nos acontece[2]. E é extremamente única, porque apenas a senhora experiencia sua própria vida. E a potência dos seus escritos está na sua exposição. Vemos sua vida, seus acontecimentos, tudo à flor da pele. Sua fome, seus sofrimentos. É quase como se tudo o que está escrito fosse uma impossibilidade, pois faltam palavras.

[1] WOOLF, 2019.

[2] LARROSA, 2019.

A língua é ineficiente para escrever sobre a experiência. Essa mesma experiência que nos pega de surpresa. Que nos enche de perguntas ao invés de mostrar respostas. Eu não sei. Eu não sei o que fazer com isso.

E é uma vida dura e real. E porque está no papel, mais real ainda do que a realidade. Porque, ao buscar palavras para narrar suas experiências, acabamos por interpretá-las[4]. A interpretação não anula os fatos, ou a existência deles. No fundo, no fundo mesmo, fabulamos. E a fabulação é uma criação. E, embora seus relatos tivessem, em um primeiro momento, a função de aliviar uma angústia, eles já eram literatura. E a literatura é muito mais verossímil a nós do que a vida real[4], porque nós estamos ali, vivendo a sua vida conosco, sentindo seus sentimentos. Por verossímil não devemos compreender como verificável, pois não é uma categoria de mundo, o mundo não é verossímil ou inverossímil. O verossímil é um procedimento que usamos para descrever ou contar este mundo[5].

O ato da escrita! Que se faz com o corpo inteiro, sem separações ou dualidades. Torcendo a linguagem, fazendo-a vibrar, criando essa sintaxe que faz gaguejar a língua, nos introduz nas sensações[6]. De algum modo me sinto mais próxima da senhora, de sua vida e de suas dores porque a senhora me faz sentir com as palavras.

E às vezes o que está no papel me comove tanto ou mais do que ver hoje nas ruas de Órion mulheres como a senhora vivendo da reciclagem, escrevendo nos lixos contemporâneos.

[3] HOUSTON, 2010.

[4] ECO, 1994.

[5] SAER, 2014.

[6] DELEUZE, 2010.

Como a minha aluna, e157. Todas nós escrevemos porque simplesmente não conseguimos não escrever.

Mas é hipocrisia minha dizer "nós". Porque só posso falar de mim, por que só escrevo sobre mim e sobre a minha experiência. Escrevo a partir do que vivo, do que vejo e do que ouço.

Enquanto Educadora Social eu recolhi documentos e testemunhei muita coisa e escrevi, escrevi muito. Devo admitir que nem tudo o que está escrevi foi testemunhado por mim, pessoalmente. Algumas outras pessoas também o fizeram por mim, e o fazem ainda hoje[7]. Mas o exercício de olhar, de olhar profundamente para o que vivia. E, além disso, traduzir isto em palavras, foi-me inspirado por muitas pessoas, artistas sem igual que com suas obras causaram em mim um estremeamento e revelam a marca do intelecto do autor[8].

Eu não sei quem será atingido pelos meus escritos, mas espero que ali esteja a o real saltando nos olhos.

Porque a Vila Órion deixou marcas permanente no meu corpo. Uma tatuagem que não sai, e que está ali, visível, gritando e pedindo para ser olhada.

E eu tenho muito orgulho de saber que escrevo na mesma língua que alguém como a senhora, que soube como poucas pessoas deslocar sua experiência para mim.

Obrigada por existir.

E5.

[7] PELLEJERO, 2018

[8] VALÉRY, 2018

## PR'UM BLOCO DO BNHA REFAVELA A REFAVELA Ó

COMO É TÃO

BELA

COMO

É TÃO BELA

Ó A REFAVELA

REVELA

A ESCOLA DE

SAMBA

PARADOXAL

BRASILEI

RINHO

PELO

SOTAQUE

MAS DE

LÍNGUA

INTERNA

CIONAL A

REFAVELA

REVELA

O PASSO COM

QUE

CAMINHA A

GERAÇÃO DO

BLACK

JOVEM DO

BLACK

RIO DA NOVA

DANÇA

NO SALÃO

HEY

Boa Nova, 17 de agosto de 2019

Cara Carolina<sup>1</sup>,

Essa é a segunda carta que te escrevo. Desculpe ser tão informal, mas sinto que preciso ser franca, honesta e esquecer os formalismos.

A primeira carta que eu escrevi não tive coragem de enviar.

Eu li. Eu li o que eu escrevi.

Eu fui racista.

Eu fui racista porque tentei explicar pra ti tua própria obra. Eu fui racista porque te diminuí ao escrever uma carta cheia de academicismos, citações, teorias e leituras refinadas. Eu fui racista porque sou uma mulher branca, de classe média, com ensino superior. E a dor da cor não me atravessa da mesma forma, nem da classe. Eu fui racista porque assumi uma postura elevada, superior, como uma professora que acha que seu aluno é ignorante, e só ela é a dona do conhecimento. E, apesar de tantas leituras, tantas conversas, apesar de ouvir tantas experiências das minhas alunas e amigas negras, eu fui racista.

Quem sou eu para me achar superior a alguém? Quem sou eu para impor a minha visão de mundo ao outro?

Quem

Sou

Eu?

Eu fui racista. Não desculpe o indesculpável.

E5

---

<sup>1</sup> Ver nota 7 na página 145.

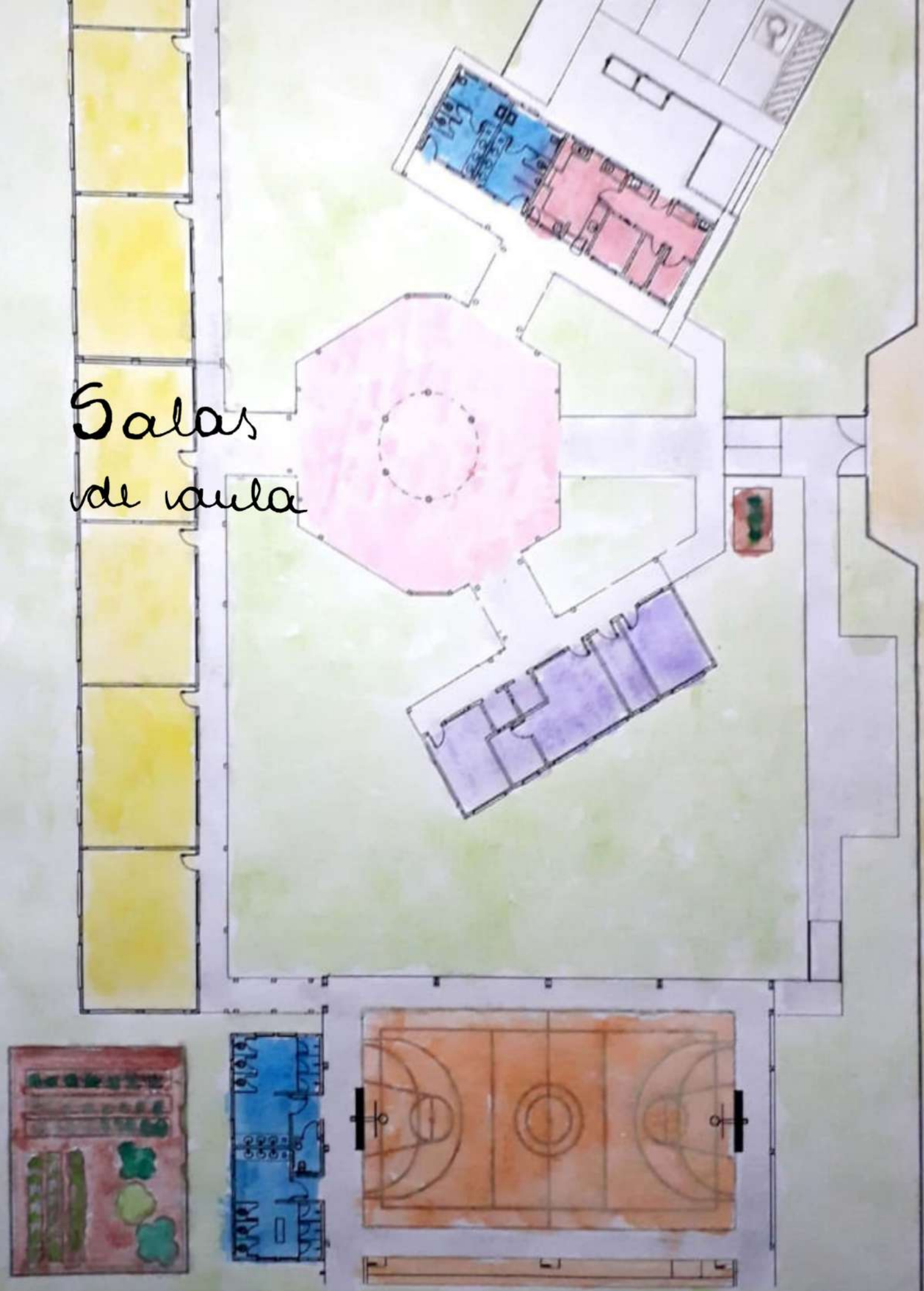
KIRIÊ KIRIÊ IAIÁ A REFAVELA REVELA O CHOQUE ENTRE A

FAVELA INFERNO E O CÉU BABY-BLUE ROCK SOBRE A CABEÇA DE UM POVO

CHOCOLATE-MEL A REFAVELA REVELA O SONHO DE MINHA ALMA MEU CORAÇÃO DE

MINHA GENTE MINHA SEMENTE PRETA MARIA ZÉ JOÃO

Salas  
de aula







**SEGREDO E AMOR A REFAVELA BATUQUE PURO DE SAMBA DURO DE MARFIM**

**MARFIM DA COSTA DE UMA NIGÉRIA MISÉRIA ROUPA DE CETIM SE LIGAIÁ  
OH**

Boa Nova, 15 de outubro de 2018.

Querida Nísia<sup>1</sup>,

Escrevo de educadora para educadora. A missão que escolhemos não é fácil. Porque não é um ato voluntário, não é uma prova de amor. É um trabalho. Mulheres que trabalham não são mais raras atualmente. Inclusive mulheres que são chefes de família, que sustentam a casa sozinhas.

Faço a ligação da imagem da professora como um ser maternal, amoroso, com a imagem da mulher ligada ao trabalho doméstico. Esse trabalho não remunerado, que nos consome horas do dia e que parece ser um ato voluntarioso que nada espera em troca além de amor como forma de retribuição<sup>2</sup>. Se eu, que não tenho filhos e nem um marido que depende do meu trabalho no lar para viver, já sofro com a pressão de ter uma jornada dupla, imagina as mães dos meus alunos. Imagina as minhas alunas que lidam com os afazeres da casa e o cuidado dos irmãos antes mesmo de aprenderem a escrever seu nome completo.

Confesso que esses pensamentos não passavam pela minha cabeça logo que fui trabalhar lá. Periferia. Essa periferia que não significa que está na margem do centro urbano, e sim que aqueles que lá habitam são os marginais. Exclusão social, desigualdade, marginalidade<sup>3</sup>.

Essa marginalidade que faz com que eles sejam barrados nos estabelecimentos comerciais. Que faz com que as pessoas atravessem a rua com medo do assalto. Que faz com que a polícia pare o carro e faça uma revista, só para averiguação.

Essa marginalidade tem classe, mas principalmente tem cor.

E eu vejo a dor nos olhos dos meus alunos. Uma chama incandescente,

<sup>1</sup> Ver nota 8 na página 146.

<sup>2</sup> (FEDERICI, 2019)

<sup>3</sup> (PINHEIRO, 2016)

**QUE CAMINHA**

**A GERAÇÃO DO BLACK**

**JOVEM DO BLACK RIO DA NOVA DANÇA NO SALÃO**

**HEY KIRIÊ KIRIÊ IAIÁ KIRIÊ KIRIÊ IAIÁ KIRIÊ KIRIÊ IAIÁ IAIÁ IAIÁ KIRIÊ KIRIÊ IAIÁ**

**A REFAVELA REVELA O CHOQUE ENTRE A FAVELA INFERNO E O CÉU BABY-BLUE ROCK**

**SOBRE A CABEÇA DE UM POVO CHOCOLATE-MEL A REFAVELA REVELA O SONHO DE MINHA ALMA**

108 **PRIMA NO ME DEJES SOLA EN ESTA NOCHE FRÍA TE NECESITO CERCA PA'  
CALMARME LA FATIGA YO TE INVITO AL RON TÚ PONES LA COMPAÑÍA ESCUCHAMOS  
CAMARÓN NOS LAMEMOS LAS HERIDAS PRIMA QUE POR MUCHO QUE ESCUEZA YO  
TE DIGO MIENTRAS QUE OS TENGA AL LADO Y HAYA RON PARA EL CAMINO NO**

**HAY CHINDE  
QUE NO SE  
CURE  
NI MAL  
DE AMORES  
QUE DURE  
NOS  
VEMOS  
ESTA  
NOCHE  
Y NOS  
LIAMOS  
HASTA EL  
LUNES  
PRIMA  
SABES  
QUE ME  
DERRITO  
COMO UN  
HELA'O Y  
DESPUÉS  
YO ME  
QUEDO TODO  
ESCACHA'O  
DAME UN  
POCO TU  
ALEGRÍA  
ESTO NO ES  
UN FIA'O  
COMO CUANDO**

um misto de revolta e orgulho. Porque a Vila Órion é organizada politicamente, eles se sentem pertencentes a uma comunidade. Meus alunos afirmam com orgulho “Aqui é Órion, sora!”. Sim, no século que vivo, uma professora pode ser chamada de sora, e as relações possuem menos formalidade. Talvez por isso a constante briga por hierarquia e autoridade em sala de aula. Eu acredito que as relações devam ser mais horizontais. Mas confesso que é difícil não partir para o autoritarismo. Ordem pelo medo? Ou respeito pela equidade?

Detesto chegar para meus alunos e dizer que não devem fazer isso ou aquilo. Me colocar acima deles. Mesmo assim, a necessidade de ser ouvida ou de polarizar a aula me fazem cair na posição de mandante. Eu mando, vocês obedecem! Mas eles são selvagens! Indisciplinados, um corpo que escapa ao Estado<sup>4</sup>. Controlamos a saúde, a aparência e a sexualidade dos alunos com o objetivo de que aqueles corpos sirvam de mão de obra no futuro. Como catequistas que ensinam a palavra de Deus e não entendem o porquê de as ensinarem, nem quem as inventou.

O certo é que falamos muito mais pelos nossos alunos do que deixamos eles falarem. O conhecimento é controlado, fichado, catalogado. Dou aula de Teatro para crianças e jovens que moram em uma região considerada uma das mais violentas da cidade. Olho para mim e meus colegas e percebo em nós os enunciados carregados de função de poder. Para conter a desobediência. Para emancipá-los desse sistema opressor, acabamos por reproduzir o comportamento de competição exigido pelo capitalismo, considerando o indivíduo por seus fracassos e sucessos, prezando o mérito. Um sistema que é cria do desejo, faz uma pessoa trabalhar pelo desejo, para consumir o desejo e depois ter um novo desejo, entrando num ciclo infundável de agenciamentos maquínicos por máquinas desejanter<sup>5</sup>.

Um professor não ensina, ele dá ordens. A língua e seus conjuntos de coordenadas, serve como instrumento. Ciência. Como uma educadora social, que me vi muitas vezes perdida em meio a tantas palavras de ordem, percebi que abria muitos espaços para imperativos, deixando de lado os

<sup>4</sup> (FOUCAULT, 2013)

<sup>5</sup> (DELEUZE; GUATTARI, 2011)

**TÚ ME LA HAS PEDIDO YO TE LA HE DADO PRIMA NO ME DEJES SOLA EN ESTA NOCHE  
FRÍA TE NECESITO CERCA PA' CALMARME LA FATIGA YO TE INVITO AL RON TÚ PONES LA  
COMPAÑÍA ESCUCHAMOS CAMARÓN NOS LAMEMOS LAS HERIDAS VAMOS A SECARNOS  
LAS LÁGRIMAS MOJÁNDONOS LA GARGANTA TIRA LA FANTA QUE TRAIGO RON SIN HIELO**

questionamentos. Os porquês das coisas e os porquês das criações ficam em segundo plano quando há mais alunos que a sala pode aguentar, mais fome que o lanche pode satisfazer, mais negligência parental que o Estado é capaz lidar, mais conflitos que uma pessoa possa resolver, mais necessidade de afeto que o meu corpo consiga suprir. Estando nesse estado das coisas e vendo meus colegas afundados nesse mesmo mar de demandas, comecei a escrever.

E escrevo a partir das lacunas. As lacunas de todos nós, sobreviventes do sistema educacional, mas escritas por mim. Eu quero ver tudo, viver tudo, fazer experiência de tudo, conservar tudo dentro de mim<sup>6</sup>. Como sobrevivente, tenho a vocação da memória, não consigo deixar de recordar. Esse testemunho pode fundar a possibilidade do poético, dar lugar às fabulações<sup>7</sup> várias em torno da instituição e da vida de educandos e educadores.

O que estremece a minha pele eu coloco no papel, na esperança que eu consiga entender, me entender. Aprender, também. E esse movimento é íntimo e intransferível, pois a experiência é sentida diferente por cada pessoa. É provável que se você estivesse aqui, teria outra visão da Menino Cristão.

Eu escrevo no momento com um sentimento.

Escrevo ressentida. Ressentida pela impossibilidade de aceitar as coisas que eu testemunhei. Não posso me reconciliar com o tempo e deixar morrer.

Queria entender esse movimento controlador e autoritário. Não sei se você já se questionou sobre isso alguma vez na sua vida. Se não, espero que estes testemunhos sirvam de impulso para o pensamento.

Aguardo ansiosamente sua carta.

Um abraço fraterno,

E5

<sup>6</sup> (AGAMBEN, 2008)

<sup>7</sup> (HOUSTON, 2010)

**PUÑOS  
EN ALTO LA  
DIGNIDAD  
SOBRE EL  
ASFALTO  
COMO TE  
DESCUIDES  
TE ECHAN  
DE TU  
BARRIO  
A GOLPE DE  
TURISMO  
SUBIDA  
DE ALQUILER  
Y  
DESAHUCIO  
PERO  
ESTÁ  
LA PAH  
PARA  
ENSEÑAR  
NOS  
QUE SOLO  
ENTRE  
VECINAS  
PODEMOS  
SALVARNOS  
EQUILIBRISMOS  
LA VIDA EN EL**

## 7.

ela mandava eu sentar o tempo todo odeio formas geométricas odeio rodas sentar em roda eu devia ter seis anos sete mais provável nove ela chegou ela sempre chegava querendo mandar e vivia dizendo tinha que ser devia ser precisava ser educado um aluno educado que diabos é isso eu não queria saber de matemática ler escrever menino desobediente dizia não é só a aula odeio o prédio o quadro carteiras alinhadas linhas retas ela mandava eu devia pegar o conteúdo enfiar juntar e guardar na cabeça b e a ba b e be ivo viu a uva ivo viu a eva e a eva nunca via ninguém eu era o futuro da nação ela dizia o que eu devia fazer como eu devia me portar tinha que ser um bom cidadão que diabos é isso só queria aproveitar o sol todo mundo sentado jogar futebol não podia jogar futebol fora do horário sempre sentado em roda ou em fila mantendo a fila assim que as coisas são ela mandava eu sentar o tempo todo mandava eu ficar quieto mandava eu ficar acordado odeio acordar cedo odeio ficar sentado eu devia ter uns oito anos dez mais provável doze ela na verdade elas tinha mais de uma me mandavam sentar ficar quieto me mandavam ficar longe dos meus amigos espelho de classe que diabos é isso espelho de classe elas mandavam eu escrever textos decorar datas históricas operações com conjuntos numéricos eu que fugia matava aula sempre doente prefiro minha cama televisão eu gostava de matemática gostava de música elas deviam ter relação eu tinha que guardar na cabeça todo esse conteúdo inútil elas diziam eu iria usar durante a vida usar pra ser um cidadão útil mas que diabos é isso cidadão que utilidade eu teria mandavam eu acordar o tempo todo devia ter uns treze anos quinze mais provável dezessete elas continuavam mandando agora eles havia eles também diziam eu precisava me formar que diabos é isso formar ir para o mercado de trabalho saber a soma dos quadrados dos catetos movimento retilíneo uniformemente variado eles mandavam eu guardar todo conhecimento inútil queria ser músico não podia cantar tinha que decorar datas históricas ler livros que não entendo se eu quisesse só se eu quisesse não que tivesse chance fazer vestibular entrar pra faculdade que diabos é isso faculdade queria trabalhar pra ganhar dinheiro eles mandavam eu me sentar o tempo todo cumprir horários seguir uma rotina eu devia ter uns vinte anos vinte e dois mais provável vinte e cinco sempre mandavam eu sentar ficar quieto sem reclamar bater ponto quatro vezes ao dia dinheiro correr atrás de dinheiro pagar boletos eu trabalhador eu empacotador eu sem futuro e o futuro que me diziam não existe só o dinheiro pra cachaça pro cigarro eles mandavam sentar mandavam trabalhar mandavam e eu obedeço

*a escola, com os mecanismos de governamentalização, acaba corroborando com as formas de normatização do Estado e, portanto, a reprodução do sistema capitalista vigente.*

*a escola parece um hospício que parece uma prisão que parece uma escola que parece um hospício que parece uma prisão que parece um hospício que parece uma escola que parece uma prisão que parece um hospício que parece uma escola que parece uma prisão que parece uma escola que parece um hospício que parece uma prisão que parece uma escola que parece um hospício que parece uma prisão que parece uma escola que parece*

*a escola é arbitrária. Não há nenhuma relação lógica entre professor e aluno, conhecimento e matéria, realidade aparente e livros didáticos. A escola é dominada pela língua, também impositiva. Classes apertadas sobre corpos livres. Imperativos sobre perguntas, certezas sobre dúvidas, força sobre o diálogo. Enunciados, palavras de ordem hierarquizadas onde o saber é erudito, o outro é objeto*

\*\*\*

Bastante cansada, com as alças da mochila cheia de materiais de aula deformando seus ombros, uma educadora subiu no ônibus. O ônibus que ia da periferia até o centro da cidade não estava lotado, então conseguiu um lugar para sentar, colocar a mochila no colo, e o ônibus iniciou o seu trajeto. Recostou-se no banco e então, num suspiro longo e profundo, sentiu-se satisfeita, com a consciência tranquila de um trabalho bem-feito. Dentro de sua rotina ordinária, seus feitos estavam em dar aula das oito horas da manhã até as cinco horas da tarde, com uma hora para o almoço. Os alunos? Crianças agitadas e carentes, que estavam ali para matar a fome, em primeiro lugar, e depois socializar, ganhar carinho dos adultos, sair da rua.

A rua, muito perigosa. Onde se encontram os criminosos, os traficantes. Ficar na rua é ficar de vagabundagem, esse aí vai acabar entrando para o crime, se continuar desse jeito. Uma educadora faz o que pode para manter as crianças em sala e para garantir suas presenças, pois quer que elas sejam pessoas úteis. O mercado de trabalho exige muito de todos.

No fundo, uma educadora sempre teve a necessidade de sentir a raiz firme das coisas. O conteúdo programático, a rotina ordeira das aulas, alunos bem alinhados e silenciosos. Seus cabelos sempre arrumados, penteados com produtos para não se contaminar com os piolhos, "eles sempre eram piolhentos". O que deixava uma educadora mais tranquila era imprimir as folhas de atividade e ela ser realizada durante o bloco de uma hora e meia, sem interrupções, sem brigas.

Sua maior preocupação eram as horas críticas do dia. Quando acabavam as atividades, quando nenhuma folha existia para pintar. Os alunos querendo ir para a rua, correr, abraçar a vida lá fora. Ela não podia, uma educadora precisa manter seus alunos em sala, faz parte das regras da instituição. Alunos bem-comportados são um reflexo de uma educadora rígida e boa. Então, para não haver mais nenhuma dúvida de seu bom trabalho, uma educadora separa diversas folhinhas, desenhos para pintar, colagens, mantendo todos os alunos quase sempre em sala de aula.

O ônibus sacudia, devagar. Estava muito quente. Se arrastando pela principal rua da periferia, uma educadora preocupada por não conseguir chegar em casa a tempo de assistir sua novela. Foi então que olhou para a rua, e viu um aluno.

A diferença de seu aluno no meio de todas as crianças que estavam perto

era que apenas ele estava sentado no chão, comendo um pedaço de pão.

Uma educadora ainda teve tempo de pensar por um segundo no que iria comer no café da tarde, com sua mãe – o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinada, olhava a criança profundamente. Ele mastigava o pão velho com toda a fúria de um menino. Sem sofrimento, apenas num movimento cadenciado, violento, como se estivesse sorrindo, num tom de deboche pela sociedade. Ela olhava fixamente, inclinada em sua direção. Quem a visse, imaginaria que estava com ódio. O ônibus deu uma arrancada brusca, uma educadora deu um grito de susto. O motorista mandou parar, todos olharam assustados para ela.

Ela estava pálida, com vergonha do fiasco. O menino parou de mastigar quando da freada do ônibus, mas seguiu logo depois com o movimento. Contínuo. Seguindo viagem, ao longe a vista do menino, sentado, mastigando.

Ela apertava a mochila, mas seu tato estava corrompido. Perdera a noção do sentido, do tempo e do espaço. E, como numa estranha música, o mundo recomeçava ao seu redor. O mal estava feito. Por quê? Tinha esquecido da fome implacável das crianças? A piedade a sufocava, ela respirava pesadamente. Mesmo as coisas que existiam antes desse acontecimento estavam de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, perecível.... o mundo se tornara uma névoa de mal-estar. Seus anos de estudo ruíram, a educação ruíra. Parecia que as pessoas se mantinham no mundo por um fio condutor muito delicado e fino, e ela estava prestes a cortá-lo. O medo de não reverter o mundo ao seu estado anterior foi tanto que uma educadora precisou se segurar no banco da frente do ônibus.

Isso era uma crise, afinal. E então ela olhava as coisas com um olhar aguçado, procurando a fome para saciá-la. As pessoas que andavam pela rua não tinham noção da fome das criancinhas. Uma educadora caíra numa bondade extremamente dolorosa...

Ela havia se acostumado à pobreza, agindo como se não existisse. Mantinha sua rotina na mais completa paz, era rígida e atenta aos deveres dos alunos, tudo feito como num filme, um dia após o outro. E aquele menino mastigando um pão velho acabara com tudo isso. E através da piedade aparecia para uma educadora uma vida cheia de náusea doce, até a boca.

Só então percebeu que havia há muito passado do seu ponto de descida. Saltando do ônibus, desorientada, como se tivesse caído numa escuridão. Estava numa rua comprida, com muitas árvores, prédios largos. Ela procurava inutilmente identificar-se, até que encontrou uma praça. Sentou-se no banco e

ficou olhando a vegetação.

Muitas cadeias alimentares só naquele pequeno espaço de terra! Ela, a última consumidora, iria no final ser comida por vermes. E com tantos processos burocráticos que vivia nos seus dias, ela então entendeu que quando há fome é impossível saber ler. É impossível estudar, contar, pensar.

A fome é urgente e avassaladora!

Uma educadora então percebeu que as melhores horas para os alunos eram os momentos do lanche e do almoço. E que o tempo real de aprendizado era naquele intervalo de meia hora após a barriga estar cheia. O mundo era tão rico de fome que apodrecia. Como a repulsa que precedesse uma entrega – era fascinante, uma educadora tinha nojo, e era fascinante. A moral da escola era a fome.

De repente percebeu que a noite era adiantada. Sua mãe estaria preocupada, estava atrasada para o café, talvez chegasse depois do jantar. Correu para pegar outro ônibus, o caminho de volta um pouco nebuloso. Todos os sons que ouvia eram de bocas e dentes mastigando pães velhos. Ela se viu em uma noite em que a piedade era tão crua como o amor ruim.

O jantar foi agonizante, o mundo mastigando se misturava à sua própria mastigação. Salivas molhadas dissolvendo o bolo alimentar, sistema digestivo esperando o alimento tão desprezioso, mas ao mesmo tempo com a ânsia da fome que o assola. Sua mãe a olhava e mastigava, mastigava e olhava. E ela pensando no seu aluno e no pedaço velho de pão.

De repente um barulho a tira da sua mastigação. A janela aberta deixa entrar o vento que derruba um vaso de flores. O vaso quebra, sua mãe tenta levantar-se para juntar os cacos. Ela se levanta, diz “continua comendo”, e vai cuidar de lavar a louça suja da janta. Ela estava sem força nos braços. À tarde alguma coisa tranquila se rebentara, e na casa toda havia um tom triste. “É hora de dormir, filha. Está tarde”.

Acabara-se a vertigem de bondade.

E, se vivera o inferno da fome horas antes, escovava os dentes diante do espelho, sem nada no coração. Fechou os olhos e apagou-se a fome da mente.

10 de dezembro.  
 minha mãe  
 disse que hoje  
 é meu último  
 dia no sax.  
 Tu precise  
 trabalhar pra  
 ajudar a mãe  
 e mãe por no  
 larga a escola  
 por causa do  
 Bolsa Família

eu disse pra  
 sora que eu  
 quero se so-  
 ra que mem  
 ela. Ela me  
 abraço e  
 disse: tu  
 vai ser uma  
 ótima pro-  
 fessora, Bia!

ela sabe meu  
 nome de ver-  
 dade.

ela disse que  
 eu ia ser uma  
 ótima escri-

tora se  
 eu conti-  
 nuo pra-  
 ticando.  
 Ela chore  
 e eu chorei  
 também.

Eu sempre  
 no lembra  
 da sora  
 e do sax.

O nome da  
 sora é  
 Mari



8.

Na sala de teatro

E5 – Bom, hoje a gente vai ter um evento bem diferente aqui no Sase.

e240 – E qual é? Já tô imaginando o lanche...

E5 – É o evento da Menino Cristão. Os alunos da rede particular da Menino Cristão vão vir aqui para fazer algumas oficinas com a gente. Então a gente não vai ter aula o bloco todo, eles irão chegar perto das 14h e vocês daí têm que escolher outra atividade pra fazer, que a maioria dos educadores vai dar aula normal.

e250 – Sora, que frau isso. Justo hoje que a gente ia fazer aquela coisa... teatro.... teatro.... como é que é o nome mesmo?

E5 – Teatro-Fórum. É verdade, mas a gente vai poder fazer na aula da semana que vem. Por isso venham preparados com vários temas que vocês queiram discutir com a gente em aula. Vão lá, ordenadamente, sem correria, falar com a Coordenadora.

Todos saem, menos e238.

e238 – Sora, será que dá pra eu ficar aqui contigo? Tipo, ser teu ajudante na aula?

E5 – Tu quer é fugir do esporte, né? Tô bem ligada nessas ladaia tua. Mas eu acho mesmo que vou precisar de um ajudante. Tu vai me ajudar mesmo?

e238 – Claro, sora! Que que eu faço?

E5 – Eu vou arrumar a sala. Bora?

Eles limpam a sala e depois de alguns minutos, os alunos da Escola particular chegam na Instituição. e238 vai para a janela para olhar.

e238 – Sora, olha ali. Eles tudo chegando. Tudo loirinho, olhinho azul, com cara de bem alimentado. Alá, sora! Vieram visitar os pobre. Olha as cara de nojo da brancarada.

E5 – Hehehehe, tu é engraçado, sabia?

e238 – Não sora, é pior. Eles são que nem os portugueses descobrindo o Brasil. Chegam no lugar não sabendo nada dele. Daí vão querer o que? Destruir a terra toda, tomar nosso prédio, ter aula com nossa sora. Ah, mas dessa vez esses portuguêsês vão ver a nossa vingança. Sora, fica aí!

Ele volta em poucos minutos com outros 10 educandos.

e238 – Sora, cadê aquelas roupas de índio daquela apresentação? Aquela que a sora E3 deixou aqui na tua sala?

E5 – Tá aqui no armário, porque?

e238 – Tu empresta pra gente rapidinho? Eu prometo que a gente usa e não estraga e daí a gente te devolve.

E5 – Olha lá o que tu vai fazer.

e238 – Vai ser tri nask, sora tu vai ver.

Ele reúne os colegas em uma roda. Todos cochicham. Aos poucos eles vestem a roupa e saem, se espalhando pela instituição. Então eles cercam o grupo de estudantes, que estão em uma fila, bloqueiam o caminho.

e238 – Ei, aqui não! Essa terra tem dono!

Todos eles fazem menção de atacar as crianças, porém não se mexem. A Coordenadora ouve a correria, dispersa todos os educandos.

Coordenadora – E5, aí tu quer me ferrar né? Puta que pariu, que foi que aconteceu aqui?

E5 (rindo) – Ué, pelo menos as aulas de história estão funcionando. Eles se sentiram ofendidos de terem essa visita e fizeram uma relação direta com a história do nosso país. Não é genial isso?

\*\*\*

#### No refeitório

e117 – Então, pai, a minha bola furou nesse findi, que merda!

e110 – E agora, pai, vai conseguir comprar uma bola nova?

e117 – Claro que não né, pai. Meu pai nem recebeu ainda. Vamo tê que jogar com o que tem, né.

e110 – Tá, mas e como é que fica o jogo no campinho depois da aula? Se não tiver bola vai dar ladaia com os guri.

e117 – Então, pai, eu fiz uma bola. Peguei umas roupa velha de todo mundo lá em casa, algumas juntei em bolinho e outras fiz umas tira, pra ir amarrando. E ficou nask, pai. Só vou pedir pro sor e ver se ele não me consegue uma fita pra poder deixar ela mais durinha. Mas se o sor não me emprestar dá pra jogar igual, pai. Eu te disse que ia ter jogo de qualquer jeito. Tive que construir uma bola mas dá nada. Achei tri nask ter que olhar pra bola velha e descobrir como é que ela foi feita.

e110 – Que nask, pai. Então depois da aula eu passo na tua casa pra gente pegar a bola e ir pro campinho.

**118 NÃO ADIANTA PASSA PANO FI QUE O PANO RASGA O CHÃO NÃO É TÃO PLANO SEM  
PLANO SEU CANO ENGASGA SUA MÃO VAI ENXER DE FARPA PRA AFIRMÁ CAUSA SEM CARGA  
É UM CARGO BEM PESADO PRA QUEM TEM A PALMA LARGA LARGA AS IDEIA TORTA NÃO IMPORTA  
DE QUEM VEM QUEM NÃO SUPORTA A PRÓPRIA CORDA CORTA SUAS CORDA TAMBÉM**

**NÃO COM  
PORTA A  
MESMA  
ROTA  
DESALINHA  
O PRÓPRIO  
TREM  
DESCARRILHA  
A TRILHA  
ENTORTA  
ZÉ LOROTA  
É O QUE MAIS  
TEM SE  
QUEM  
VOCÊ  
DEFENDE NÃO  
APRENDE NÃO  
ENTENDE NÃO  
ENXERGA UM  
PALMO  
A FRENTE  
NÃO VAI  
FAZER  
DIFERENTE  
NÃO  
INTERESSA  
DE  
QUEM SEJA  
CERTAS**

Boa Nova, 15 junho de 2018.

Vossa Eminência Delog Dawa Drolma<sup>1</sup>,

Iniciei esta carta após um longo período de meditação. As situações no meu trabalho estão complicadas. Há um clima de desesperança, cansaço e um adoecimento. Raiva, raiva e muita raiva. É o que vejo acontecer na minha vivência. Pessoas cochichando pelos cantos, falas inúteis e perniciosas. Quando estamos tomados pela fúria, não podemos ajudar. A raiva nos deixa rígidos, apegados demais ao nosso ponto de vista e nos faz perder as qualidades pacificadoras<sup>2</sup>.

Nós educadores estávamos muito bravos, nos sentindo desvalorizados. O peso do trabalho, das demandas dos educandos, o salário baixo e a grande dedicação para pouco reconhecimento. Isso tudo nos paralisa. A partir daí só resta o ressentimento<sup>3</sup>. O ressentimento de uma pessoa onde a sua verdadeira reação é negada, e a reparação é apenas uma vingança imaginária.

Muito ressentimento vem dessa relação de poder na qual sou subalterna, empregada, funcionária. Recebo ordens que preciso cumprir, e muitos dos problemas não tenho a quem reclamar.

Depois de muito pensar, refletir e meditar entendi que é preciso passar dessa barreira do ressentimento e partir para a ação. Voltar à teoria para entender a prática, trabalhar com os educandos, exercitar a escuta. A escuta das minhas perguntas como educadora: como privilegiar conexões? Quais movimentos podem agenciar forças?

A educação sempre foi pesquisa, e não estamos dando nada para os alunos (como se eles fossem telas vazias nas quais enchemos com nossas cores e formas preferidas), mas sim estamos procurando. Ensinar

<sup>1</sup> Ver nota 9 página 146.

<sup>2</sup> (RINPOCHE, 2013)

<sup>3</sup> (NIETZSCHE, 1999)

**COISA NÃO ATURO  
FODA-SE OS ANO DE CAMINHADA SE NÃO TEM VISÃO DE FUTURO NÃO ADIANTA POR  
NO SEGURO IDEIA FRÁGIL FÁCIL QUEBRA O PREJUÍZO VEM COM JUROS COBRADO EM OUTRA  
MOEDA QUEM PASSA PANO PRA MACHISTA E RACISTA SE ESPAIA PROTETOR DE FASCISTA  
É FASCISTA DA MEMA LAIA NÃO ADIANTA PASSAR PANO QUE O PANO RASGA**

**NÃO ME INTIMIDARÁS, COM SUA CARA PÁLIDA QUEM VIVE EM CIMA DO MURO PODE  
SER ALVEJADO A BALA DOS DOIS LADOS TE PEGA DESPREPARADO HOJE CÊ SE AFOGA**

**COM SEUS ARGUMENTOS RASOS ATOLADO DE SENSO COMUM TE DEIXA ILHADO NO ATRASO QUER  
LIBERDADE**

pesquisando e pesquisar ensinando<sup>4</sup>.

Ao operar sem a névoa de sentimentos perniciosos comecei a perceber o quanto deixei de realizar trocas com os meus educandos. Percebi que a Educação Social é um local para de potência criativa, para além das dificuldades e rótulos estereotipados. Os educandos não são jovens em situação de ‘vulnerabilidade social’. São jovens, apenas. Que vivem na Vila Órion, gostam de certo tipo de música, têm sua própria cultura e suas gírias.

Também percebi que não consigo mensurar a verdade absoluta dos fatos, só possuo meu próprio ponto de vista sobre o mundo. Tudo está misturado com minhas próprias opiniões, que são afetadas pelas paixões do homem<sup>5</sup>.

Estou em busca de uma educação menor, onde assumo um papel a cada momento, de acordo com a necessidade dos educandos<sup>6</sup>. Abandonar o ser egóico e autocentrado para estar disposta ao jogo, ao improvisado. O teatro me mostrou que posso estar aberta ao inusitado, e devo voltar às minhas origens para prosseguir minha jornada.

Gratidão pela atenção,

E5

*Possam todos os seres se beneficiar*

<sup>4</sup> (CORAZZA, 2013)

<sup>5</sup> (DELEUZE; GUATTARI, 2010)

<sup>6</sup> (GALLO, 2010)

**PANO ME CALAR PRA VOCÊ DAS SUAS IDEIAS MACHISTA  
E SEM NOÇÃO VIM PRA DISCORDAR NÃO VAI PASSA BATIDO SE PRECISA  
NÓS VAI COBRAR NÃO ESTÁ NOS MEUS PLANOS NÃO ADIANTA PASSAR PANO  
QUE O PANO RASGA NÃO ADIANTA PASSAR PANO QUE O PANO RASGA  
PROTETOR DE PILANTRA É PILANTRA DA MEMA LAIA**

**DE EXPRESSÃO**

**PRA PODER**

**OPRIMIR**

**BRANCO E**

**PRIVILEGIADO**

**MELHOR**

**SE REDIMIR EU**

**NÃO SEI**

**QUEM É PIOR**

**O SUJO**

**OU O MAL**

**LAVADO**

**QUEM FALA**

**BOSTA**

**OU QUEM**

**ABRAÇA**

**IDEIA DE**

**SAFADO**

**E O CERTO**

**PELO CERTO**

**NÃO ERA**

**ESSA VISÃO?**

**NÃO É**

**PERSEGUIÇÃO**

**REFUTA SUA**

**OPINIÃO**

**NÃO VOU SER SUA**

**FAXINEIRA**

**NEM VO PASSA**

23/05

- 2 passagens (R\$ 7,50)
- 6,50 cigarro
- 2 passagens (R\$ 7,50)

24/05

- 2 passagens (R\$ 7,50)
- 1 passagem (faculdade) (R\$ 3,75)
- lanche (R\$ 9,00)
- 2 passagens (R\$ 7,50)

25/05

- 2 passagens (R\$ 7,50)
- salgadinho (R\$ 5,00)
- 2 passagens (R\$ 7,50)

26/05

- 2 passagens (R\$ 7,50)
- 2 passagens (R\$ 7,50)
- centro
- 49,90 - tenis + mini credito
- 2 passagens (R\$ 7,50)

27/05

- acabou V.T. <sup>dinh.</sup>
- 2 passagens (R\$ 7,50)
- 90,00 (bola E3)
- 1 passagem (R\$ 3,75) <sup>dinh.</sup>
- 15,00 (churrasco pai)
- 6,50 (cigarro)

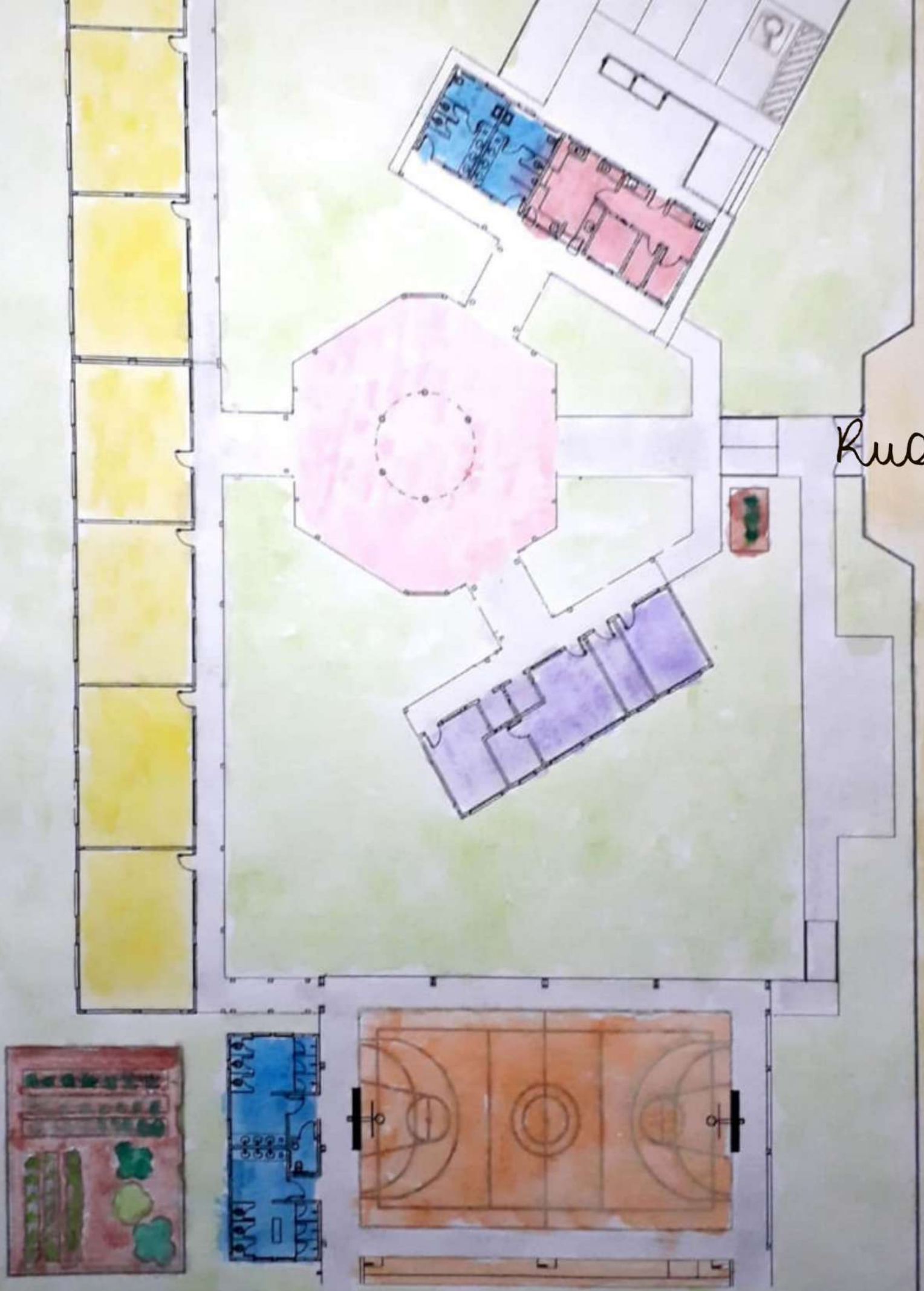
28/05

- 2 passagens (R\$ 7,50) <sup>dinh.</sup>
- 200 (pai emprestou)

29/05

6,30	- 33,95
- 6,50	- 15,00
<hr/>	<hr/>
- 0,20	48,95
- 9,00	- 6,50
<hr/>	<hr/>
- 9,20	55,45
- 3,50	- 7,50
<hr/>	<hr/>
- 12,70	62,95
- 7,50	+ 200,00
<hr/>	<hr/>
- 20,20	133,05
10,00	
<hr/>	
- 30,20	
- 3,75	
<hr/>	
- 33,95	

Rua







30/05

- 4 passagens (15,00)  
- internet R\$ 75,00

$$\begin{array}{r} 188,05 \\ - 15 \\ \hline 173,05 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 123 \\ - 75 \\ \hline 48 \end{array}$$

31/05

- 2 passagens (7,50)  
- passagem fixa (3,75)  
- 2 passagens (7,50)

GASTOS Junho

01/06

• 850 (1ª parte sal.)  
• 264 (V.A)  
• 330 (V.T)  
- 200,00 (devolver dinh. pai)  
- 4 passagens (15,00)  
- 26,00 (4 cigarros)

Como achar que  
isso é dignidade:

Se o que eu  
ganhava mal  
dá para o  
mês inteiro?

À SASE Memimo Custão

Prezada Gestora,

Por motivos de ordem pessoal, faço uso deste para apresentar meu pedido de demissão do cargo de Educadora Social.

Ainda solicito a dispensa do cumprimento do período de aviso prévio, tendo em vista que já obtive um novo emprego.

Aproveito o espaço para agradecer o período em que estive trabalhando na empresa, pois foi de grande aprendizado. Desejo que vocês continuem possibilitando uma vida melhor a muitas outras crianças.

Boa Noite, 15 de junho de 2020.

  
ES

**YO CANTO A LA CHILLANEJA SI TENGO QUE DECIR ALGO Y NO TOMO LA GUITARRA  
 POR CONSEGUIR UN APLAUSO YO CANTO A LA DIFERENCIA QUE HAY DE LO CIERTO  
 A LO FALSO DE LO CONTRARIO NO CANTO LES VOY A HABLAR EN SEGUIDA DE UN CASO MUY  
 ALARMANTE ATENCIÓN EL AUDITORIO QUE VA A TRAGARSE EL PURGANTE AHORA QUE CELEBRAMOS  
 EL DIECIOCHO**

Boa Nova, 10 de maio de 2020.

Querida Mariana<sup>1</sup>,

Quanto tempo não nos falamos, né?

Te escrevo para dizer que acho que já passei tempo demais recolhendo arquivos e testemunhos aqui na Vila Órion. Mas, mesmo assim, eu gostei de fazer esse trabalho de detetive. Estive dias e dias pegando materiais, ouvindo conversas pelos cantos, e escrevendo, escrevendo muito! Eu, que nunca me imaginei pesquisando, olha só! São cadernos e mais cadernos, folhas amontoadas de relíquias desse território transbordante.

O movimento estranho que me acontece enquanto estive no Sase é que, enquanto colho dados, também estou dando aula. Educadora – pesquisadora. Obviamente minha pesquisa tem o olhar dessa educadora, e exponho aqui numa afirmação do que me interessa<sup>2</sup>.

Acredito que a minha formação como educadora, Arte-educadora, é contínua. Mas vejo também uma luta entre teoria e prática na academia, onde uma é preponderante a outra, normalmente a teoria sobre a prática a ciência sobre a técnica, com o objetivo de instrumentalizar teoricamente para uma atuação prática<sup>3</sup>. Eu mesma tenho contato com a licenciatura em momentos outros, fazendo uma outra graduação (incompleta, aliás). No teatro mesmo, sou Bacharel em Interpretação, pois quando era adolescente (a mesma época em que ingressei na Universidade) tinha verdadeiro pavor de me imaginar dando aula. A Educação Social, com esse caráter informal de educação fora dos muros da escola, abriu essa porta para mim, como oficina. E sim, como falam por aí, fui picada pelo bichinho da educação. Não me imagino mais não sendo educadora.

Me perdi nas viagens!

Sinto que com você posso ter essa conversa mais divagadora,

<sup>1</sup> Ver nota 10 na página 146.

<sup>2</sup> (ADÓ, 2013)

<sup>3</sup> (CLARETO; OLIVEIRA, 2010)

**LA BANDERA  
 ES UN  
 CALMANTE Y  
 PASO EL MES  
 DE SEPTIEMBRE  
 CON EL  
 CORAZÓN  
 CRECIDO  
 DE PENA Y DE  
 SENTIMIENTO  
 DE VER MI  
 PUEBLO  
 AFLIGIDO EL  
 PUEBLO  
 AMANDO LA  
 PATRIA Y TAN  
 MAL  
 CORRESPON  
 DIDO  
 EL EMBLEMA  
 POR TESTIGO  
 EN COMANDOS  
 IMPOR  
 TANTES  
 JURAMEN  
 TO A LA  
 BANDERA  
 SUS PALABRAS  
 ME REPICAN DE TRICOLOR  
 LAS CADENAS CON ALGUACILES ARMADOS  
 EN PLAZAS Y EN ALAMEDAS Y AL FRENTE DE LAS IGLESIAS LOS ÁNGELES DE LA GUARDA  
 VINIERON DE OTRO PLANETA PORQUE SU MIRADA TURBIA SU SANGRE DE MALA FIESTA PROFANOS  
 SUENAN TAMBORES CLARINES Y BAYONETAS DOLOROSA LA RETRETA AFIRMO SEÑOR MINISTRO QUE SE  
 MURIÓ LA VERDAD HOY DÍA SE JURA EN FALSO POR PURO GUSTO**

YA NO  
FLORECE EL

COPIHUE  
Y NO

CANTA EL  
PICAFLOR

CENTENARIO  
TRICOLOR

UN  
CABALLERO

PUDIENTE  
AGUDO COMO UN

PUÑAL ME MIRA  
CON LA

MIRADA  
DE UN

PODEROSO  
VOLCÁN

Y CON  
RELÁMPAGOS

DE ORO  
DESLIZA SU

CADILLAC  
¡Y VIVA LA

LIBERTAD!  
DE ARRIBA

ALUMBRA  
LA LUNA

CON TAN  
AMARGA VERDAD

LA VIVIENDA  
DE LA LUIS

A QUE ESPERA  
MATERNIDAD SUS GRITOS LLEGAN AL CIELO NADIE LA

NO TIENE FUEGO LA LUISA NI LÁMPARA NI PAÑAL EL NIÑO NACIÓ EN LAS MANOS DE LA QUE CANTANDO ESTÁ POR UN

REGUERO DE SANGRE MAÑANA IRÁ EL CADILLAC ¡Y VIVA LA LIBERTAD! LA FECHA MÁS RESALTANTE LA BANDERA NACIONAL

porque acredito que você me entende. Começo a pensar em outra forma de ver a educação. A partir do par *experiencia/sentido*<sup>4</sup>. Experiência como aquilo nos acontece, que nos arrebatava. Aquele lugar onde somos largados e onde não temos respostas, só perguntas. Essa experiência escolar, onde nunca estamos realmente prontos, pois cada turma é um novo encontro de seres, há milhões de possibilidades em cada um desses encontros.

Há essa tensão teoria/prática durante a formação que gera apego a uma ou outra. Tem pessoas que dizem que os cursos de licenciatura precisam ser mais práticos do que teóricos. Já ouvi também que a prática se consegue no fazer diário, trabalhando. Mas isso são vozes mundanas, você não se interessa por isso. Você gosta de ouvir dos teóricos com seus livros publicados. Mesmo assim, vou dizer o que eu acho.

A formação docente é um processo muito parecido com a formação do ator. É preciso jogar com o corpo todo, ser inteiro. Um corpo sem órgãos, com uma respiração afetiva<sup>5</sup>, um corpo sensível afetado pelo ambiente e pelo outro, capaz de respirar de acordo com o acontecimento. Ser professora é trabalhar com o inesperado. Improvisar, ter o *timing* das relações com o outro. É saber assumir seu protagonismo, mas também aprender a dividir o foco da ação. É uma relação de escuta, escuta atenta ao outro. A formação colocando o professor nesse lugar do processo, da criação<sup>6</sup>.

Experiência de não conseguir ser a mesma quando afetada pelo fora. Teoria que é a prática refletida, pensamento ação. No meu fazer educadora mantive os hábitos de atriz, escrevendo diários de aula.

Contar e relembrar o meu dia, levantar meu arquivo interno e dar voz às minhas emoções e meus atravessamentos. Exercício rotineiro<sup>7</sup>, junto com os planejamentos de aula e a preparação da sala antes da entrada dos alunos, ou a preparação do material de aula.

E percebi que a escrita dá sentido à nossa experiência. Precisamos escolher as palavras, pensar, calcular. Nomeando o que fazemos, como uma práxis reflexiva, ou experiência dotada de sentido. Escrevi com o

<sup>4</sup> (LARROSA, 2019)

<sup>5</sup> (ARTAUD, 2004)

<sup>6</sup> (CLARETO; OLIVEIRA, 2010)

<sup>7</sup> (STANISLAVSKI, 2005)

HABRÁ DE ESCUCHAR EN LA FIESTA NACIONAL  
LA LUISA NI LÁMPARA NI PAÑAL EL NIÑO NACIÓ EN LAS MANOS DE LA QUE CANTANDO ESTÁ POR UN  
LA FECHA MÁS RESALTANTE LA BANDERA NACIONAL  
LA LUISA NO TIENE CASA LA PARADA MILITAR Y SI VA AL PARQUE LA LUISA ADÓNDE VA A REGRESAR CUECA AMARGA NACIONAL  
YO SOY A LA CHILLANEJA SEÑORES PARA CANTAR SI YO LEVANTO MÍ GRITO NO ES TAN SOLO POR GRITAR PERDÓNEME AL  
AUDITORIO SI OFENDE MI CLARIDAD CUECA LARGA MILITAR

corpo inteiro, sangrando. A escrita da memória provém da experiência. O cotidiano do homem contemporâneo, tão comum e embotado, se transforma em uma partícula de impureza onde ela se adensa<sup>8</sup>. Por isso a incapacidade de fazer e transmitir experiências. A palavra garante a experiência e a torna uma autoridade legitimada. Tomo a palavra para validar as minhas vivências, que me fizeram chegar neste momento, devir-artista, devir-professora e devir-pesquisadora.

Nós combinamos as melhores palavras para conseguirmos nos expressar efetivamente, brincamos com elas, as torcemos, mas acredito que as palavras também nos modificam. E encontrei nessa escrita vozes que conversavam com as teorias, a minha prática demandando teorias, a teoria demandando a prática reflexiva, a prática reflexiva levando a caminhos criativos nunca explorados por mim. É na minha escrita que crio, a partir do imaginário da Educação Social. Essa moeda de duas faces, que jogo para tentar a sorte. Cara ou coroa?

Minha rotina rodeada de personagens, histórias, sentimentos, expressões, essa realidade que maltrata e adoce, mas que também é repleta de trocas e olhares ávidos pelo novo, o esgotamento e a pulsão, bichos atravessadores que me levaram a escrever pra você, e para todas outras mulheres, cujas cartas e conteúdos você também receberá.

Eu vou te mandar tudo, tudo mesmo. Todo evento, por mais comum e insignificante<sup>9</sup>, era uma partícula de impureza que adensava ainda mais a experiência, e refletida na escrita. Acho que você pode fazer alguma coisa com isso, já que você se diz pesquisadora.

Eu escrevi como uma atriz. Com a minha percepção, senti e criei, a partir da minha interpretação da realidade<sup>10</sup>. Criar é revelar, e escrevi para colocar a Educação Social em primeiro plano, num *close* cinematográfico capaz de revelar os detalhes que o diretor deixa à mostra. Usando o mundo real como pano de fundo, construí narrativas do cotidiano, ficções.

<sup>8</sup> (AGAMBEN, 2005)

<sup>9</sup> (AGAMBEN, 2012)

<sup>10</sup> (ROMANO, 2005)

**ERA SÓ MAIS UM SILVA QUE A ESTRELA NÃO BRILHA ELE ERA FUNKEIRO MAS ERA PAI DE FAMÍLIA ERA SÓ MAIS UM SILVA QUE A ESTRELA NÃO BRILHA ELE ERA FUNKEIRO MAS ERA PAI DE FAMÍLIA E ANOITECIA ELE SE PREPARAVA É PRA CURTIR O SEU BAILE QUE EM SUAS VEIAS ROLAVA FOI COM A MELHOR CAMISA TÊNIS QUE COMPROU SUADO E BEM**

**ANTES**

**DA HORA**

**ELE JÁ**

**ESTAVA**

**ARRUMADO**

**SE REUNIU**

**COM A**

**GALERA**

**PEGOU**

**O BONDE**

**LOTADO**

**OS SEUS**

**OLHOS**

**BRILHAVAM**

**ELE ESTAVA**

**ANIMADO**

**SUA ALEGRIA**

**ERA TANTA**

**AO VER**

**QUE TINHA**

**CHEGADO**

**FOI O**

**PRIMEIRO**

**A DESCER E**

**POR ALGUNS**

**FOI SAUDADO MAS NAQUELA**

**TRISTE ESQUINA UM SUJEITO APARECEU COM A CARA AMARRADA**

**SUA MÃO ESTAVA UM BREU CARREGAVA UM FERRO EM UMA DE SUAS**

**MÃOS APERTOU O GATILHO SEM DAR QUALQUER EXPLICAÇÃO**

A ficção que é escrita para destacar a natureza<sup>11</sup>. Ela não evita os rigores da verdade, mas destaca as naturezas complexas da situação. A realidade servindo de esqueleto onde a ficção pode se apoiar, para tornar-se mais crível e envolvente para o leitor. A literatura é a criação mais valiosa da humanidade no seu intento de entender-se a si mesma<sup>12</sup>.

Desculpa te desapontar, agora que você descobriu que tudo o que eu te mandei, as cartas, os documentos, os diários foram escritos por mim. Corrigindo, eu fiz uma revisão irônica desses meus anos todos aqui como educadora. E a ironia, minha cara, é a mais alta forma de sinceridade!<sup>13</sup>. E a função fabuladora não é uma propriedade de artistas, somente. Ela dispara forças de expressões do querer pensar<sup>14</sup>.

Como já convenciamos aqui que se trata de uma ficção, você pode voltar a ler tudo o que veio antes com esse acordo tácito. Eu sei que não se trata da realidade, mas você talvez já tivesse notado uma lente de aumento em fatos da realidade para entendê-la melhor.

Também quero ser educadora – pesquisadora. Também quero poder usar a criação artística como um flerte com o porvir<sup>15</sup> de uma nova realidade.

O que se faz na formação docente senão imaginar o professor ideal, as situações ideias de ensinar pesquisando e pesquisar aprendendo? Esse professor ideal que só existe na nossa fabulação íntima, mas que é uma busca incessante. Escrever relatos ficcionais me ajudou a ser uma educadora mais reflexiva do meu trabalho. E qual seria o objetivo da formação docente senão voltar os olhos para a educação, pensar a prática na teoria e levar a teoria para dentro da prática?

O fato é que o que você leu aqui não é nada inédito. Alguém em algum lugar já escreveu, com as mesmas palavras que eu, talvez até melhor do que eu. A originalidade é falácia. Ao vencedor, a cópia! Tem alguns filósofos perdidos no meio, e é bem possível que eu possa ter confundido o que cada um disse. Cabe a você encontrá-los e verificar se foi isso mesmo que disseram. Faça a sua pesquisa, afinal!

<sup>11</sup> (SAER, 2014)

<sup>12</sup> (VILA-MATAS, 2007)

<sup>13</sup> (VILA-MATAS, 2007)

<sup>14</sup> (MATOS, 2014)

<sup>15</sup> (MUNHOZ; ADÓ, 2017)

**ELE NÃO IRÁ DORMIR PORQUE SÓ MAIS UM SILVA QUE A ESTRELA NÃO BRILHA**

**ELE ERA FUNKEIRO, MAS ERA PAI DE FAMÍLIA ERA SÓ MAIS UM SILVA QUE A ESTRELA NÃO**

**BRILHA ELE ERA FUNKEIRO, MAS ERA PAI DE FAMÍLIA ERASÓ MAIS UM SILVA QUE A ESTRELA NÃO**

**BRILHA**

O material está aí, use como bem entender. Publique, envie para outras pessoas. Queime, rasgue, use para fazer artesanato. É seu.

E venha nos visitar, qualquer dia.

Saiba que este é só o começo de um caminho, um caminho sem volta.

Faça bom proveito,

E5.

**ELE ERA  
FUNKEIRO, MAS  
ERA PAI DE  
FAMÍLIA  
ERA UM  
DOMINGO  
DE SOL ELE  
SAIU DE  
MANHÃ PRA  
JOGAR  
SEU  
FUTEBOL LEVOU  
UMA ROSA  
PRA IRMÃ  
DEU UM  
BEIJO NAS  
CRIANÇAS  
PROMETEU  
NÃO  
DEMORAR  
FALOU PRA  
SUA ESPOSA  
QUE IA VIR  
PRA ALMOÇAR  
ERA SÓ MAIS  
UM SILVA  
QUE A  
ESTRELA NÃO  
BRILHA**

**ELE ERA FUNKEIRO MAS ERA PAI DE FAMÍLIA  
ERA SÓ MAIS UM SILVA QUE A ESTRELA NÃO BRILHA ELE ERA FUNKEIRO  
MAS ERA PAI DE FAMÍLIA ERA TRABALHADOR PEGAVA O TREM LOTADO E A BOA VIZINHANÇA ERA  
CONSIDERADO E TODO MUNDO DIZIA QUE ERA UM CARA MANEIRO  
OUTROS O CRITICAVAM PORQUE ELE ERA FUNKEIRO**

## 9.

Em frente à Prefeitura de Boa Nova, em uma greve dos professores das escolas municipais.

e39 – Oi sor! Que legal te ver por aqui!

E1 – Sim, cara. Estamos na luta, né.

Após um ataque da polícia com bombas de gás lacrimogêneo.

E1 – Cara, você ainda tá aí? Tu tem que te cuidar, porque não vai pra casa, guri?

e39 – Não posso, sor, eu tô lutando pelo meu povo.

\*\*\*

No refeitório

E3 – Guria, eu tive um sonho bizarro!

E5 – Ah, é, me conta!

E3 – Eu sonhei que a gente tava vivendo tipo aquelas pestes. Todo o mundo tava infectado, ou ia se infectar.

E5 – Eu, hein!

E3 – E tudo fechou. As lojas fecharam, as escolas fecharam. Só o que ficou aberto foram os mercados e as farmácias. Mas assim, era o mundo todo mesmo. E morria uma galera, a gente via nos jornais caminhões carregando



cadáver na Europa, na Ásia, nos Estados Unidos, aqui no Brasil. Todo mundo andando de máscara e os velhos obrigados a ficarem em casa.

E5 – Pesadelo, esse, hein.

E3 – Sim, guria. E parecia tão real esse sonho, nem te conto. Daí a gente aqui no Sase também não podia trabalhar. Nada podia funcionar. Mas, pra gente continuar recebendo, a gente tinha que dar aula online.

E5 – Como assim? Tipo vídeoconferência?

E3 – Mais ou menos. Aqui a gente gravava uns vídeos e manda pra Coordenadora, que enviava pras famílias por Whatsapp. E todo o dia tinha que inventar uma atividade nova, sem viajar muito nos materiais, porque seria provável que muitos não teriam material em casa.

E5 – Guria, que loucura isso! Agora eu tô pensando como que seria eu dando aula de teatro por vídeo. Ia ser, no mínimo, bizarro. Como fazer isso, sem contato? Teatro é corpo, gente suada. Eu não sei se conseguiria. Bah...

E3 – E a gente fazia reunião por vídeoconferência, aliás, todo o mundo fazia reunião por vídeo conferência. A galera não saía do Instagram e do Facebook. E uma galera fazendo home office. Menos os mais pobres, é claro, que esses eram obrigados a trabalhar. Então aconteciam algumas coisas muito bizarras, as pessoas começavam a misturar o ambiente de casa com o trabalho, a privacidade sendo invadida a todo momento. E, além do medo de ficar doente e morrer, todo mundo com uma dor nos olhos, de ficarem expostos à tela. Mas ainda tem uma coisa pior...

E5 – Porra, pior? Mas tem mais sonho ainda? Que sonho longo é esse, mulher? Isso é a saga do Senhor do Anéis?

E3 – Sim, o pior é que no meu sonho o presidente do Brasil era o Bolsonaro. Sabe aquele cara que é meme? Então! Ele era o presidente. E enquanto todos os países do mundo faziam a quarentena, ele queria abrir o comércio. Ele

dizia que era só uma virose. E que ele, pelo histórico de atleta, no máximo seria acometido de um mal-estar passageiro. E como muita gente morria ele dizia "fazer o quê?". O que importava mesmo era a economia.

E5 – Ui, vira essa boca pra lá, guria (batendo três vezes na mesa). Só de pensar em Bolsonaro no sonho. Pior, só de pensar em Bolsonaro presidente, eu me arrepio todinha.

E3 – Ainda bem que foi sonho, guria.

E5 – É, ainda bem.

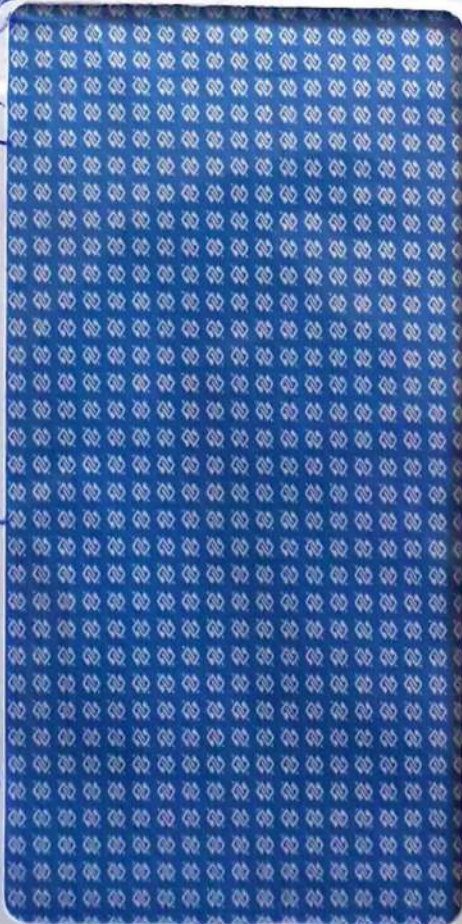
07 de outubro

é muito difícil trabalhar e continuar estudando. E ainda chega em casa e te queimam na tudo. Eu ajudo muito na reciclagem.



Ontem eu vi a sora Mari. Eu tava catando lixo e ela não ficou com vergonha.

me abraço. Pergunto escola e disse tava de... ela me que ela procura



e o. da eu que ficill. falo ia um



E JA mask pra eu estudar. Eu continuo escrevendo.



# EPÍLOGO



minha boca tapada com a máscara  
todos distantes  
cada rua vazia uma multidão contra o vírus  
um vírus sistêmico  
quarenta mil mortes e aumentando  
e a raiva dos oprimidos pegando ônibus lotado de  
máscara  
ou é demissão  
o dinheiro pra comprar o pão  
a escolha morrer de vírus ou de fome  
agradece o teu trabalho  
a economia vale mais que o homem  
isso é uma pergunta  
a economia vale mais que o homem?  
mas que língua é essa que deixa as mulheres de fora  
o artigo dominante é o predominante e homens que  
mandam e desmandam e decidem quem morre

a educação como fica  
educação à distância não é realidade  
pra quem precisa trocar moedas pela refeição  
é sempre tão puxado o pão  
é sempre tão puxado o pão que  
a partir de hoje ou eu faço enem ou morro de fome

e eu como fico  
minha sala era sempre lotada  
a professora nem me olhava na cara  
e o que eu gosto não é digno de atenção  
saber contar e saber ler é minha única opção

e depois da pademia  
depois da pandemia  
o sistema  
precisa  
se modificar  
acabar com a exclusão a exploração  
e pensar que eu não sou uma máquina  
que não sou tábula rasa  
e o que eu produzo não é código de barra

e se não acontecer  
e se não acontecer  
se não acontecer eu vou ter que fazer minha raiva falar  
e aprender a ética  
e a lutar com ética  
e falar com ética  
e cuidar dos meus atos meus passos  
e seguir o meu sonho  
ser educadora  
emancipadora  
e seguir com os afetos



---

que os afetos  
os afetos de olho no olho  
devolvem a dignidade  
que o sistema insiste em me tirar  
que os afetos que falam comigo  
me tornam humana

o afeto será palavra de ordem que ecoa nas ruas

mas primeiro:  
me deixem respirar!

Oi, tudo bem sim. Tirando o frio e esse ônibus lotado, guria. O que você quer saber? De mim? Ai, guria, nem sou importante nem nada. Você quer me ouvir? Tá bom, então. Se tu diz... Trabalho de segunda à sexta num escritório durante a manhã e de noite trabalho num shopping. Sou serviços gerais. De manhã, eu limpo o chão, os banheiros e a cozinha desse escritório. Eu chamo de escritório, mas eles chamam de agência. Tanto faz, né. Tem um monte de mesa e computador e as divisórias de todo mundo. É agência ou escritório. No shopping eu trabalho na praça de alimentação, limpo as mesas e recolho as bandejas das pessoas, para colocar no lixo. Se eu prefiro algum? Ai, acho que o shopping, sabe. Passa sempre um monte de gente. Gosto de olhar aquelas mulheres todas chiques andando com as crianças, sempre com várias sacolas e comendo no méqui. Se eu tivesse condições eu também ia todo dia no shopping e levava meus filhos pra ir no méqui. Infelizmente eu não posso trabalhar em um só, porque senão não tenho como comprar as coisas pros guris em casa. Anda tudo tão caro, né guria. Eu tô viajando aqui, né. Que bom que tu tá gostando do papo. Mas me fala o que tu ia me dizer. Tu quer saber como é que eu vou pro trabalho? Eu vou de ônibus todos os dias. Tenho que sair cedo de casa pra pegar no escritório, porque é aqui na cidade. Agora eu tô voltando pra casa pra depois ir pro shopping. Nem todo mundo da Vila Órion tem a sorte de trabalhar lá, daí tem que vim pra cidade trabalhar. Claro que eu sei que Órion tá dentro de Boa Nova. Mas a gente sempre diz assim: "vou lá na cidade comprar roupa.", "vou procurar emprego lá na cidade". Se eu sei o porquê? Sei lá. Decerto é porque o centro de Boa Nova é tão longe que a gente acha que é como ir pra outra cidade. Como é que é o ônibus? Cheio, apertado e vive atrasado. Esse aqui tá bom assim porque é na volta. De manhã ele é um inferno mesmo. Eu tenho que pegar o das seis e meia porque se eu pegar o outro chego super atrasada. Só que não é sempre que o ônibus tá na parada, né. Às vezes ele atrasa, ou come uma linha e passa um lotado porque ele leva os dois horários juntos. Agora no frio é até bom quando tá cheio porque a gente vai se esquentando no caminho. Na chuva é ruim que a gente fica fedendo a cachorro molhado. No verão é ruim porque a gente fica suando e se encostando. Sem contar quando tem aqueles homens nojentos e tarados se esfregando na gente. Eu grito mesmo! Vai se esfregar na mãe dele, se ele tem coragem! Quando tem greve? Daí a gente pega a lotação, todo mundo de

pé que nem no ônibus e pagando caro. Ou junta cinco pessoas e vamo de carona. Cada um paga um pouco da gasolina pra alguém que tem carro e vamo. Só que agora tá ficando difícil ir assim né. A gasolina ficou cara demais, daí tá ruim. Uber? Agora é que uber começou a andar em Órion. Tem rua que ele não entra, daí a gente vai na faixa pra pedir. Mas eu não gosto porque eles sempre cancelam, ou desistem, ou nem vem pra cá mesmo. Mais fácil dividir a carona mesmo. Eu gosto muito de pegar a Kombi com o seu Zé, da minha rua. Ele só leva a gente nesses dias de greve. E a cidade fica horrível de andar. Se eu faço greve? Capaz! Eu até acho importante quem luta pra ganhar melhor, que o salário é contadinho, todo mês. Eu nem tenho como sair pela rua protestando. Minha patroa do escritório me desconta! E o do shopping também. Eu nem posso ser descontada que o dinheiro que ganho já tá todo contado. E tu sabe que se eu falto é uma loucura, o pessoal do escritório não consegue nem sobreviver sem mim. Esses tempo eu fiquei bem doente, o médico achava que era pneumonia, e daí não fui trabalhar um tempão. Quando eu voltei, o escritório tava todo bagunçado. Aquela gente é muito inteligente, mas não consegue nem lavar uma xícara. O banheiro tava um chiqueiro, imagina se eu falto mais tempo? Ainda bem que fiquei boa logo e pude voltar. No shopping eles conseguem me substituir rápido, daí não posso ficar doente muito tempo porque eles me botam na rua daí tu vê, como é que eu vou ficar? Já tá difícil com esses dois, imagina sem um? Como é meu trabalho no escritório? É tranquilo, o pessoal é muito educado, é numa agência pequena de propaganda, o pessoal vive no computador e eles são muito legais. O escritório é bem colorido e uma gurizada bem jovem e que se vestem bem. Eles me tratam bem, são muito simpáticos. Eu acho até engraçado, que sempre me chamam de Dona Neide. Não sou dona de nada, e nem me chamo Neide! A chefe diz que era o nome da antiga faxineira e que pegou. Meu nome é Ana, mas ninguém realmente pergunta. No shopping é bem bom de trabalhar porque as pessoas que andam por lá nem fala muito comigo, mas eu tenho muitos colegas de trabalho e a gente faz churrasco de vez em quando. Quando a gente recebe vai juntando os troco de cada um e fazemo churrasco na casa de um ou de outro, com pagode e cerveja. Se eu tenho alguma memória da cidade? Na verdade, não tenho não. Aqui na cidade eu penso em trabalho, aqui na cidade eu sou a Dona Neide. Ou a moça da limpeza. Pra chegar aqui eu levo

muito tempo dentro do ônibus, apertada. É duas horas que eu gasto todo dia pra ir e voltar. A cidade pra mim é correria e gente que não olha na tua cara, gente que tem medo que tu vai fazer alguma coisa. A gente sempre segurando a bolsa pra não fazerem nada com a gente. Ou então muro, cerca e um monte de grade. Na minha casa tenho até grade, mas vivo com a porta aberta, os vizinho entrando, todo mundo se dá bem. Mas também, quem é que quer roubar de pobre? As cercas, os muros e as grades da cidade parece que dividem mesmo quem pode e não pode entrar. E às vezes tem grade e porteiro, segurança, que barra a gente mesmo de entrar. Pobre não entra. Quem pula muro é o que? Gurizada, né. Mas aqui na cidade eles chamam de maloqueiro, vagabundo. Eu sei que tem muros e grades que eu tenho que ficar de fora mesmo. A cidade dá medo e parece que não me quer ali. Eu não me sinto em casa em Boa Nova, mas me sinto em casa em Órion. Passear pela cidade? Não tenho muito o costume não, pra passear eu visito parente. Tenho uns primos lá na Cachoeira e outros na Banhado. Mas eu não passeio não. Passear pra mim é ir na praia, uma tia tem casa em Capim e a gente vai tudo no verão. Meus guri ficam nas férias lá enquanto eu fico por aqui. Mas não é isso que tu quer saber, né, gurria. Tu quer saber o que? Parque? Se eu ando em parque? Já fui algumas vezes no parque da Salvação, mas as coisas são muito caras. Daí a gente tem que levar um monte de coisa pras crianças que eles não podem ficar sem comer, né, daí tem que carregar um monte de coisa. E eu também quase não tenho folga de fim de semana no shopping, então normalmente eu levo os guri no shopping um pouco antes de eu ir trabalhar. Daí eles voltam pra casa e eu entro no trabalho. No verão a gente gosta de ir na Prainha, não é sempre que dá, mas os guri adoram. E quando a gente vai de ônibus é aquele gritado das crianças no ônibus. A gente passa o dia, e alguns vão de carro e a gente fica ouvindo música no carro e comendo as coisas que o pessoal leva. Na verdade, gurria, a vida da gente é toda em Órion. Minha mãe mora lá, meus parente tudo. Meus filhos estudam lá e vão pouco pra cidade. Eles até preferem, só gostam de sair mesmo quando é pra ir no shopping. Daí a gente tem que juntar dinheiro que é pra poder levar os guris no méqui. Tem que ser logo quando eu recebo que daí a gente vai gastando com outras coisas né. São três crianças, vai dinheiro nesses lanche. Mas eles não reclamam não. Eles fazem alguns passeios na escola e no Sase que eles vão. Daí eles saem bas-

tante. Meio de transporte alternativo? Como assim? Ah, tu tá falando de bicicleta? O meu guri tem uma, um cafão velho, eles andam por aí, mas é meio perigoso que os carros correm muito e já viu né. A última coisa que quero é ter um filho atropelado. Mas não dá pra sair de perto aqui de casa. Eu vejo o pessoal do escritório lá tudo anda de baiqui. Mas eles moram do lado do trabalho né, dava pra ir a pé. Imagina eu sair de bicicleta de Órion? Saía domingo de tarde pra chegar na segunda no trabalho. Se eu acho legal que tenha transporte alternativo? Acho legal, mas podia ter alguma coisa pra gente também. Mais ônibus, trem. Alguma coisa que a gente aqui de Órion pudesse realmente usar, né. Que essas baiqui amarelinha que tem por aí nem chegam na gente. Eles acham que todo mundo vai roubar a bicicleta. Eu acho que as pessoas não sabem o que acontece na Vila Órion. Não tem muito interesse mesmo. Tu veio aqui me perguntar, mas é pra que? Pra faculdade? Pra estudar? Sabia que uns tempos atrás veio uns três guris conversar comigo em casa. Eles me fizeram um monte de pergunta. Das faculdade tem um monte de gente que pergunta, mas tu já andou em Órion? É, guria. Só vivendo pra saber. Sempre tem alguém olhando pra gente desconfiado, todo mundo duvida de todo mundo na cidade. As pessoas da cidade também não acham que a gente tá dentro de Boa Nova. Se pudessem eles botavam muro em volta da gente, e só deixavam a gente sair pra trabalhar. Tu já viu alguma notícia falando bem de Órion? A gente só aparece na página policial. Até parece que só tem ladrão e bandido. Mas parece que só, né. E se a gente não é bandido, a gente serve pra trabalhar. E eu trabalho duro pra gente da cidade que nem sabem o meu nome direito. Não tô braba, não, guria. Só tô pensando aqui. Eu não me sinto à vontade de andar pela cidade, sabe. Não sou convidada pra ficar. Nem quero mesmo, que não troco minha casa cheia de gente por esse bando de grade e segurança. Eles vivem com medo de gente como nós. A gente já mora longe, e se um dia tirarem a gente dali vai ser pra mais longe ainda. Mas eu não tô reclamando não, guria. Eu gosto de onde moro e do bando de coisa que tem pra gente fazer. Tem o bar do Jackson, meus amigos moram ali perto, minha família. A gente sempre tá na casa de um e de outro, cada um leva um pote de comida e sai um banquete! Aniversário, casamento, batizado. A gente não precisa da cidade pra ser feliz, é ela que precisa da gente pra funcionar. Sim, meu nome é Ana. Mas pode me chamar de Dona Neide, ou moça da limpeza.

NOTAS DE RODAPÉ PARA UM TEXTO INVISÍVEL<sup>1</sup>

---

1 (VILA-MATAS, 2000)

2 Bárbara de Alencar (1760 – 1832), matriarca da família Alencar e avó do famoso romancista José de Alencar. Lutava em defesa dos direitos das minorias e participou dos movimentos políticos para a independência do Brasil com a colônia, entre eles a Revolução Pernambucana e a Confederação do Equador. Ela e seus filhos participavam da luta intensamente, e Bárbara é conhecida por liderar uma grande passeata na região do Cariri, ao lado do filho. Chegando na Câmara dos Vereadores, ela arranca a bandeira portuguesa e coloca uma bandeira branca, representando a República, no seu lugar. Foi presa e torturada. Morreu fugindo de perseguições políticas. É considerada a primeira presa política do Brasil e tem o seu nome gravado no Livro de Aço, o Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria. Em Fortaleza há o Instituto Bárbara de Alencar, que se dedica à defesa dos direitos das minorias e das políticas públicas. (SOUZA; CARRARO, 2018).

3 Espertirina Martins (1902- 1942). Anarquista, participou ativamente da greve dos operários de indústrias de 1917 em Porto Alegre, que resultou na morte de um operário por brigadianos. Milhares de operários participaram do enterro e andaram em procissão pela avenida da Várzea, hoje chamada de João Pessoa. Na frente, Espertirina carregava um buquê de flores. Ao lado contrário da avenida, a cavalaria da Brigada Militar para reprimir a procissão. Quando os grupos se encontraram, Espertirina jogou seu buquê no meio da tropa de brigadianos. O buquê explodiu, matando alguns homens da tropa e assustando os cavalos. Começou uma verdadeira batalha campal, onde os operários saíram em vantagem. Aliada às greves ocorridas nos estados de Rio de Janeiro e São Paulo, este movimento serviu para reconhecer o movimento operário como legítimo, reduzir a jornada de trabalho para 8 horas e o fim do trabalho infantil. (MARÇAL, 2008).

4 Margarida Maria Alves (1943 – 1983), foi um símbolo da resistência no campo. Começou a trabalhar na lavoura muito cedo, aos oito anos de idade e estudou até a quarta série do Ensino Fundamental. Aos vinte e oito anos tornou-se presidenta do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande (PB), a primeira mulher a ocupar esse cargo. Enfrentou muitos ruralistas na região, reivindicando o

---

direito à terra e a melhores condições de trabalho dos trabalhadores rurais. Em 1º de maio de 1983 proferiu uma frase em um discurso que ficou famosa: “É melhor morrer na luta do que morrer de fome!”. Foi assassinada na janela de sua casa, executada por um pistoleiro de aluguel a mando do líder da União Democrática Ruralista (UDR). A sua morte levantou uma bandeira: “Do sangue derramado de Margarida, outras Margaridas nascerão!”. A Marcha das Margaridas, em defesa da reforma agrária e dos direitos dos trabalhadores rurais, é em sua homenagem (SOUZA; CARRARO, 2018)

5 Nise da Silveira (1905 – 1999), a psiquiatra do inconsciente, é um ícone da luta antimanicomial. Foi a única mulher da sua turma de formandos em Medicina (1926). Foi presa no Rio de Janeiro, em 1936, acusada de ler livros marxistas. Após a prisão, foi trabalhar no Centro Psiquiátrico Nacional, no Engenho de Dentro, que depois se tornou Instituto Municipal Nise da Silveira. No Centro, ao se recusar a aplicar a terapia de eletrochoque, foi transferida para a ala de Terapia Ocupacional. Lá, criou dezessete ateliês, entre eles de costura, marcenaria, modelagem e pintura. Pelos trabalhos de pintura, muitos dos seus clientes ficaram reconhecidos, e então ela funda o Museu de Imagens do Inconsciente, em 1952. O Instituto possuía um projeto intitulado Hotel e Spa da Loucura, onde os antigos residentes do Centro Psiquiátrico frequentavam, com atividades artísticas, horta comunitária e um grupo de teatro. Infelizmente, o projeto terminou no final do ano de 2016, por falta de financiamento do governo. (SOUZA; CARRARO, 2018)

6 Antonieta de Barros (1901-1952), uma mulher a serviço da educação. Sua mãe foi escrava na região serrana de Santa Catarina, mas Antonieta nasceu liberta. Sua mãe abriu uma pensão na capital, onde Antonieta teve muito contato com estudantes e passou a se interessar em estudar. Tornou-se professora em 1921 e trabalhou como professora durante trinta anos. Assim que formada, montou em sua casa uma escola onde alfabetizava crianças e adultos. Foi diretora do Instituto de Educação Dias Velho, onde lecionava português. Trabalhou também como jornalista e escritora e reivindicava nos seus escritos, educação pública de qualidade e de acesso universal, bem como maiores possibilidades de ingresso nas universidades. Foi convidada a concorrer como deputada estadual e foi eleita, na década de 1930, atuando principalmente em prol da Educação. Durante sua vida pública falou poucas vezes sobre os ataques que sofria. Nas vezes em que fez, denunciou os termos racistas utilizados contra ela. (SOUZA; CARRARO, 2018)

7 Carolina Maria de Jesus (1914-1977), mulher, negra e periférica. Estou dois anos no Colégio Allan Kardec, em Sacramento, MG, onde aprendeu a ler e a escrever (SURIAN, 2010). Abandonou a escola para trabalhar e garantir o seu sustento e o de sua família. Aos 34 anos foi morar na favela do Canindé em São Paulo, onde construiu sua própria casa (chamada por ela de barraco) usando materiais encontrados na rua. Começou a trabalhar como catadora de lixo. Em

---

15 de julho de 1955 começou a escrever um diário para “esquecer da fome” (JESUS, 2014), utilizando cadernos que encontrava no lixo. Seu livro *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* foi publicado em agosto de 1960, em uma tarde de autógrafos onde foram vendidas seiscentas cópias do livro, em um evento com a presença de inúmeros intelectuais, dentre eles, Clarice Lispector. (SOUZA; CARRARO, 2018)

8 Nísia Floresta Brasileira Augusta é o pseudônimo de Dionísia Pinto Lisboa (1810 – 1885). Nísia abandonou o primeiro marido, fundou o Colégio Augusto para meninas, onde se ensinava inglês, italiano, francês, história, geografia, matemática, caligrafia, latim, português, música, dança, desenho e educação física. Sua escola era revolucionária em comparação a outras que ensinavam português, francês, bordado e contas básicas. Estreou na literatura com o livro *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832), uma livre adaptação de uma obra feminista intitulada *Woman Not Inferior to Man* (1739), escrita por Mary Wortley Montagu. Ela foi responsável por proporcionar a leitura em português de escritos feministas. Muito atacada por ser mãe solo e sustentar-se com o seu trabalho, Nísia ainda escreve mais outros catorze livros. Amiga dos intelectuais positivistas franceses (entre eles, Auguste Comte), defendia a República, o fim da escravidão negra e indígena, a educação feminina e a liberdade religiosa. (SOUZA; CARRARO, 2018)

9 Dawa Drolma, mãe de Vossa Excelência Chagdud Tulku Rinpoche (1930-2002). Viveu no Tibete antes da ocupação chinesa. Era notável por sua beleza, seu temperamento impetuoso e generosidade incondicional. Ela também era uma *delog*, alguém que cruzou o limiar da morte, viajou pelos reinos da existência e retornou para contar (RINPOCHE, 2013).

10 Mariana Hörlle, mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atriz, Educadora Social e artista de rua. Cuidadora de narrativas e escritora de gatos.



## Precisamos falar sobre a fome

Francisca Helena<sup>1</sup>

Precisamos falar sobre a fome, um assunto tão pungente em *As Lacunas de Órion*. A fome, que não é apenas uma sensação biológica, é uma manifestação que surge com a formação das sociedades de classes (FREITAS, 2003). A fome crônica é um fenômeno sociocultural, resultado da exclusão social que atinge, nas metrópoles, suas periferias, regiões que normalmente são originadas a partir da necessidade do trabalho, seja ao redor de grandes zonas industriais ou próximo de bairros de classe média, classe média alta. De lá sai a mão de obra mais barata, e é lá onde ficam os problemas que a sociedade como um todo não quer enxergar.

Assim como não se quer enxergar a origem dos problemas. A fome é sempre pensada a partir de dados nutricionais, análise do peso ou de calorias diárias ingeridas, retirando do contexto as questões culturais em relação ao corpo. Mesmo sendo considerada um problema de saúde pública, ela demonstra a extrema desigualdade social e concentração de renda. Para Paul Singer (1985, p.51): “A fome endêmica é antes de tudo um problema de falta de dinheiro. As pessoas que sofrem desse mal não se alimentam adequadamente porque não têm dinheiro suficiente para comprar comida”.

A falta de dinheiro para a compra de alimentos saudáveis é normalmente colocada como uma responsabilidade do indivíduo, ou da pessoa que sustenta uma família. Não de um sistema que bombardeia as vontades e desejos das pessoas a ponto de comprarem uma televisão em vez de ir à feira.

---

<sup>1</sup> Formada em literatura pela Universidade Federal de Brasília, é agenciadora de conceitos e apaixonada por terrários. Conhece E5 em encontros de leitura das colegas Mariana e Marcela.

Pierre Bourdieu (1989) diz que os estratos sociais não se distinguem apenas pela sua posição na estrutura e o acesso aos bens materiais, mas também a forma como os utilizam. Culpar a vítima sobre seu sofrimento é uma forma de se isentar da responsabilidade.

Mas a parcela da população bem alimentada se esquece de que há alguém sofrendo pela fome na própria cidade onde vive. A ideia da existência da fome continua vaga e abstrata, quando há aproximadamente 54,8 milhões de brasileiros que ainda passam fome no país (IBGE, 2018), mas a produção de alimentos aumenta a cada ano, sendo o Brasil o quarto maior produtor do mundo (Dall’Agnol ,2017).

A comida não está chegando em todas as casas.

A fome crônica é bem próxima da morte. A fome é uma sensação perene na Vila Órion.

A fome passa a ser englobada no ser, para tornar-lhe suportável a existência. Em sua organização social, o faminto passa a compreender a fome por um sistema simbólico, cuja construção o afasta da cena da morte. (FREITAS, 2003, p. n.p)

A escrita sobre Órion passa pela fome, porque a fome está também na sala de aula. Ao ouvir as histórias dos educandos, E5 também enxerga a complexidade do ser faminto, da criança que espera o lanche da manhã para quebrar o jejum dolorido no estômago.

Ela convive com os educandos e percebe, no discurso (verbal ou não), a complexidade da interpretação da fome. A compreensão vem justamente desse distanciamento de quem observa e interage (RICOEUR, 1990), e não necessariamente da sensação física que a acomete. Justamente por não sentir fome que E5 consegue entender a fome na sala de aula, essa coisa que “machuca a barriga”, “faz doer a cabeça”, ou “deixa o corpo mole”.

A academia não fala mais sobre a fome, como se esse já fosse um assunto superado.

E é preciso sim que se volte a falar da fome. Há um abismo entre a Vila Órion e a cidade de Boa Nova, há muitos abismos entre a periferia e as cidades. Os relatos de E5 são como uma ponte, muito estreita, ainda, para atravessar esse abismo. Olhar para os estômagos doendo, adicionando narrativas que tornam esses seres tão humanos, e nos fazem lembrar que não fazemos nada, enquanto sociedade, para saciar a fome.

Não estou falando de caridade, estou falando de um projeto de pensamento para erradicar a fome, porque esses educandos produzem efeitos sobre nós, e nós não podemos, mais uma vez, invisibilizá-los. E5 e Mariana já colocaram holofotes sobre os seus rostos, deixem agora que eles falem sobre suas fomes.

*Órion e a escrita ficcional*Paula Valéria<sup>1</sup>

Órion me remexe as entranhas. Violência, pobreza. Falta de saneamento básico, vidas desprezadas. A leitura do trabalho de Mariana me acorda para os meus próprios privilégios. Saio do meu mundo protegido, do meu quarto de leitura, para cair nesse lugar, nessa Vila que tanto me intrigou.

**Educação Social!**

Assistência Social? Educação? Os jovens que frequentam essas instituições são oriundos de programas de assistência social. É preciso ser economicamente vulnerável para estar ali. Recebem ajuda, são cuidados pelo Estado. Dar o peixe para depois ensinar a pescar? Promover autonomia, a lei e os discursos da instituição. Onde entra a Educação? Oficinas diversas. Arte, esporte, artesanato, reforço escolar. Fazer um trabalho complementar ao da escola.

Nesse território, que Mariana chama transbordante, pois não está nem em um lado e nem outro, a autora se encontra, junto com os alunos e colegas. Atravessados por discursos de salvação e alívio da pobreza, afastamento da violência e das drogas. Sempre a ameaça vinda de fora, combater o outro e nunca o mecanismo que gerou a desigualdade.

Mariana queria entender quais os discursos propagados neste lugar. Qual a matéria posta em movimento? Nem só patrimônio, nem só matéria de memória, mas o que os documentos que existem querem dizer sobre a Educação Social. E ela foi recolhendo papeis, remontando tempos perdidos, trabalhando com discursos que, acredito, não devam ser esquecidos.

---

<sup>1</sup> Tradutora, lésbica, feminista e curiosa. Assim Paula Valéria se define. Mestre em Tradução pela Uniceleste, está concluindo o Doutorado em Realidade Ficcional na UFBN (Universidade Federal de Boa Nova). Conhece Mariana dos tempos da escola e aceitou com muita alegria escrever este Posfácio. Paula Valéria adora escrever sobre si mesma em terceira pessoa.

Um grande raio-X, desvendado, um corpo desnudo. É isso que a autora nos mostra.

E mais do que isso, ela cria o sentido dos arquivos, para entender o seu papel nesse espaço, e a relevância dele, se é que isso é calculável. Ou será que essa afirmação reproduz o discurso utilitarista do capital?

Sentir e viver a experiência de ser só um número, para cair em estatísticas e metas, prognósticos e cálculos. Quantos educandos por ano, quantos em cada oficina, qual a produtividade do espaço, quantos quilos de comida por semana, quantas horas o educador faltou, quantas doações recebidas no mês. Sanando a fome que enfraquece o corpo e a mente, e pouco importa o que se faz em sala de aula contanto que os educandos não saiam da instituição.

Mariana relata suas aulas e eu a vejo dando aula com o corpo inteiro. Sem espaços para distrações. Vivendo o momento presente. Os educandos estão sempre ávidos, esfomeados, elétricos. Criativos, malandros, ruidosos. Efervescência de ideias e movimentos. Todos esses rótulos impostos a eles pulam nas suas vidas quando saem de Órion. Marginais, favelados, ladrões, drogados. Se vive em Órion como se vivesse fora da cidade. Há a Vila Órion e há a cidade de Boa Nova. Para muitos, pouca ligação há entre elas. Boa Nova ignora (ou finge desconhecer) o que se passa em Órion. A cidade calou a vila, como cala tudo o que mostra a realidade desigual, e todas as pessoas que fogem da norma.

E eles têm uma voz, uma história para contar. Jovens e crianças passam pela sala, pelos corredores, narrando suas próprias vidas. Mariana sempre gostou muito de contar histórias, desde criança. Mas em Órion ela aprendeu a escutar. Ouviu pessoas, presenciou cenas e ouviu cenas de terceiros. Acabou adquirindo o péssimo hábito de ouvir conversas às quais não fora convidada. Pegando um sussurro aqui, outro ali, juntando pedaços para formar um grande quadro complexo sobre a educação social.

O que vale nos testemunhos não é o ocorrido em si, mas sim o que nele falta. Entre o dizível e o não-dizível, uma relação entre a possibilidade de dizer e o fato de ter o lugar para dizer. E Mariana fala pela sua experiência, de uma Educadora Social, ocupando seu lugar de direito. A Universidade

pública, com incentivo financeiro a uma pesquisa que volta seus olhos para a educação popular.

Mariana tem uma escrita frenética. São muitas vozes, o tempo todo. É uma escrita como que para fugir do delírio. Foi pela escrita e na escrita que ela pôde construir novas narrativas da sua própria experiência. Escrever para agir, escrever para pensar sobre o real. E, mais especificamente a escrita ficcional. A ficção não modifica a realidade, mas assume uma realidade constituída à distância de um referente. A ficção instaura um novo mundo.

Todo elemento ficcional não assume um critério de verdade, mas amplia as possibilidades de uma situação, elucida seu caráter complexo e pode inclusive voltar-se ao real de uma maneira mais explícita que a verdade. Porque a verdade tem um ponto de vista, a partir do referente, e a ficção tem múltiplos olhos e, se, eventualmente mostra acontecimentos que parecem impossíveis, consegue ainda mais aproximar-se da verdade.

A escrita tem vantagens sobre a vida, é nela onde os borrões são possíveis.

Órion é a Restinga, a Lomba do Pinheiro, a Cruzeiro, a Bonja, o Morro da Cruz, a Rocinha e tantos outros lugares postos à margem por um sistema excludente e desigual. E foi Órion que tornou Mariana uma professora.

Essa trama intrincada só teve vazão a partir da ficção. Alimentando o imaginário e a fabulação do ser professora com a teoria educacional a fez questionar os seus fazeres em sala de aula.

Há que viver, e ler, para depois escrever. Para agir e pensar sobre o real se escreve. Para agir e pensar sobre os discursos se escreve. Escrever para fugir dos problemas, escrever para pensar soluções. Fico muito feliz de ver este trabalho concluído. E espero que essas narrativas sejam capazes de alimentar muitos outros professores.

Escrita Documentário

Pietra Paula Pisalono<sup>1</sup>

As lacunas de Órion existem para nos lembrarmos da realidade que queremos invisibilizar. Um relato que mexe com os nossos afetos.

Mariana é iniciantes na literatura, na pesquisa e na escrita acadêmica, mas conseguimos enxergar convergências em ambas, o que torna essa obra ainda mais interessante. Ao analisarmos a trajetórias de vida, vemos a arte presente nas suas influências. Desde as formações em Teatro, com passagens pelo curso de Letras e pela Fonoaudiologia, trazem aspectos importantes presentes no livro.

Samuel Beckett sem dúvida aparece como uma grande referência. A paixão que Mariana tem pelo autor aparecem em diversos trechos da obra, nos pequenos textos que intercalam as cartas. Elas trazem a literatura como um modo de representar o mundo, intercalando as vozes narrativas, teatralmente trazendo metáforas da oralidade (ANDRADE, 2008, p. X), uma escrita que se vale da escuta para ganhar forma. Conseguimos ouvir as vozes desses protagonistas da Educação Social, dessas mulheres a quem são endereçadas as cartas que, embora não as respondam, são as interlocutoras presentes e personificadas. Também Beckett está presente quando as vozes narrativas não apenas falam, elas citam, e suas existências passam pelo testemunho legitimador do outro. O outro que são as mulheres das cartas. O outro que somos nós, leitores. Ver e ouvir são mediações necessárias da criação, a matéria prima da ficção beckettiana. E ela soube ver e ouvir para nos trazer essas narrativas, e nos deixam à vontade para vermos e ouvirmos também.

---

<sup>1</sup> Cineasta autodidata. Mora cada ano em uma cidade diferente, experimentando lugares. Atualmente mora na Vila Órion, onde tenta montar um curso de cinema popular.

O tema é de extrema relevância. Educação. Educação popular. Em um país com tanta desigualdade, deixar à mostra essa crueza da desigualdade é importante. E necessário. Mas, acima de tudo, mostrar que não há apenas uma realidade dura e difícil, há também criação. E potência.

### **Eu falo sobre nós para vocês. Eu falo sobre eles para vocês.**

Proponho que façamos um deslocamento para a minha área de conhecimento. Eu tendo a acreditar que o que Mariana propôs neste trabalho é uma escrita documentário. Imagens, vozes em off. Credibilidade. Ela nos passa a ideia de um documentário a partir da primeira descrição de cena no primeiro texto.

Historicamente, o documentário está ancorado no mundo real. Como uma obra de não-ficção, nos oferecem um retrato ou uma representação reconhecível do mundo. Segundo Bill Nichols,

pela capacidade que têm o filme e a fita de áudio de registrar situações e acontecimentos com notável fidelidade, vemos nos documentários pessoas, lugares e coisas que também poderíamos ver por nós mesmos, fora do cinema (2005, p. 28).

A crença no que vemos consiste em ser capaz de atribuir à nossa própria experiência o que é mostrado na tela, conseguimos perceber o que há de indicial nas imagens.

Com a premissa principal “*Eu falo deles para vocês*”, o documentário busca trazer uma lente de aumento a determinado assunto ou situação social a partir da ótica da cineasta. Eu preciso mostrar esta situação para que você veja o que eu penso sobre isso. É uma visão singular de mundo aliada à expressividade nas representações do mundo social e histórico (MOREIRA SALLES, 2005).



O processo de criação de um documentário é, sobretudo, um processo de pesquisa. É sobre o que perguntar, muito mais do que se quer ensinar. Escrever um roteiro para um documentário passa pelos processos de pesquisa, coleta de documentos, entrevistas, visitas aos espaços, conviver com os “personagens” que serão mostrados. Ter a experiência e a pesquisa como um suporte e a realidade como material.

Mas, além disso, o documentário também é uma narrativa construída. Uma sequência de imagens escolhidas pelo realizador e montada para criar a linha de pensamento. Uma fabulação que utiliza elementos da realidade, uma visão poética que une o real ao ficcional, que nos traz, com olhos atentos, a uma ampliação de aspectos do mundo social, que nos passam despercebidos na rotina.

A escrita documentário em Educação, apresentada em *As Lacunas de Órion*, trabalha com o par experiência/sentido (LARROSA, 2019). Experiência como aquilo que nos acontece, que nos arrebatava. Aquele lugar onde somos largados e onde não temos respostas, só perguntas. A língua que se contorce para expressá-la, para trazer o sentido. Sentido este que não está apenas no registro avulso, mas na cena construída (MOREIRA SALLES, 2005, p. 64).

A autora usa diversos elementos do documentário. Faz escolhas retóricas e estilísticas específicas para ativar a sensação de que estão falando conosco, de que a lente de aumento para a Educação Social é colocada nos nossos olhos. Criando um grau de intimidade e nos chamando: ei, prestem atenção nesse assunto que eu quero falar.

Como em *Tongues United*, de Marlon Riggs, ela usa diversos recursos estéticos da literatura para revelar o poder da percepção individual e a força da expressão pessoal. Poesias, minicontos, monólogos teatrais dando voz aos alunos, aos trabalhadores, mostrando as reflexões éticas que entraram na concepção do livro. As múltiplas expressões artísticas que Marlon traz no seu documentário para falar sobre ser negro e homossexual (sendo um homem negro e homossexual), Mariana as utiliza, para falar de sua vivência como educadora (sendo educadora).

De forma poética, trazem o real à tona, usando uma terceira visão, que não é somente a dela (escritora/cineasta) nem nossa (leitores/espectadores), é a visão poética que une o real ao ficcional. Usando elementos ficcionais, elas não reproduzem apenas o real, mas falam sobre ele (SAER, 2014). A realidade como uma matéria bruta com a qual usamos essa visão para confundir o olhar da câmera e o do personagem, perder os controles nítidos entre quem fala e quem escuta e deixar entrar a função fabuladora.

Escrever em Educação é abrir a experiência e colocá-la na tensão entre a realidade e a ficção. É coletar documentos, cenas cotidianas, paisagens, entrevistas, perguntar mais do que apresentar respostas. É conversar com autores diversos, balancear a teoria com a prática, movimentar as crenças. É colocar o pensamento em ação e, com isso, criar sua própria narrativa, o seu ponto de vista único. E fabular.

A literatura é o que nos torna humanos

Maria da Enunciação<sup>1</sup>

Professora Sem Fama<sup>2</sup>

Um trabalho que fala com o simples.

É do doméstico que parte o trabalho de Mariana. Os pequenos detalhes escritos à mão, as contas na ponta do lápis. O cartaz da escola feito com E.V.A. e TNT, onde a simplicidade mostra o esforço e o cuidado do trabalho. Artesanal, costurado à mão, a habilidade manual expressa em cada página.

Simple não só no trato com os documentos, mas também na linguagem. Ela é clara e direta. A leitura passa rápida, devoramos as páginas, sem nos darmos conta do tempo. Ela escreve e descreve Órion, apresentando as múltiplas faces, a dureza da vida na periferia, mas também a potência da criação. Porque é preciso modificar o planejamento por ouvir as barrigas roncando. É preciso criar para além da fome, usando a fome. É preciso valorizar o belo trabalho de engenharia de um aluno que não sabe cálculos complexos, mas consegue construir uma bola a partir de trapos.

E essa escrita é tão palatável que às vezes podemos esquecer que, por trás de cada carta, cada passagem e cada diário, há muita leitura. É possível perceber o trabalho de construção de cada frase, embasada conceitualmente, linha após linha. Mas o mais importante é que passa despercebido aos nossos olhos. As notas de rodapé estão ali, o tempo

---

<sup>1</sup> Maria da Enunciação. Professora que brinca com as palavras e o fracasso. Escreve este texto da prisão, onde aguarda julgamento por ser poeta. Odeia injustiças e discriminação e acredita que a Universidade deveria ser acessível e menos rebuscada. Conheceu E5 nos encontros literários entre Mariana e Bruna.

<sup>2</sup> Professora iniciante, sempre com as faces ruborizadas, apaixonada por começos. Leitora ávida, muito amiga do Senhor Barthes e do Senhor Cortázar e, recentemente, mudou-se para o mesmo bairro onde ambos habitam. Acredita na docência fantástica, aguarda o inesperado em sala de aula. Conheceu E5 nos encontros literários entre Mariana e Eduarda.

todo, sinalizando que este é, sim, um trabalho acadêmico. Ricardo Piglia dizia que “parece-lhe possível que num romance se expressem pensamentos tão difíceis e de forma tão abstrata quanto numa obra filosófica” (2004, p.25). No texto de Mariana conseguimos enxergar esse movimento, uma aproximação das suas próprias leituras com uma linguagem não formal, sem rodeios.

A literatura, então, transformada em ação. Um texto ficcional sobre a Educação, aqui, abre as portas do nosso imaginário. A sala de aula torna-se viva, presente. Parece até que conseguimos tocá-la. Porque Mariana nos toca. Nos toca ao nos abrir as portas da Menino Cristão e nos mostrar essa realidade, sem maquiagens, nem estatísticas. “Pensar e sentir adotando o ponto de vista dos outros, pessoas reais ou personagens literárias, é o único meio de tender à universalidade e nos permite cumprir nossa vocação”. (TODOROV, 2009, p.82).

Longe de apontar culpados ou apresentar soluções, Mariana nos faz enxergar novamente a humanidade na Educação. Uma humanidade às vezes soterrada em meio a burocracias, que parece se perder entre violências, indisciplina, rotinas desgastantes e o cansaço. Um recado para nos lembrarmos que as instituições educacionais são feitas de gente. Que o ato de aprender e ensinar é um ato exclusivamente dos seres humanos.

Ela nos leva a pensar o que faríamos no lugar dela. O que faríamos nós se estivéssemos em Órion? Esse é um dos grandes poderes da literatura, nos colocar no lugar dos personagens e mobilizar nossas possíveis atitudes. Todorov (2009, p.23) ainda nos diz que “mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo”.

Se Órion nos parece mais real que as periferias pelas quais passamos no nosso trajeto, se as crianças de Órion nos emocionam mais que os meninos e meninas pedindo dinheiros nos transportes esse fato é causado pela ficção. A ficção esfrega em nossos rostos aquilo que não queremos ver. Foi a ficção que deu existência à Carolina Maria de Jesus, embora ela sempre estivesse ali, no seu barraco, a escrever nos restos de papel.

Quantas Carolinas deixamos de ver? É a ficção de Órion que nos mostra que a fome também é matéria escolar.

O trabalho de Mariana é um chamado para aguçarmos o olhar. Em sala de aula, nas ruas. Olhar o que está por trás da indisciplina, da dificuldade de aprendizagem. Nos convoca a mobilizarmos os sentidos para perceber que há potência onde se vê apenas o abandono.

## MÚSICAS PERIFÉRICAS

As músicas estão em ordem de aparição no trabalho

GONZAGUINHA. **Comportamento Geral**. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1973.

EMICIDA (part. Majur e Pablo Vittar). **amarElo** (Sample: Belchior – Sujeito de Sorte). São Paulo: Sony Music; Laboratório Fantasma, 2019.

NINA SIMONE. **Ain't Got No, I Got Life**. Nova Iorque: RCA Studios, 1968.

RACIONAIS MC'S. **A vida é desafio**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002.

CHICO BUARQUE. **Construção/Deus lhe pague**. Rio de Janeiro: Phonogram/Philips, 1971.

MURICA. **Fome**. Brasília: Murica, 2019.

CLARA NUNES. **Canto das Três Raças**. Rio de Janeiro: Odeon, 1976.

ELZA SOARES. **A Carne**. Rio de Janeiro: Maianga Discos, 2002.

LECI BRANDÃO. **Zé do Carçoço**. Rio de Janeiro: Polydor, 1976.

GILBERTO GIL. **Refavela**. Rio de Janeiro: Warner Music, 1977.

TREMENDA JAURÍA. **Codo com Codo**. Madrid: ?, 2018.

RAP PLUS SIZE. **Pano Rasga**. São Paulo: DMNA, OQ Produções, 2016.

VIOLETA PARRA. **Yo Canto la Diferencia**. Santiago: Centauro Moni, 2015.

MC BOB RUM. **Rap do Silva**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1994.

**Uma playlist do spotify foi criada com as músicas utilizadas neste trabalho.**

**Acesse aqui:**

<https://open.spotify.com/playlist/5shfrOa5oCfnPkbPuyZPcu?si=0KM76KFqTc6cRKiNfvSsRg>

IMAGENS:

Características desejáveis para o educador social (p.27) – MAIA, C.M.; LÓPEZ, G. L. Educador social: caminhos que se constroem ao caminhar. In: MACHADO, M.L.S.; MOURA, P.G.M. **Educador Social**: uma construção profissional. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

Mapa Menino Cristão (p.35): FNDE - Projeto Espaço Educativo Urbano e Rural – 6 salas com quadra coberta.

Folder Venha ser um Patrocinador (p.56) – Imagens <https://www.shutterstock.com/pt/image-photo/smiling-african-girl-sitting-desk-class-1086016088>  
<https://soumamae.com.br/alimentacao-refeitorio-escola/>

## ESCRITO COM

ADAMS, C. J. **A política sexual da carne**: uma teoria feminista-vegetariana. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.

ADÓ, M. D. L. **Educação Potencial**: autocomédia do intelecto. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.

AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e a testemunha. São Paulo: Boitempo, 2008.

AGAMBEN, G. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. **O fogo e o relato**: ensaios sobre criação, escrita, arte e livros. São Paulo: Boitempo, 2018.

AQUINO, J. G. **Da autoridade pedagógica à amizade intelectual**: uma plataforma para o éthos docente. São Paulo: Cortez, 2014.

ANDRADE, F. S. Prefácio. In: BECKETT, S. **O despovoador; Mal visto, mal dito**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ARLT, R. **Escritor Fracassado e outros contos**. Lisboa: Livraria Snob, 2018.

ARTAUD, A. **Œuvres**. Paris: Gallimard, 2004.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.



BARROS, M. D. **O livro das ignorâncias**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2016.

BECKETT, S. Not I. In: BECKETT, S. **The complete dramatic works**. London: Faber and Faber, 2006.

BORGES, J. L. **Ficciones**. Madrid: Alianza, 1971.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais**: indicadores apontam aumento da pobreza entre 2016 e 2017. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23298-sintese-de-indicadores-sociais-indicadores-apontam-aumento-da-pobreza-entre-2016-e-2017#:~:text=Estas%20s%C3%A3o%20algumas%20informa%C3%A7%C3%B5es%20da,IBGE%20e%20de%20outras%20fontes.>> Acesso em: 29 de junho de 2020.

BURGOS, M. B. Cidade, territórios e cidadania. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 1, p. 189-222, mar. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582005000100007&lng=pt&nrn=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582005000100007&lng=pt&nrn=iso)>. Acessos em 03 jul. 2019.

CAMARGO, M.R.R.M. (org.); SANTOS, V. C. C. (colab.) **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação** [livro eletrônico]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

CAMPOS, J. D. P. D. **Cartografia de vida no trabalho educativo com jovens e adultos**: conversas-em-ação. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.

CARDOSO FILHO, C. A. A subjetividade, o Fora e a cidade: repensando o sujeito, o espaço e a materialidade. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 242-251, Agosto. 2016. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-02922016000200242&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922016000200242&lng=en)>

&nrn=iso>. Acesso em 29 jun. de 2019.

CHRISTOFARI, A. C.; FREITAS, C. R.; BAPTISTA, C. R. Medicalização dos Modos de Ser e de Aprender. In: **Educação & Realidade** v. 40 n.4, p.1079- 1102. Porto Alegre: out./dez. 2015.

CLARETO, S. M.; OLIVEIRA, M. E. Experiência e dobra teórico-prática: a questão da formação de professores. In: CLARETO, S. M.; FERRARI, A. (orgs). **Foucault, Deleuze e Educação**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

CORAZZA, S. M. Método Valéry-Deleuze: um drama na comédia intelectual. **Educação Real**, Porto Alegre, 37, dezembro 2012. 1009 - 1030.

CORAZZA, S. M. A formação do professor pesquisador e a criação pedagógica. In: CORAZZA, S. M. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013.

CORAZZA, S. M. et al. Didática da Tradução: transcrições do currículo no projeto escrituras. In: CORAZZA, S. M. (org. ). **Docência-pesquisa da diferença: poética de arquivo mar**. Porto Alegre: Doisa; UFRGS, 2017.

DALL'AGNOL, A. Produção de Alimentos e saúde da população. In: EMBRAPA SOJA. **Blog da Embrapa Soja**, 2017. Disponível em: <<https://blogs.canalrural.com.br/embrapasoja/2017/06/13/producao-de-alimentos-e-saude-da-populacao/>> Acesso em: 20 de junho de 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAYRELL, J.; CARRANO, P. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (orgs). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. [S.I.]: Editora UFMG, 2014.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo. Cinema II**. São Paulo: Brasiliense,

1990.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2** vol.2. São Paulo: Editora 34, v. 2, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2011.

DERRIDA, J. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume , 2001.

DERRIDA, J. **A Escritura e a Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DERRIDA, J. **O animal que logo sou (A seguir)**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DUVIVIER, G. Vergonha parcelada. In: DUVIVIER, G. **Caviar é uma ova**. Lisboa: Tinta da China, 2015.

ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ERMINIA, M. MetrÓpole, legislação e desigualdade. **Estud. av.**, São Paulo, v. 17, n.48, p.151-166, ago.2003. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000200013&Ing=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000200013&Ing=pt&nrm=iso)>. Acesso em 25 jun. 2019.

ESQUINAS-ALCÁZAR, J. Jogamos fora 30% dos alimentos que compramos, metade sem nem abrir o pacote. In: **Cadernos IHU em formação** / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2005)- .– São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2005.

ESQUINAS-ALCÁZAR, J. Eliminar a fome requer inteligência e ética. In: **Cadernos IHU em formação** / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2005)- .– São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2005.

ESQUINAS-ALCÁZAR, J. O carrinho de compras deve ser transformado em carro de combate. In: **Cadernos IHU em formação** / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2005)- .– São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2005.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**. São Paulo: Elefante, 2019.

FILHO, H. D. S. Criatividade e potencialidade: A inspiração é um cachorro preto, um doberman bem aí atrás de você. **Revista Psicologia Atual**, São Paulo, outubro 1982.

FISCHLER, C. A “McDonaldização” dos costumes. In: FLANDRIN, JL; MONTANARI, M. (orgs.). **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FNDE. PAR - Plano de Ações Articuladas. **Portal FNDE**, 2017. Disponível em:

<<https://www.fnde.gov.br/programas/par/eixos-de-atuacao/infraestrutura-fisicaescolar/item/5957-projeto-espaco-educativo-urbano-e-rural-6-salas-comquadra-coberta>>. Acesso em: 15 fevereiro 2019.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências

humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. Tecnologias de si. **Verve**, São Paulo, n.6 2004. 321-360.

FOUCAULT, M. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2013.

FREITAS, M. C. **Agonia da fome** [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Salvador: EDUFBA, 2003. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. acesso em: 20/05/2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GADIOLI, M. F.; MÜLLER, T. M. P. Branquitude e contexto escolar. In: MÜLLER, T. M. P.; CARDOSO, L. (orgs). **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris, 2017.

GALLO, S. Filosofias da Diferença e Educação: o revezamento entre teoria e prática. In: CLARETO, S. M.; FERRARI, A. (orgs). **Foucault, Deleuze e Educação**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOUSTON, N. **A espécie fabuladora**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

KRISTEVA, J. **Meu alfabeto**: ensaios de literatura, cultura e psicanálise. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

KONRAD, S. Dos ultraprocessados aos alimentos: resgatando a boa nutrição? In: **Cadernos IHU em formação** / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2005)-.– São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2005.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LEÃO, G.; CARRANO, P. O Jovem Milton: a individuação entre a igreja e a educação social, Porto Alegre, v. 38, n. n.3, p. 895-914, 2013.

LISPECTOR, C. Amor. In: LISPECTOR, C. **Laços de família**: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACHADO, M. L. S.; MOURA, P. G. M. (orgs). **Educador social**: uma construção pedagógica. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

MARÇAL, J. B. **Dicionário ilustrado da esquerda gaúcha**: anarquistas, comunistas, socialistas e trabalhistas. Porto Alegre: Palmarinca, 2008.

MARTINS, José de Souza. **Uma sociologia da vida cotidiana**: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre. São Paulo: Contexto, 2014.

MATOS, S. R. D. L. Imagens de escreleituras. In: CORAZZA, S. M.; MATOS, S. R. D. L.; SCHULER, B. (orgs). **Caderno de notas 6**: Experimentações de escrita, leitura e imagem na escola. Porto Alegre:

UFRGS; Doisa, 2014.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MENEZES, F. Superar a mercantilização para garantir segurança alimentar adequada e saudável. In: **Cadernos IHU em formação** / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2005)-. – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2005

MONTERO, R. **A louca da casa**. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

MOREIRA SALLES, J. A dificuldade do documentário. In: MARTINS, J. S.; ECKERT, C.; CAUBY NOVAES, S. (orgs). **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru: Edusp, 2005.

MUNHOZ, A. V.; ADÓ, M. D. L. Criação poética e currículo da diferença. **Pro-posições**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 147-159, set/dez 2017.

MURAKAMI, Haruki. **Romancista como vocação**. São Paulo: Alfabeta, 2017.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral - Uma Polêmica**. São Paulo: Companhia de Bolso, 1999.

PELLEJERO, E. **O que eu vi**: Diário de um expectador comum. São Paulo: Carcará – Pesquisas e Movimentos, 2018.

PERELMAN, M. Prácticas, experiencias y vida cotidiana en la periferia. In: PINHEIRO, L. R. **Identidades em narrativa**: práticas e reflexividades na

periferia. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

PIEADADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PIGLIA, R. **Formas Breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PIGLIA, R. La literatura y la vida. In: PIGLIA, R. **Crítica y ficción**. Buenos Aires: Contemporánea, 2014.

PINHEIRO, L. R. **Identidades em narrativa: práticas e reflexividades na periferia**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante** – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Porto Alegre: Zouk, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1990.

RINPOCHE, C. T. **O Senhor da Dança: a autobiografia de um lama tibetano**. Três Cororas: Makara, 2013.

RINPOCHE, C. T. **Para abrir o coração: treinamento para a Paz de Chagdud Tulku**. Três Cororas: Makara, 2013.

ROMANO, L. **O teatro do Corpo Manifesto: teatro físico**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SAER, J. J. **El concepto de ficción**. Buenos Aires: Seix Barral, 2014.

SANTOS, K. D. **Intencionalidades em conflito: um estudo das práticas**



educativas de ONGs. Tese (Doutorado). São Leopoldo: Unisinos, 2015.

SILVA, T. T. Adeus às Metanarrativas Educacionais. In: SILVA, T. T. **O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SINGER, P. Os efeitos da crise econômica sobre o estado de nutrição dos brasileiros. In: Minayo, Maria Cecília de Souza (org.) **Raízes da fome**. Petrópolis: Vozes, 1985.

SMITH, P. **Devoção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, D. P.; CARRARO, A. **Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil**. São Paulo: Seguinte, 2018.

SOUZA, J. **Ralé Brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

STANISLAVSKI, C. **A preparação do ator**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SURIAN, T. Alinhavando contextos sociais escritos: o ato de escrever e leitura de si. In: CAMARGO, M. R. R. M. (org.); SANTOS, V. C. C. (colab.) **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação** [livro eletrônico]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

TREVISAN, D. **Capitu sou eu**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VALÉRY, P. **Monsieur Teste**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

VALÉRY, P. **Alfabeto**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

VALÉRY, P. **Lições de Poética**. Belo Horizonte: Âyné, 2018.

VEIGA, José J. **Sombras de reis barbudos**. 23. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 1998.

VILA-MATAS, E. **Bartleby & companhia**. [livro eletrônico]. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

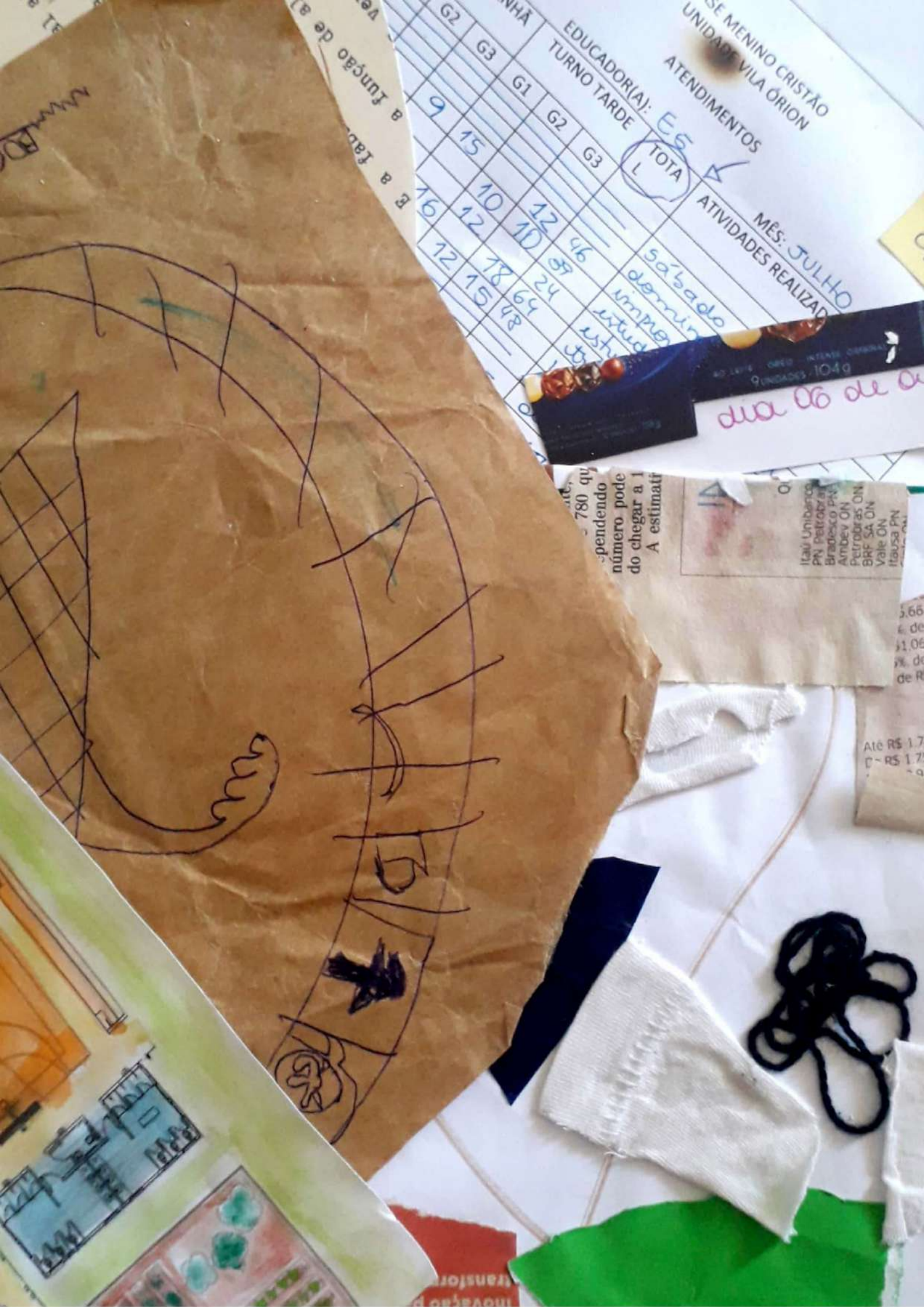
VILA-MATAS, E. **Paris não tem fim**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

VILA-MATAS, E. **Perder Teorías**. Barcelona: Seix Barral, 2010.

WOOD, J. **Como funciona a ficção**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2017.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.



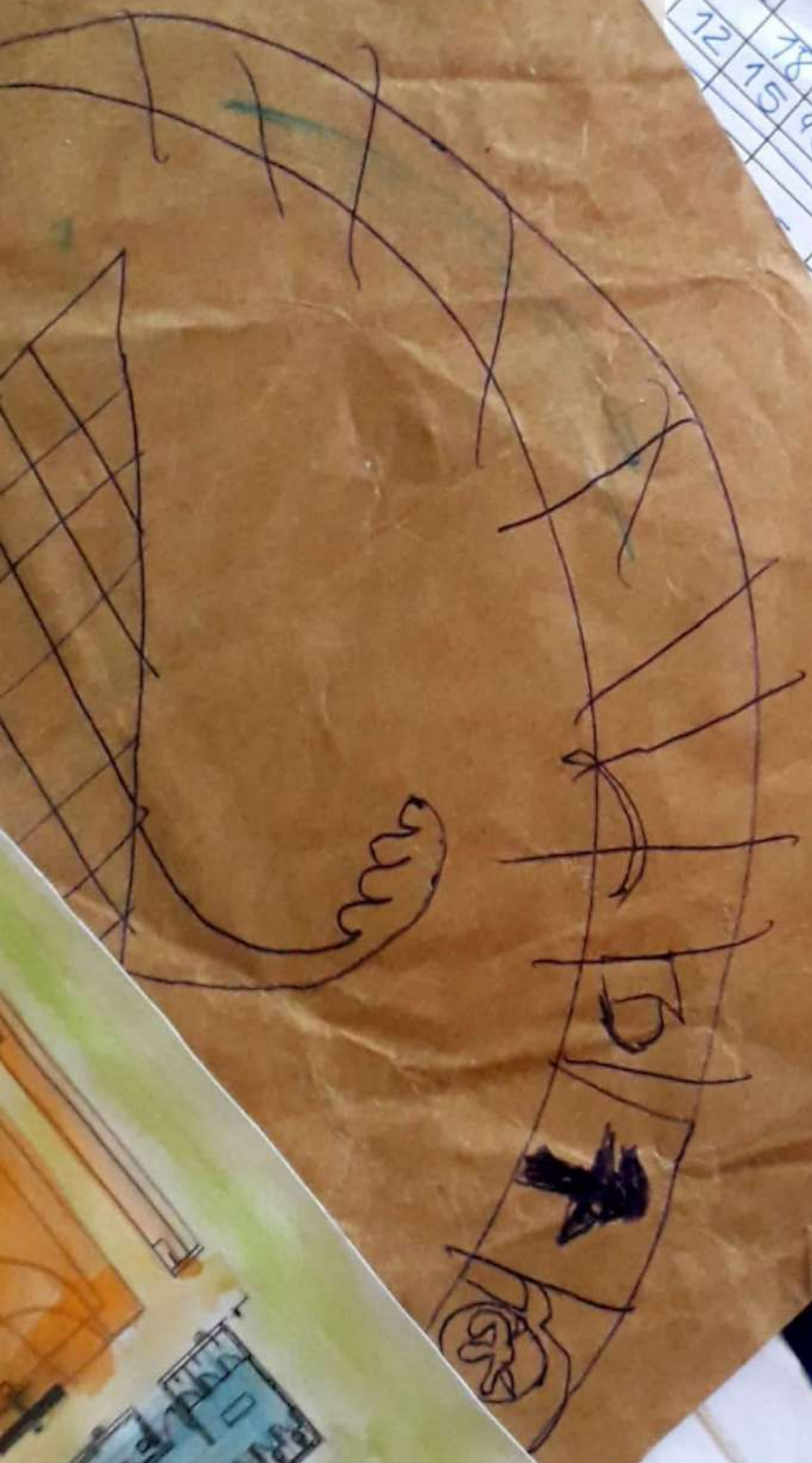
SE MENINO CRISTÃO  
UNIDADE VILA ORION  
ATENDIMENTOS  
MÊS: JULHO  
ATIVIDADES REALIZADAS

EDUCADOR(A):	G1	G2	G3	TOTA
ES	9	15	10	34
L	16	12	12	40
	12	15	10	37
	84	78	64	226
	12	15	10	37

SOBADO  
domin  
simpri  
estud  
estud  
1

NO LEPIS ORO - INTENS ORIGINAL  
9 UNIDADES - 104g

dua 06 de a



pendendo  
número pode  
do chegar a 1  
A estimati

Itaú Unibanco  
PN Petrobras  
Bradesco PN  
Ambiev ON  
Petrobras ON  
BRF SA ON  
Vale ON  
Itausa PN

3,66  
de  
1,05  
% de R

Ate R\$ 1.7  
R\$ 1.7



transfor  
inovação p